Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO .61.° N.° 20 810
Março 1982
Quinta-feira
25 15$00

Ribeiro Teles: a oposição não o deixou falar

Governo perdeu "guerrilha institucional" com a AR

Oposição em bloco abandona Parlamento

Maioria dividida no apoio a Balsemão

O Governo de Pinto Balsemão averbou, ontem, no Parlamento, uma grave derrota política. Ao pretender desvalorizar o debate da moção de censura do PCP, criou uma «guerrilha institucional» entre dois órgãos de soberania: Executivo e Assembleia da República, de que sairia claramente derrotado. A oposição em bloco, mas também o Grupo Parlamentar do CDS, manifestara-se contra a ausência do Primeiro-Ministro no início do debate da moção de censura. Já ao princípio da noite, uma «mensagem», fabircada «in extremis», declarava que Pinto Balsemão prescindira do direito de intervir no princípio deste debate. A oposição – depos de ouvir ler o texto – decidiu retirar-se do hemiciclo, não sem que antes o Partido Comunista anunciasse que retirava a moção de censura. Com esta atitude o Primeiro-Ministro Pinto Balsemão e o Governo estiveram em franca «minoria» no Parlamento. Apenas mereceu o apoio – sem convicção – do PSD. E mesmo aí...

Pág. 5

A maioria da oposição reunida: Magalhães Mota (ASDI), Lopes Cardoso (UEDS), Carlos Brito (PCP), Mário Soares (PS). Foi ontem à tarde, em S. Bento, quando se discutia a atitude de Pinto Balsemão

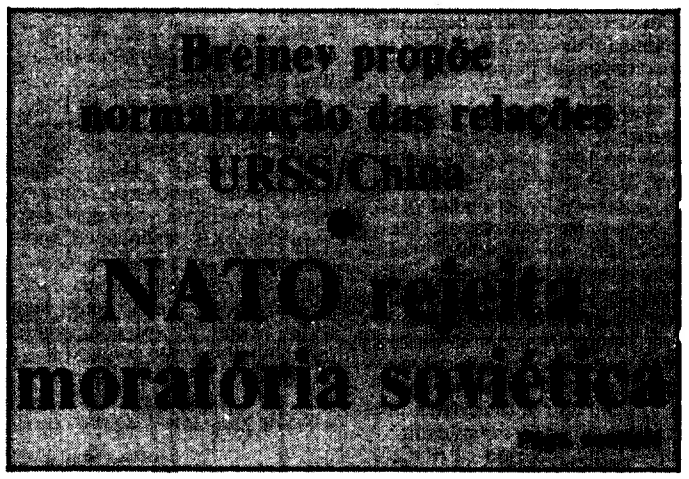
PCP retirou moção de censura

Duas listas GCTP nos Têxteis do Centro

Tendência Kalidás ganha eleições

Pela primeira vez na história do Sindicato dos Têxteis do Centro, duas listas reclamando-se da CGTP-Intersindical concorreram, como rivais, às eleições. Ganhou a lista que representa a «tendência Kalidás». Elementos de ambas descreveram ao «DL» as razões de ser da separação, sublinhando que não se trata de um «conflito generalizado». Kalidás Barreto disse-nos, a propósito deste «caso dos Têxteis do Centros», que a diversidade de pontos de vista no seio da Central Sindical testemunha, sobretudo, a sua vitalidade.

Pág. 6



HOJE HÁ «LER/ESCREVER»

No nosso suplemento literário de hoje fala-se de Alexandre Herculano, Caroline Fox, Herberto Hélder e outros, continuando também a publicar-se fragmentos de comunicações do II Congresso dos Escritores Portugueses sobre questões de literatura portuguesa. No «Ler-/Escrever» colaboram Fausto Lopo de Carvalho, Armando Silva Carvalho, Maria Ondina Braga, José Ferreira Monte, Luís de Miranda Rocha, etc.

Venceu sem aquecer o público

Borg não quebrou "ice" em Cascais

Bjorn Borg venceu ontem sem brilho o jogo de qualificação para a final do torneio de Cascais, na qual se vai defrontar com o americano Vitas Gerulaitis. Um Borg diferente, a falhar bolas de principiante, não conseguiu aquecer o público de Cascais, que terá enchido apenas meia casa. Hoje o campeão, segundo todos os prognósticos, poderá quando muito repetir o resultado de Copenhaga e averbar um segundo lugar no torneio.

Pág. 16

Mulher computador

Com a cabeça inclinada para a frente e os olhos vendados uma mulher extraía uma raíz a um número de 201 algarismos. Precisou de quatro minutos para encontrar a solução.

Chacuntala Devi, uma indiana de 37 anos, já competiu, em cálculo mental, com grandes computadores de Inglaterra, Austrália e África do Sul. Venceu sempre. Na Austrália, por exemplo, começou a dar as respostas antes mesmo do programador ter concluído a introdução dos dados no computador.

Um grupo de investigadores da Universidade de Dallas, nos EUA, decidiu confirmar as aptidões de Chacuntala propondo-lhe um exercício em competição com um computador.

Não foi fácil descobrir um computador adequado a tal fim, dado o grande número de algarismos. Foi escolhido um UNIVAC-1108, em que foram introduzidas cerca de 20 ordens e informações antes de poder iniciar os cálculos.

O computador apresentou a resolução passado um minuto enquanto Chacuntala Devi gastou exactamente 50 segundos na operação.

«Não sei explicar»

Chacuntala responde com um «não sei» quando interrogada sobre a explicação da sua capacidade de cálculo. «Na realidade, eu própria não sei como isso se passa. O principal é uma concentração absoluta. Depois tudo se passa automaticamente. A resposta surge-me».

Aos seis anos Chacuntala extraía facilmente raízes cúbicas de três e quatro algarismos. Apresentou-se na Universidade de Bangalor e, depois disso, percorreu mais de cem países.

Nas apresentações, Chacuntala começa com problemas «simples»: raízes cúbicas de um número de seis ou sete algarismos e passa, depois, para números de 10 a 12 algarismos. Além disso, pode responder, quase instantaneamente, que dia da semana corresponde a uma data escolhida nos últimos cem anos.

Os médicos também não sabem explicar o fenómeno. Nos últimos 150 anos detectaram-se três ou quatro pessoas com esta faculdade. De acordo com os dados do «Livro dos recordes de Guiness» só uma pessoa se aproxima, pela capacidade de cálculo, com Chacuntala. É o dinamarquês Wim Klein que em 1973 extraiu uma raíz do 23.° grau a um número de 200 algarismos. Mas gastou dez minutos na operação. (NOVOSTI)

Seychelles
-o preço da liberdade

A República das Seichelles formada por cerca de cem ilhas, situa-se no oceano Índico, a 1.600 quilómetros da costa oriental da África. Algumas das ilhas distam mil quilómetros umas das outras, enquanto a sua área total é inferior a 300 quilómetros quadrados.

A população, constituída principalmente por crioulos, descendentes dos franceses, muitos dos quais se misturaram com os africanos trazidos em tempos para as ilhas como escravos, cifra-se em cerca de 62 mil.

A economia baseia-se no turismo e na exportação de copra.

No passado, as Seichelles foram uma colónia francesa e, mais tarde, britânica. Em 1976, a Grã-Bretanha concedeu-lhes a independência, tendo o cuidado de que o poder fosse transferido aos seus protegidos.

James Mancham pertencente ao Partido Democrático das Seichelles, organização defensora dos interesses colonialistas no país, tomou o poder. A política externa de Mancham era de estreita ligação com a África do Sul. Internamente destruiram as plantações de coco e chá para construir grandes hotéis. Ilhas como «Mahé» são conhecidas desde há muito como «paraísos perdidos» visitados por turistas em busca de exotismo e paisagens paradisíacas. Aproveitando-se deste facto foram vendidas ilhas inteiras a estrangeiros.

Depois de adiar por duas vezes eleições no país, Mancham foi derrubado e Albert René, líder do partido agora governante, Frente Progressista do Povo das Ilhas Seichelles, tornou-se presidente e chefe da República.

René declarou como seu objectivo principal liquidar a opressão classista e racista e construir uma sociedade baseada na justiça social. Propôs-se reorganizar o turismo em novas bases. Nas ilhas realizam-se transformações progressistas, em particular, a reforma agrária. Foi introduzido um sistema democrático da educação: o ensino na escola primária e secundária tornou-se gratuito. Melhora-se o sistema de Saúde Pública. Numa palavra, o povo das ilhas Seichelles dedica-se à construção pacífica.

Em 1979, o partido liderado por Albert René (SPUP) foi transformado em Frente Progressista do Povo das Seichelles. Ainda nesse ano, o poder foi institucionalizado obtendo a Frente 98 por cento da votação em eleições onde apenas cinco por cento da população se absteve. O plano económico 1978-82, além da prioridade à agricultura como forma de auto-suficiência deu principal força à indústria pesqueira e avançou com acordos de prospecção petrolífera com empresas internacionais.

Entretanto, as várias medidas governamentais não agradaram a países como a África do Sul. Logo em 1978, as Seichelles assistiram a uma tentativa de golpe de Estado semelhante ao ocorrido nas Comores.

Mercenários tentam derrubar governo

Mais recentemente, em Novembro último ocorreu neste país uma nova tentativa de golpe de Estado. Mercenários chegaram ao aeroporto da capital num avião de carreira da companhia suazilandesa disfarçados de equipa de «rugby». Descobertos pelas tropas do Exército Popular de Segurança puseram-se em fuga ocupando um avião indiano que os conduziu a Durban.

Os passageiros do avião sequestrado disseram que entre os mercenários se encontravam cidadãos da RSA, oficiais do antigo Exército rodesiano, americanos, ingleses, alemães-ocidentais, franceses, italianos.

É curioso o facto de as autoridades da RSA que os mercenários seriam julgados... pelo desvio de um avião. Mas, passado pouco tempo, 39 dos detidos foram postos em liberdade.

Esqueceu-se o facto de os mercenários terem atacado à mão armada um Estado soberano e travado combates no seu território, causando vítimas.

A propósito do 24 de Março de há 20 anos

«Lutemos com unidade pela nossa autonomia } **bis**

Que para a Universidade há-de vir um novo dia» } **bis**

(do Hino do Estudante — 1962/65)

Ansemo Aníbal *

«Antes do mais, o medo é a impotência sobre o futuro. É a admissão de que o presente é inalterável. É crer que a vontade e a acção nada podem sobre as circunstâncias. Quem tem medo, não tem confiança na eficácia das suas tentativas para transformar o mundo; submete-se a ele. (...) Se tem medo, se tem muito medo, aja. E o medo morrerá».

(in «Unidade Estudantil», edição das Associações de Estudantes de Lisboa, n.° 7, Março de 1965)

1. Em 24 de Março de 1982 comemoram-se 20 anos sobre o Dia do Estudante de 1962. É um facto indesmentível que esse Dia do Estudante **é sequência de uma luta organizada e de anos, do conjunto dos universitários portugueses e das suas associações de estudantes** pela adopção de um modelo de organização da Universidade, diverso do ditado pelas autoridades fascistas do tempo. **No período posterior à publicação do dec.-lei 40.900** (decreto de 12 de Dezembro de 1956, que «tentava» actualizar a legislação circum-escolar de 1932), lutou-se claramente contra tal diploma que consignava um conjunto de atentados graves aos mais elementares princípios de tradição associativa: aboliam-se as assembleias gerais, exigia-se a autorização do director da escola para quaisquer realizações, determinava-se a presença de um delegado permanente do director da escola, junto de cada associação. Essa luta assumiu formas não previstas pelas autoridades: foram estabelecidos contactos com ordens e sindicatos, com os Conselhos escolares das diversas escolas, com a Imprensa, distribuindo-se o texto do diploma e promovendo-se a sua discussão em assembleias gerais. A presença, na Assembleia Nacional fascista dos estudantes quando da discussão do decreto e as manifestações públicas em Lisboa e Coimbra, exemplificam bem o clima vivido e os problemas que trouxe às autoridades de então.

O próprio 40.900 e a luta a que conduziu as associações e o conjunto dos estudantes, originou um passo decisivo para «a real identificação do pensamento de todos os dirigentes de Lisboa, fortalecendo substancialmente as estruturas de cúpula e foi o primeiro passo importante para a unidade da base estudantil de toda a Universidade»(1).

De 1958 a 1960 sublinhe-se uma actividade organizativa, na continuidade ao processo criado pelo 40.900. A luta conscienciализara camadas mais latas de estudantes. Lembre-se, aliás, o que não foi publicamente invocado em alguns Seminários de Estudos Associativos dos anos 60, mas que estava, como é evidente, na mente de todos: **a campanha de massas de 1958 quando da «eleição» presidencial.** «A Universidade e o momento político actual» é o nome dum texto da responsabilidade da Comissão Cívica Eleitoral dos Estudantes Universitários, publicado nessa altura: nele se salientavam, com dados e números em apoio, que «o fim cultural da Universidade não se realiza actualmente»; que «os órgãos universitários são ineficientes», que «a universidade é tecnicamente ineficaz» alheando-se «da integração na Nação»; que «o acesso à Universidade não é livre, por os estudantes serem apenas representantes de uma pequena parte das forças vivas da Nação». Sublinha-se, então, que não «existe extensão universitária», por os «interesses militares se sobreporem aos da formação universitária» e por o orçamento da Educação ser mínimo (8,8% do total do OGE em 1957 e 8,4% em 1958).

Este texto, que tem muitos outros aspectos reveladores e ricos(2) **assume, como é evidente, a dimensão claramente política, que entretanto, os textos subscritos pelas A.E. não podiam ter, embora expressassem também um conteúdo claramente assumido contra a política educativa, universitária do fascismo.** Aliás, em 1958, no V Dia do Estudante (19 de Março de 1958), entre outras manifestações, destacou-se a do plenário para discussão dos temas relativos às organizações circum-escolares universitárias.

Foram presentes 6 teses sob o tema geral «Para um melhor enquadramento das organizações de estudantes».

Sublinhe-se, ainda, que em 1960, o Dia do Estudante é repartido por 3 dias de trabalho e comemoração, mostrando já uma nova movimentação do trabalho na área da Universidade: a eleição de uma «diferente» Direcção-Geral da A.A.C. em Coimbra, é o sinal de um movimento cada vez mais generalizado aos estudantes portugueses.

2. Em 1961 já o Dia do Estudante é composto de 4 dias (16 a 19 de Março). Há colóquios, festival desportivo, sarau cultural, jantar (no ginásio da Associação do Técnico), há uma participação crescente de todas as academias e de um número maciço de estudantes. Como se sublinha na tese já citada(3), tal movimentação é resultante, também, de um conjunto de iniciativas que desde a «tomada da Bastilha» (25 de Novembro em Coimbra, com delegados de Lisboa e Porto), à reunião nacional de Organismos Associativos Estudantis Portugueses (16 e 17 de Dezembro de 1961), à realização do 1.° Encontro Nacional de Imprensa Universitária (11 e 12 de Março de 1961).

Tudo isto tem lugar num clima político de grande tensão. A guerra colonial eclodira em Angola (4 de Fevereiro). A disposição de muitos em lutar contra o fascismo e o colonialismo acentuou-se. Em Abril de 61, tiveram lugar, aliás, tentativas de golpe de Estado contra Salazar. Movimentos populares tinham variadas expressões. A «campanha» de Out. 61 é, mais uma vez, momento de luta contra o regime e denúncia alargada do que o caracteriza.

3. Conhecem-se as razões imediatas da «crise» estudantil de 1962. Acentua-se, desde o início de 62, uma situação de luta nas Escolas: os estudantes não aceitam cooperar nas comemorações dos cinquenta anos da Universidade Clássica pelas restrições feitas à participação estudantil, manifestando-se perante o então chamado Presidente da República; a Cantina Universitária de Lisboa que fora entregue a particulares (sendo a sua administração ridicularizada, visando-se os administradores - ganhadores e as autoridades académicas), acaba por ser gerida por uma comissão mista de estudantes e professores.

A 24.3.62, data do Dia do Estudante, a Cidade Universitária, ao Campo Grande, em Lisboa, apareceu bloqueada pela Polícia. O ministro da Educação fora avisado (desde meses antes) da realização do «Dia do Estudante». Esse bloqueamento e as provocações que se lhe seguem, estão na razão directa da concentração de milhares de estudantes e do luto académico que se vai seguir nos meses seguintes. Quem viveu esses momentos e a sequência dos acontecimentos, recorda-se, sem dificuldade, do trajecto de muitos estudantes para o restaurante do Lumiar onde se iriam discutir os problemas e das agressões de que foram vítimas.

As adesões, dos primeiros momentos, de Conselhos Escolares, a demissão do Reitor da Universidade Clássica – em conflito com a orientação do ministro do Interior e em busca de certa imagem de «liberalidade» que lhe terá servido em 68-69 para a chamada «primavera marcelista» – o próprio recuo – aparente – do Governo, são bem significativas da amplitude e da força do movimento estudantil. As Assembleias Plenárias tinham – em regularidade e em convocação sumária – milhares de presenças, a decisão democrática impôs-se como metodologia de acção e a criação, na luta, de muitos quadros, era elemento fundamental que decorria da acção dos estudantes que se colocavam, assim, «numa das primeiras filas do movimento antifascista» (4). Refiram-se os movimentos de Maio de 62 contra as 1500 prisões em Lisboa e Coimbra e ligue-se isto às lutas de operários agrícolas e industriais, designadamente àquelas que, embora vindo de longe, tiveram uma importante expressão de massas, exactamente em Maio de 62: a luta pelas 8 horas e, em vários locais, pelos 40$00 de jorna. Refiram-se as prisões de dirigentes e as expulsões e ligue-se isto à política descarada de mentira que as autoridades fascistas prosseguiam na comunicação social e à política de repressão que prosseguiam em Portugal e em Angola, designadamente.

Não se pode deixar de concluir, daqui, que houve uma direcção de luta estudantil que não só coesistiu com a luta geral contra o fascismo e o colonialismo, como se inseriu nela e lhe deu a força da sua expressão própria; para mais, saliente-se (e reitere-se) que a ligação entre dirigentes e estudantes assumiu formas de auscultação muito capazes, dando uma expressão de reforço democrático ao movimento estudantil. A condução da luta, nas circunstâncias difíceis que se conheceram então, teve em conta amplas camadas estudantis e a sua disposição à defesa dos interesses globais dos estudantes portugueses, procurando-se também o apoio da grande maioria do corpo docente – mas denunciando-se, sem hesitações, os docentes que hostilizavam e caluniavam os estudantes – e da população – tanto em Coimbra (visível no apoio do comércio de Coimbra) como em Lisboa (a nível de petições e comunicados de intelectuais, médicos, etc.).

A análise demorada – e devidamente documentada – da crise de 1962 continua a fazer-se. Sugerimos que se reúnam os documentos da época e os depoimentos necessários, para fazer uma aproximação, mais sistematizada, ao assunto, de tantos reflexos, na sequência do processo político português.

4. Lembro-me que, numa das RIAs de 64-65 – em conversa de corredor – se lembrava o facto de a greve da Universidade de Coimbra de 1907, ter procedido, em 3 anos, a queda da monarquia e o advento do regime republicano... Não partíamos daí – naturalmente – para o esquematismo primário de que as «coisas» aconteceriam em determinado momento: mas não dúvida que a crise de 62 e os seus prolongamentos até 65 – e, posteriormente, os movimentos de 69-72 até à queda do fascismo – contribuíram largamente para a compreensão – por parte de muitos e muitos – de que lado estavam em relação ao problema político. **Os movimentos estudantis – assumindo uma importante expressão de massas, criando e estruturando uma consciência antifascista que muitos assumiram, forjando quadros e técnicos que, para além da dimensão profissional e científica, ganharam no ano do seu percurso pelas Universidades, uma largueza de horizontes que a ditadura, que se abatera sobre o País, não queria, manisfestamente, que existisse – foram importantíssima escola de formação de quadros que ajudaram ao amplíssimo movimento de resistência que fez eclodir variados tipos de lutas, com o consequente alargamento da consciência a novas camadas e grupos sociais.**

5. Os anos seguintes, com vitórias e inêxitos, continuam 1962.

O Decreto-Lei 44632 (de 15 Outubro de 1962) vem estabelecer um novo regime das actividades circum-escolares, procurando ainda, aparentemente, ter em conta a situação das organizações circum-escolares cujos «corpos gerentes foram privados de funções em consequência de despacho ministerial de 13 de Abril de 1962». A luta contra tal decreto-lei esteve na primeira linha da preocupação dos estudantes e dirigentes estudantis de 63, 64, 65. Numa carta aberta, colectivamente assinada por presidentes das Associações e Pró-Associações da Universidade de Lisboa, nos inícios de 1965 situava-se bem o problema, face ao destinatário da carta, o então ministro da Educação Nacional, prof. Galvão Teles. Dizia-se nessa carta – e referindo-se a um discurso desse ministro de finais de 1964 – que as tentativas de recuperar a Mocidade Portuguesa eram vãs. Aliás, sublinhava-se também, que «vários são os agrupamentos de minorias activistas que a Universidade tem conhecido, extinguindo-se todos eles em curto prazo de tempo, não por falta de encorajamento do exterior, mas por falta de audição no interior. Assim é que, por cá, têm desfilado o Movimento Nacional Sindicalista, o Movimento Jovem Portugal, o Movimento dos Estudantes Universitários de Portugal (conhecido por Meu Portugal), a Acção Académica e a Frente dos Estudantes Nacionalistas – os quais são apenas sucessivas e precárias tentativas de salvar as ideias do desprestígio das organizações. A sua eficácia é diminuta e a sua vida é efémera – mas a da Mocidade Portuguesa nem isso: na Universidade, a MP não tem vida, é uma mera tabuleta.»

Ligado directamente ao problema da legislação, situa-se o problema da legalização das Pró-Associações. Mas para além destes problemas claramente estudantis, abordam-se nesses anos – continuam a ser abordados – problemas como os das estruturas institucionais nas Universidades: é assim que, na carta aberta já referida, são apresentados como pontos 1 e 2 de pontos a resolver o «da eleição dos reitores e directores pelos órgãos universitários re-

Continua na pág. 3

FOLHETIM ARTÍSTICO

Fotos e refotos de 1940

José-Augusto França

Há trinta anos exactos escrevi um artigo em que à «objectiva» da máquina fotográfica chamei «subjectiva»; era a propósito das fotografias do Fernando Lemos então expostas, com obras de pintura dele próprio, do Azevedo e do Vespeira, numa loja luxuosa do Chiado – honra seja a todos eles e à loja também, que era e é a Jalco. Do escândalo da exposição, filha do surrealismo recente em Portugal, rezam as crónicas do tempo e a memória de gente ainda viva.

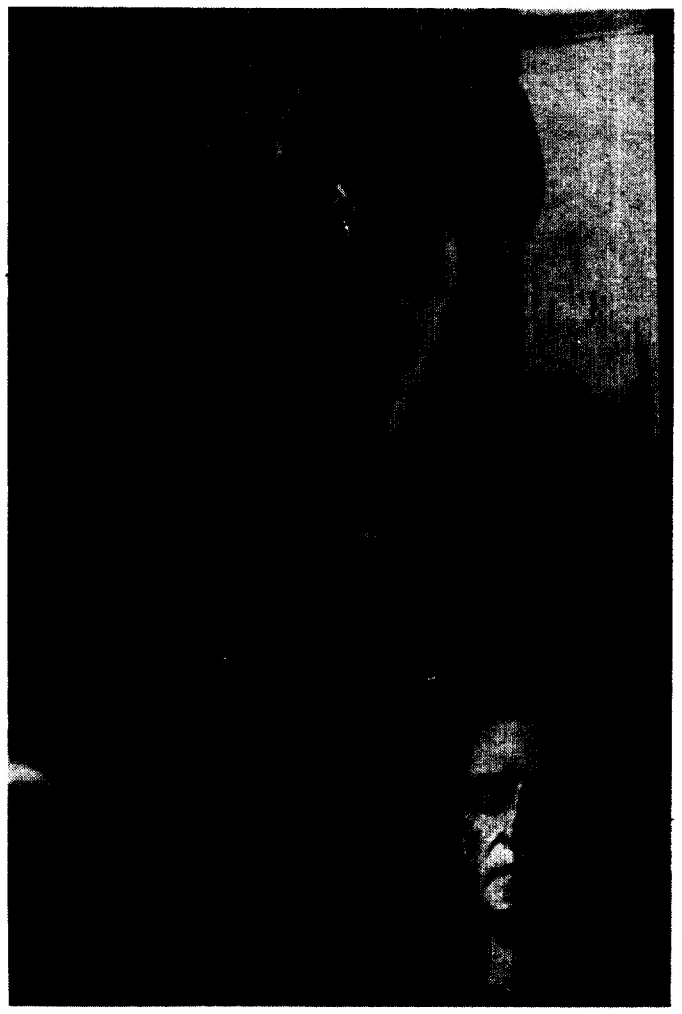
De gente que há dias estava no «vernissage» da exposição de «Refotos» que o Lemos trouxe do Brasil à S.N.B.A. Gente ou «Re-gente» a quem o tempo de trinta anos deu repetição de ser, no novo tempo em que se reviu a tal distância – muita já, ou pouca, na pouca terra que tem ou temos...

O Fernando Azevedo disso mais ou menos isso no prefácio que escreveu para o catálogo, e admiravelmente – porque nem na sua prosa nem nas retiragens fotográficas do expositor há sombra da saudade do costume, ou da ironia que a disfarça. Ou da amargura que se esconde, nos «lutos da memória». As coisas são diferentes, apenas – ou afinal iguais, que tudo vem ao mesmo, nem melhor nem pior. Outros os códigos do tempo, outros os tempos e as vontades, e as verdades também, que nunca há.

De retrato para retrato exposto, isso se vê. Olha este, olha aquele, morto ou vivo (e mortos são muitos já): o Pedro, o Casais, o Sena, a Mitrani, o Roberto de Araújo, o Augusto de Figueiredo, mais algum, mesmo que pareça vivo – e nas imagens fixadas se move o destino que lhes coube e nelas se imprime por dentro da película brilhante do embrulho. Porque são, por assim dizer, psicológicos os retratos, afiançando o que o crédito da legenda nos dá de informação. Olha este, olha aquele – e somos nós, tal e qual. Achar que mais fomos do que somos, é malevolência do tempo e da história, porque a imagem perdura e só por isso têm direito de ser mortais as pessoas.

Cada figura seu sonho. Minto (mentimos todos, e sempre): cada sonho sua figura, porque é disso que todos os sonhos andam à procura – de uma figura que os encarne e seja, em carne e osso, alma e sexo.

E então um historiador com imaginação e sabendo ler imagens (o que é raríssimo) verá muita coisa, nas caras dos seus mais ou menos semelhantes. Coisas do tempo final da década de 40 quando era entorpecido o país e torpe a pátria, entre pides, censores e uma governagem de deficientes morais que só à sombra de uns e de outros podia existir! Tudo isso lá está, na geração que somos, os retratados do Lemos, entre sombras sem complacência, luzes propositadas, e alguma sobreposição. Sobreposição de imagens sempre, note-se, no mesmo campo da película e não depois, juntando películas para a revelação; Fernando Lemos insiste nisso, que regem outras leis poéticas de acaso e outros riscos também, que nenhum esteticismo expressionista cobre. Ora a informação visual que daí resulta é mais do que iconográfica, não vingando só pela multiplicação dos narizes, mas pelo poder plástico da imagem que cria sempre e necessariamente uma meta-iconografia, na meta-linguagem (diga-se) em que toda a obra de arte é falada, escrita, pintada ou fotografada. Os lados por que a figura é vista,



agrupando-se no que o acaso dá, não são mais (nem menos) do que enfoques ou falares da máquina que a outras figuras podem aplicar-se, concreta ou abstractamente. Sempre abstractamente, afinal, que outra maneira não há de tomarmos conta da realidade.

Uma árvore seca de quintal pobre, onde tudo foi caindo e ficando colado, sem salvação de tempo, outra em que, no recorte do contra luz, os raminhos e os pardais se perfilam graficamente, um «plongé» sobre um simples passeio empedrado, uma mulher muito nua de bruços e outra de perfil, ou uma cabeça de manequim entre braços pendurados esperando corpos, ou não sei que dobras de lençol sem recheio – são as coisas que são e, sobretudo, são outras em que se tornam, na superfície do papel, em outro sentido apanhadas e restituídas ao antes de ser inicial. Tal como as pessoas retratadas nos recortes da luz, à procura de um ser anterior que lhes seja a verdade possível, tão necessária quanto insuficiente.

Assim, de uma fotografia para outra, alternadas nas paredes da sala, gentes e coisas se sucedem. Coisas que o não são, gentes que procuram sê-lo...

Tê-lo-ão sido? Cada geração tem as suas «esperanças comuns». Foi este o título de uma obra do Casais Monteiro, que seria o romance da sua geração. Não chegou a existir (uma parte veio a dar os «Adolescentes», em 1945), o que não deixa de ser significativo, para o autor, para a geração – e para as esperanças formuladas ou formuláveis em comum, no Portugal desses anos 40.

Porque é de tais anos que se trata – e as fotografias de Fernando Lemos, na sua originalidade do tempo, no «daté» que têm como devem ter em seus encontros surrealistas, são disso documento, entre gentes e coisas, como acima se diz. Documento de esperanças que sempre acabaram não acabando, pela força da verdade que as iludia. Outra coisa elas não podiam ser, então – e as nossas caras o dizem, com a devida melancolia – não do passado que agora têm mas do futuro que iam ter...

O resto está nos trinta anos que passaram por estas dezenas de fotografias vistas como uma informação sem dúvida preciosa e única, por sua via, a par do que então se pintou ou escreveu.

Assim como não é aos artigos de fundo do «Diário de Notícias» de Portugal e Colónias ou às montras das exposições comemorativas de tantos e tantos anos gloriosos do Estado Novo e do SNI que vai buscar-se a informação certa do que nesses anos se passou, assim melhor do que as reportagens de paradas trôpegas da Legião ou de pascácios presidentes inauguradores, as imagens contrárias do Lemos nos informam. Pelo que dizem, mesmo não dizendo, entre coisas e caras dos anos 40. E esta exposição precede propositada e necessariamente aquela que dentro de breves dias vai ser inaugurada na Fundação Gulbenkian – apontando-lhe, talvez, o sentido maior da história contada, ou sofrida...

A propósito do 24 de Março

Continuação da pág. 2

presentativos» e o da «representação dos estudantes nos Conselhos Escolares e Senado Universitário» (5).

A repressão, entretanto, alargara-se e dezenas de estudantes foram presos. As reacções foram vigorosas – designadamente as do início de 1965, que respondem à actuação policial – tendo, entretanto, menor capacidade de mobilização de massas. O recrutamento para as Forças Armadas era uma das armas utilizadas para desviar quadros associativos; a intimidação e a hostilidade de professores para com estudantes com cargos associativos – mesmo quando excelentes estudantes – eram outras armas de tentativa de desmobilização e descrença.

6. Relendo, hoje, 20 anos depois, boletins, jornais (6), comunicados das associações, **é inegável a importância de tudo quanto se fez nesses anos difíceis. O fascismo sofreu aí, variados percalços, que tiveram variadíssimos ecos e um dos que não foi menor foi aquele que atingiu as Forças Armadas e que veio a permitir o 25 de Abril de 1974.** Na efeméride do 24 de Março de 1962, entende-se bastante do que foi e é a história do País, antes e depois da viragem histórica de 1974 - 1975.

*** Universitário de 60-61 a 64-65. Membro da R.I.A. (Reuniões inter-Associações) em 64-65, presidente da Pró-Associação da Fac. de Letras de Lisboa em 63-64 e 64-65; expulso, por um ano, de todas as universidades portuguesas, pelas autoridades de então. Actual deputado à Assembleia da República, integrado no grupo parlamentar do PCP.**

(1) Um dos melhores trabalhos sobre «elementos históricos» da vida das «Associações de Estudantes» é uma comunicação de Albano Freire Nunes e Eurico de Figueiredo, presente ao II Seminário de Estudos Associativos, realizado em Lisboa, em Setembro de 1964. Retiramos alguns dados, desse trabalho.

(2) «A Universidade portuguesa não é livre, não é moderna, não é autónoma. Nela reina o monolitismo doutrinário, a ausência de livre discussão, o favoritismo, o exemplo do êxito fácil, o incitamento constante à irresponsabilidade e a falta de um esforço cultural autónomo» – pág. 1 do documento da Comissão Cívica Eleitoral, referida no texto.

(3) Tese, já citada, de A. Freire Nunes e de Eurico de Figueiredo (1964)

(4) Julgamos de chamar a atenção para: o «Avante!» n.º 315, de Abril de 62, que titula na 1.ª página «25000 estudantes em greve! Milhares de jovens gritam por liberdade, autonomia e contra a repressão»; para o texto do dr. Álvaro Cunhal em «Rumo à Vitória», relatório presente ao C. C. do P. C. P. em Abril de 1964 em que se sublinha que «pela sua amplitude, pelo seu rigor, pela direcção hábil e corajosa, as grandes lutas de 1962, colocam os estudantes portugueses numa das primeiras filas do movimento antifascista». «O que tem dado força aos estudantes, o que os tem educado politicamente o que lhes tem permitido resistir vitoriosamente à repressão fascista, é a sua unidade, o carácter de massas do movimento e o seu apoio em organizações legais que conseguem defender de todas as tentativas de liquidação», diz ainda este texto. O dr. Mário Soares, em «Portugal Amordaçado» faz referência ligeiríssima ao tema, sublinhando que 1961 foi o ano da «grande viagem» por factores internos e externos, e sublinhando que Marcelo Caetano «tirou um grande partido do seu gesto de demissão de Reitor», começando a «talhar uma reputação de liberal, muito afastada, aliás, da imagem que dava de si próprio, como professor e homem público, antes da crise de 1962».

5) Em texto que «aproveitava» as expressões aparentemente dialogantes do ministro de Salazar, as AE sublinhavam que propunham a «constituição de órgãos representativos mistos, i. é., com professores e estudantes, onde os interesses da Universidade serão autenticamente zelados». E concluíam, «Para V. Ex.ª, isso é, decerto, institucionalismo. Pois bem, é isso que propomos.» Tal carta aberta levou os signatários ao processo disciplinar, conjuntamente com outros factos também indicados como subversivos. No processo dizia-se que o documento «envolve crítica desrespeitosa à acção de S. Ex.ª o ministro da Educação Nacional, altamente ofensiva da consideração devida àquele membro do Governo». Sublinhava o processo discipliar que havia passagens, no texto, ofensivas, citando alguns...

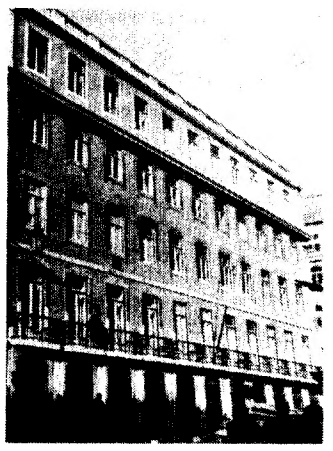
6) Entre muitos outros, permitiamo-nos sublinhar um texto sempre indispensável, o do famoso artigo «Autópsia do Ensino», feito por Almeida Faria, Almeida Fernandes e Nuno Brederode Santos que era uma análise quantificada e demonstrativa da nulidade do esforço educacional e que começava com uma citação «lapidar» do ditador «ou refazemos a vida refazendo a educação ou não fazemos nada de verdadeiramente útil», que, pelo texto, se via como era, isto é, afrontosamente mentirosa. Também nos merece destaque um número do «Idem» – jornal de alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, de Abril de 1964, com uma colaboração que, a 18 anos de distância, nos aparece como digna de análise e mesmo de curiosidade, juntando nomes que se situam, hoje, em áreas diversas e sublinhando uma colaboração literária de valor, que convirá reler.

ponto a ponto

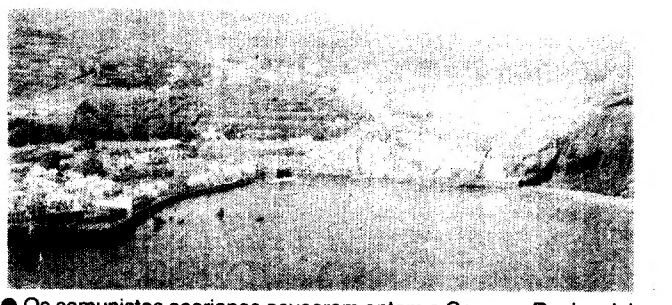
● A Secretaria de Estado da Cultura anunciou ontem a concessão de um subsídio para a construção do monumento ao **campino do Ribatejo,** da autoria de Soares Branco, em **Vila Franca de Xira.** Para a concessão do subsídio, cujo montante não é especificado, foi tomada em conta a projecção que assumiu a figura do campino, «quer como elemento de formação do folclore regional quer como trabalhador geográfica e historicamente definido que influenciou decisivamente a morfologia e a dinâmica da etnografia ribatejana».

● A Base do MDP/CDE de Campo de Ourique promove esta noite (21.30) na respectiva sede, um debate sobre revisão constitucional com a participação de António Sequeira Zilhão.

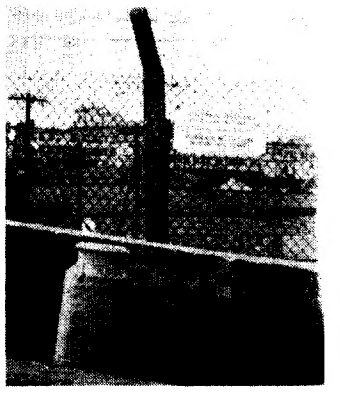
● O PS concorre em todos os concelhos do distrito da **Guarda** nas próximas eleições autárquicas – revelou ontem uma fonte partidária. Duas comissões, uma técnica e outra distrital, vão ser constituídas no âmbito da federação da Guarda do PS, como preparação para as referidas eleições.



● O Primeiro-Ministro recebeu ontem à tarde o ministro governador do Banco da Guiné-Bissau, que lhe transmitiu o desejo do seu Governo de estreitamento de relações entre Portugal e o seu país, Vítor Freire, que inicia hoje negociações com o **Banco de Portugal** no sentido de obter uma linha de crédito no valor de 50 milhões de dólares, acrescentou que a operação visa essencialmente o abastecimento do seu país, das massas camponesas e da população em geral. Vítor Freire havia visitado primeiro Vítor Sá Machado, na Fundação Gulbenkian.



● Os comunistas açorianos acusaram ontem o Governo Regional de conduzir uma política «centralizadora e antidemocrática» relativamente ao poder local. Num comunicado emitido na **Cidade da Horta,** a direcção da organização da Região Autónoma dos Açores do PCP, insurge-se também contra a política de abastecimentos e agravamento dos preços dos bens essenciais.



● Mota Amaral declarou ontem na Horta que o Governo Regional dos Açores está empenhado na revisão do acordo que concede facilidades aos militares norte-americanos na utilização da **Base Aérea das Lajes.** Falando no Parlamento local, Mota Amaral acrescentou que o executivo açoriano pretende ver actualizado o acordo de 79 e é nesse sentido que se negoceia presentemente o aumento da comparticipação financeira dos Estados Unidos.

● A Assembleia Regional dos **Açores** aprovou ontem, por unanimidade, o diploma governamental que institucionaliza o Conselho de Ilha, órgão já previsto no estatuto político-administrativo do Arquipélago. Recorde-se que se trata de um órgão de natureza consultiva, que funcionará nas ilhas onde exista mais de uma Câmara Municipal.

● O grupo parlamentar e o secretariado do PS-Madeira reuniram-se ontem no **Funchal** com deputados socialistas do Conselho da Europa, participantes de um encontro sobre assuntos sociais e saúde. O líder socialista madeirense, Jardim Fernandes, disse a propósito que «o encontro serviu para uma troca de impressões sobre o regime autonómico e a entrada de Portugal na CEE, na perspectiva das ilhas».

2, 3 e 4 de Julho

VII Festa do "Avante!": ainda no Alto da Ajuda

A VII Festa do «Avante!», que se realizará ainda este ano no Alto da Ajuda, nos dias 2, 3 e 4 de Julho, terá como tema central o Poder Local.

A escolha do tema tem como objectivo principal mostrar, em ano de eleições autárquicas, que «o Poder Local é parte integrante da democracia» e, também, «dar a conhecer os programas e as realizações dos órgãos autárquicos presididos pela APU».

De acordo com os dados fornecidos, ontem, numa conferência de Imprensa pelos organizadores da Festa, esta irá beneficiar de consideráveis melhoramentos: a potência do som e da luz serão aumentados, beneficiando assim o público de uma melhor audição e visualização.

Por outro lado, um estúdio com video/rádio, que o ano passado constituiu uma das maiores atracções da Festa, beneficiará este ano de grandes melhoramentos. «Constituirá um acentuado passo em frente nesse domínio, aquilo que nos propomos realizar este ano» – afirmaram os elementos da mesa: respectivamente Dias Lourenço, Ruben de Carvalho e Osvaldo Castro.

No que respeita à parte musical da Festa do «Avante!», que integra sempre figuras cimeiras da cena internacional, apenas, pelo momento, duas certezas: as presenças de **Manu Dibango** (Camarões) e de um grupo muito conhecido na América Latina: os **«Moncada»** (Cuba).

«Só anunciamos os nomes das pessoas ou dos grupos que vêm participar na Festa quando temos a certeza da sua vinda. E, mesmo assim, temos tido alguns amargos de boca...» – afirmaram os organizadores, explicando assim a razão pela qual só divulgarão a lista dos participantes em meados/fins de Abril.

Em todos os casos dá-se como certa a vinda de pessoas ou de grupos da URSS, RDA, Hungria, Checoslováquia, Cuba, Bulgária, Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, etc. Do continente africano, e para além da presença de Manu Dibango, poderão vir igualmente outros grupos. «É possível que o Brasil também se veja representado na Festa» – admitiram os organizadores.

Integrados no tema central da Festa – o Poder Local –, efectuar-se-ão vários festivais: Arte popular, Teatro; uma mostra de cinema português do pós-25 de Abril; exposição de artesanato.

Saliente-se entretanto que a Festa, que se realiza tradicionalmente em Setembro, teve este ano de ser antecipada para Julho em virtude da organização ter um compromisso com a Câmara Municipal de Lisboa para antecipar a data «se quisesse ainda utilizar o Alto da Ajuda». Neste local, onde a festa se realizará pela quarta vez consecutiva, está prevista a realização de um complexo desportivo.

Deputados preocupados no Funchal

Há doze milhões de desempregados nos países do Conselho da Europa

A Comissão dos Assuntos Sociais e Saúde do Conselho da Europa considerou ontem, no Funchal, que as proporções que o desemprego atinge nos países da organização são «preocupantes e escandalosas».

O chefe da delegação portuguesa, Amândio de Azevedo, disse à ANOP que a Comissão decidiu-se pela elaboração urgente de um relatório sobre o desemprego para ser apreciado e votado pelo Conselho na Assembleia Geral de Outono.

«Neste momento existem 12 milhões de desempregados na Europa e se não forem tomadas medidas urgentes, em 1985 esse número ultrapassará os 16 milhões», acentuou.

Os congressistas debateram também uma proposta sobre a interdição a menores de provas desportivas de alta competição, tendo a comissão deliberado pedir um parecer à subcomissão de Juventude e Desportos, antes de emitir a sua posição.

O relatório sobre o direito dos trabalhadores à informação e à consulta em especial nas empresas multinacionais, voltará a ser apreciado em Abril, em Estrasburgo e na «Sessão da Primavera», antes de ser votado na mini-sessão parlamentar do Conselho da Europa, em Julho, em Dublin.

O representante português acrescentou que «surgiram algumas reservas pela parte dos deputados dos partidos conservadores, mas socialistas e sociais-democratas concordaram com a aprovação do documento».

Na última sessão, realizada ontem, foi efectuada uma exposição pelo secretário regional dos Assuntos Sociais, Miguel Mendonça, que foi considerada por Amândio de Azevedo de «muito útil, pois mostrou, disse, os resultados conseguidos pelo Governo Regional, neste domínio, que são francamente positivos».

Esta intervenção, adiantou, «mereceu da parte do presidente da Comissão e de vários congressistas um acolhimento favorável e elogioso».

A comissão dos Assuntos Sociais e Saúde do Conselho da Europa, entendeu, também, que seria vantajoso estabelecer contactos com o Grupo Pompidou (estuda a problemática da droga) para melhor conhecer as suas tarefas.

Este grupo, que tem trabalhado como independente, será integrado em breve no Conselho da Europa.

Os 30 congressistas, representando 13 países, visitaram, ontem à tarde, o Hospital Distrital do Funchal e o Centro de Saúde da Ribeira Brava.

O presidente do Governo regional ofereceu um jantar a todos os participantes na reunião.

A melhor autonomia

O modelo autonómico da Madeira é «mais avançado e moderno» do que o da Sardenha, afirmou no Funchal, o presidente da Assembleia Regional, que chefiou uma delegação de parlamentares que visitou aquela região.

Emanuel Rodrigues, que regressou terça-feira ao Funchal, disse à ANOP que embora a autonomia da Sardenha tenha cerca de 35 anos «é pouco progressiva», acrescentando que o Parlamento italiano discute actualmente o novo estatuto para aquela região.

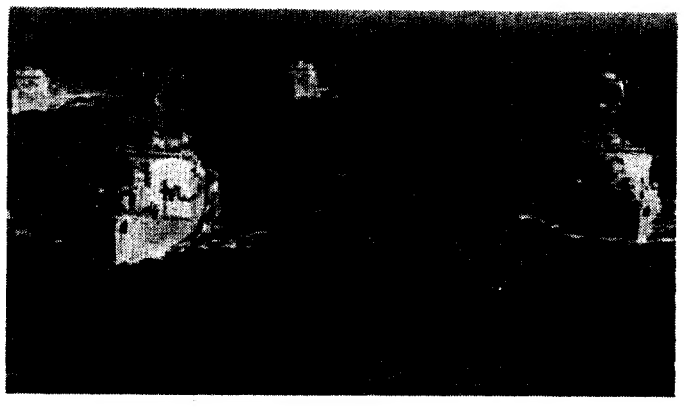
A delegação madeirense composta por deputados regionais do PCP, CDS e PSD visitou durante dez dias a Sardenha, a convite do presidente do Conselho Regional.

Emanuel Rodrigues afirmou que foram formulados convites aos presidentes do Conselho Regional e da Junta da Sardenha para visitarem a Madeira.

Os convites foram aceites e as visitas estão previstas para Junho ou Julho, dependendo da confirmação daqueles órgãos que representam, respectivamente, a Assembleia e o Governo regionais das regiões autónomas portuguesas.

As autoridades da Sardenha manifestaram interesse no estabelecimento de intercâmbio cultural entre as suas regiões e na formação de técnicos de turismo na Madeira, concluiu Emanuel Rodrigues.

PR assiste no dia 3 ao exercício "Contex 822"



O Presidente da República, general Ramalho Eanes, assiste no dia 3 de Abril, a bordo da fragata «Comandante João Belo», a parte do exercício com o nome de código «Contex 822», que se desenrola no espaço marítimo entre o Continente e a Região Autónoma da Madeira.

Neste exercício, que se iniciou no dia 22, participa uma força naval constituída por sete escoltadores oceânicos, um submarino e um navio de apoio, num total de cerca de 1500 homens embarcados.

Os exercícios «têm como objectivo» avaliar e melhorar o grau de prontidão e capacidade das nossas unidades navais, numa zona do Atlântico de forte convergência de navegação marítima e onde a ameaça primária se situa em caso de conflito no componente submarina».

Nas últimas três fases do programa de exercícios participam também quatro DDH's (destroyer com heli), um SSN (submarino nuclear) e MPA's (aviões de patrulha marítima) da II Esquadra dos EUA e ainda dois DDG's (destroyer lança mísseis), três FF's (fragatas) e dois RFA's (navio apoio) da Marinha britânica.

O Presidente da República permanecerá cerca de 10 horas a bordo, acompanhado pelo CEMGFA, general Melo Egídio e pelo almirante Sousa Leitão, chefe do Estado-Maior da Armada.

Contra a ditaadura militar argentina

Deputados protestam na Embaixada

Uma comissão presidida por Lopes Cardoso entregou ontem na Embaixada da Argentina um abaixo-assinado de protesto contra a ditadura militar que há seis anos tomou o poder neste país.

O documento, da iniciativa de um grupo de exilados argentinos em Portugal, associados num «Comité de Luta contra a Ditadura Militar», exprime um «protesto contra o assassinato de Ana Maria Martinez», militante do Partido Socialista dos Trabalhadores Argentinos ocorrido há cerca de um mês – informou um membro do Comité.

Assinado por deputados de todos os partidos com assento na Assembleia da República, – por Vasco da Gama Fernandes e pelo marechal Costa Gomes, o texto salienta «a frontal violação dos Direitos Humanos representada pela morte de Ana Martinez e pela repressão exercida pelas manifestações de protesto que se lhe seguiram» – adiantou o informador.

Os subscritores solicitam do general Galtieri a «punição dos responsáveis» e manifestam-se «solidários com as aspirações democráticas do povo argentino».

Integravam a comissão, além de Lopes Cardoso, os deputados António Reis (PS) e Mário Tomé (UDP), entre outras personalidades.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS E DO PLANO

COMANDO-GERAL DA GUARDA FISCAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «COLCHÕES E ALMOFADAS DE ESPUMA» — PROCESSO N.º 110/82

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de Colchões e Almofadas de Espuma.
2. Serão recebidas propostas até às 17.30 horas do dia 29 de Abril de 1982, procedendo-se à sua abertura às 10.00 horas do dia 30 de Abril de 1982.
3. O caderno de encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando-Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2 — 1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 30$00 cada exemplar.
4. A caução provisória a prestar será de 30.000$00

MOVIMENTO NACIONAL DE OPINIÃO PÚBLICA «NÃO ÀS ARMAS NUCLEARES EM PORTUGAL!»

1.º ANIVERSÁRIO

A COMEMORAR NA CASA DO ALENTEJO
(R. Portas St.º Antão — Lisboa)

26 de MARÇO — 6.ª FEIRA — 21.30

— Pela 1.ª vez em Portugal, projecção de filme a cores da Marcha da Paz em Lisboa.
— Intervenções de membros do Movimento.
— Parte artística com o conjunto «PLEBE», entre outros.
— Bolo de aniversário.

REUNIÃO ABERTA — CONVÍVIO FRANCO

ENTRADA LIVRE — COMEMOREM CONNOSCO!

SESSÃO DEBATE

O PCP E A SITUAÇÃO POLÍTICA ACTUAL

A "AD" não serve!
Piorou a vida dos portugueses!
Leva o país ao desastre e à ruína!
Quer controlar as Forças Armadas e levar à demissão o Presidente da República, eleito em 7 de Dezembro, por larga maioria do povo português!
O que a "AD" prepara, é um verdadeiro golpe, com o apoio de Mário Soares!
Por isso É NECESSÁRIO E URGENTE DEMITIR O GOVERNO "AD"/BALSEMÃO!

COM A PRESENÇA DE
ÁLVARO CUNHAL
SECRETÁRIO-GERAL DO PCP

26 MARÇO
(6ª FEIRA)
21,30 HORAS
CINEMA do LUMIAR

PCP

assembleia da república

"Birras e caprichos não constroem estadistas"

Oposição retira-se...com moção de censura

O CDS contra a ausência de Pinto Balsemão

«As birras e os caprichos não constroem estadistas» – António Vitorino (UEDS)
«O Primeiro-Ministro é irrelevante para a AD. É supérfluo para a AD» – Carlos Lage (PS)
«Ao menos senhor Primeiro-Ministro, tenha a dignidade última que lhe resta: demita-se» – Vital Moreira (PCP)
«O CDS quer frisar o seu respeito por esta instituição parlamentar, pelas regras da democracia...» – Rui Pena (CDS).
«O PCP tem de ser tratado com desprezo» – Santana Lopes (PSD).
«O Governo não pediu a palavra» – ministro Fernando Amaral (a única vez que o Executivo falou).

Sousa Tavares (PSD) com Almeida Santos (PS) na bancada socialista

Cerca das 21 horas, todos os partidos da Oposição abandonaram o hemiciclo. Mais uma vez, na Assembleia da República, a Maioria ficava a falar sozinha. O PCP retirava a Moção de Censura. E um debate que poderia ter tido uma importância relativa, tornou-se de repente um **facto político** importante e de consequências decisivas para a Maioria da Aliança Democrática.

Tudo começou, ao fim da manhã, quando Ribeiro Telles (ministro de Estado) se preparava para discursar em resposta à apresentação, por Carlos Brito (PCP), da Moção de Censura. O Primeiro-Ministro estava ausente do hemiciclo e, através de várias declarações públicas, tinha manifestado intenção de menosprezar esta Moção de Censura. Para o Governo, havia a intenção de tratar, como aliás tem sido a **estratégia** governamental, o PS e o PC como **estatutos** diferentes de Oposição.

Os trabalhos foram interrompidos para almoço e quando recomeçaram, o Partido Comunista e todos os outros partidos de Oposição **massacraram** os representantes do Governo, Fernando Amaral e Ribeiro Telles. **A granada rebentou nas mãos do Governo, mas os estilhaços caem sobre a Maioria** – diz António Vitorino (UEDS). Vital Moreira (PCP), o deputado comunista que assumiu ao longo de toda a tarde, a discussão com o Governo, exigia, ali, a presença do Primeiro-Ministro. **Se o Primeiro-Ministro não está, o Governo também não. Não seremos cúmplices nem coniventes com esta atitude de desrespeito pelas regras da democracia.**

Enquanto a Oposição estava em uníssono, a Maioria AD estava confrangedora (e irremediavelmente) dividida. Rui Pena (CDS) pede a palavra e distancia-se, mais uma vez da atitude governamental: **O CDS tem norteado sempre as suas actuações dentro e fora do Parlamento pelo respeito do regime, das instituições e, muito especialmente, pelo respeito a este Parlamento. O Grupo Parlamentar do CDS sempre respeitou os seus compromissos, seja com os partidos da Aliança Democrática, seja aqueles que toma com os partidos da Oposição. O Grupo Parlamentar do CDS quer frisar o seu respeito por esta instituição parlamentar, pelas regras da democracia, pelo jogo que deve nortear as relações entre a Maioria e a Oposição.** Seria aplaudido por todos os partidos da Oposição.

O «facto» criou a crise

Cerca das 16 e 30 a sessão estava, mais uma vez interrompida. Aguardava-se uma resposta: o Primeiro-Ministro vinha ou não ao debate ou delegava, por mecanismos constitucionais, noutro membro do Governo? A crise instalava-se e o confronto entre os dois órgãos de soberania (Assembleia e Governo) era evidente.

Foi uma **marcelada** (alusão a Marcelo Rebelo de Sousa) era a opinião generalizada. O secretário de Estado chegava ao Parlamento e reunia com membros da direcção do PSD. Quanto ao CDS, uma delegação chefiada pelo presidente do Grupo Parlamentar, Rui Pena exigia uma resposta: Balsemão vinha?, delegava?, (ou demitia-se?) Os deputados comunistas estavam radiantes. Tinham ganho, sem o começar, o debate.

Marcelo Rebelo de Sousa e Basílio Horta reuniam com deputados do PSD e do PPM, nas instalações da Assembleia, para desbloquear a situação. A direcção parlamentar do CDS manteve-se à margem de tudo isto. **É uma questão entre o Rui Pena e o Basílio Horta** – dizia-nos um membro do Governo. Não chega: a estratégia do Governo de não participar na abertura do debate, com a presença do Primeiro-Ministro, foi um **erro** do Governo, não é uma **vingança** pessoal. E se o for, a Maioria enfrenta uma **crise moral** e de **comportamento** incompatível com os negócios de Estado.

E Pinto Balsemão? O Primeiro-Ministro acompanhava os acontecimentos no seu gabinete. Mais uma vez as decisões passavam-lhe à margem, eram-lhe ditadas.

A mensagem

A sessão recomeçava cerca das 18 e 35. Na tribuna do Governo encontravam-se, agora, para além dos dois ministros, Basílio Horta e Marcelo Rebelo de Sousa. Vital Moreira insistia, pressionava... CDS completamente silencioso.

Restava apenas o PSD, e foi Sousa Tavares – sem convicção – que ia tentando defender o indefensável: a atitude arrogante do Governo. «O Governo nunca teve qualquer intuito de minimizar a Moção de Censura do PCP que tem o mesmo valor, para o Executivo, do que a do PS». Minutos depois, Santana Lopes afirmava o contrário: «O PCP merece ser tratado com desprezo». Era a confusão.

E o Primeiro-Ministro? Continuava no seu gabinete a seguir os acontecimentos. Tudo lhe passa à margem e em seu nome se decide.

Lopes Cardoso pergunta, então, ao presidente da Assembleia da República, Oliveira Dias (CDS) se recebeu alguma comunicação do Primeiro-Ministro de que não tencionava participar no início do debate da Moção de Censura do PCP. Sousa Tavares tenta falar antes da resposta de Oliveira Dias, em desespero de causa, talvez para suavizar a resposta. A Oposição não deixou e Oliveira Dias responderia: **Não tive qualquer comunicação até este momento.**

Marcelo Rebelo de Sousa e Basílio Horta correm a buscar (ou a escrever) a mensagem do Primeiro-Ministro Pinto Balsemão. Nessa mensagem informa-se que o **Governo prescinde do seu direito de intervenção na fase de abertura do debate da Moção de Censura apresentada pelo PCP.**

Depois o secretário de Estado Alfaia, como aliás Sousa Tavares já o tinha feito, argumentam que deveria ter sido, também «o secretário-geral do PCP Álvaro Cunhal, a apresentar a Moção de Censura». E por isso, o Primeiro-Ministro não foi.

Nos corredores de S. Bento fervilhava a informação e a contra-informação. César de Oliveira (UEDS) dirige-se a Marcelo Rebelo de Sousa: **Consta que vem a caminho o treinador Mortimore para o substituir. É verdade que o Primeiro-Ministro resolveu vir à Assembleia... com a sua cabeça numa bandeja?** – diz-lhe o jornalista. **O PCP está a organizar uma festa de agradecimento ao sr. secretário de Estado** – diz-lhe outro. Marcelo Rebelo de Sousa foi o «homem em foco».

E Pinto Balsemão? O Primeiro-Ministro estava no seu gabinete. Os acontecimentos ultrapassam-no. Contestado nas deslocações pelo País (veja-se o presidente da Câmara de Chaves, também do PSD) e, agora apenas apoiado pelo PSD (sem convicção, ontem, no Parlamento), a cometer, sucessivamente, erros de que não é o autor.

Retirar a Moção? – a decisão certa?

Quando o presidente da Assembleia da República acabou de ler a mensagem do Primeiro-Ministro, o presidente do Grupo Parlamentar do PCP (o PS estava inscrito primeiro, mas deu a vez ao PCP, já que estava dependente e aceitava a decisão do partido interpelante), Carlos Brito afirmou: «O debate deve encerrar aqui» já que não existiam condições para o seu prosseguimento. E afirmava – sendo repetido mais tarde em nota do Comité Central – «o Primeiro-Ministro e o seu Governo, pelo seu próprio comportamento, assumem-se deliberadamente como um corpo inadaptado e contrário ao regime democrático e constitucional». Os outros partidos da Oposição também repetiram o mesmo tipo de argumentação. E abandonaram a sala.

A Maioria ficava sozinha. O Governo averbava uma derrota política espectacular. Já sozinha, a Maioria continuava a perder a cabeça. Santana Lopes, por exemplo (numa clara alusão ao CDS) dizia que o «PSD não recebia lições de democracia de ninguém». Rui Pena e Carlos Robalo (CDS) que estavam inscritos prescindiram da palavra e abandonaram a sala. Carlos Robalo voltaria minutos depois. Nos corredores discutia-se a eficácia da retirada da Moção de Censura do PCP. Da parte do Governo, agarravam-se a isso, procurando daí tirar alguns dividendos políticos. Impossível. Da Oposição, vinha mais outra «machadada». A televisão teria tido acesso, primeiro que o Parlamento, à mensagem do Primeiro-Ministro. Pouco depois das 21 horas estava encerrada a sessão parlamentar. Pinto Balsemão, no seu gabinete, esperava o resultado da sessão. De que ele foi o grande vencido. O único vencido de um «jogo» que nunca conduziu.

Fernanda Mestrinho

Fernando Amaral e Ribeiro Teles, dois ministros que o Parlamento não deixou falar

Ontem, em Lisboa

Homenagem a D. Oscar Romero

D. Oscar Romero foi o apóstolo mais saliente da justiça social na América Central no últimos anos – disse quarta-feira, em Lisboa, o padre Frei Raimundo Oliveira numa celebração ecunémica, que decorreu na Igreja de Arroios.

Na celebração, que foi promovida para assinalar o segundo aniversário do assassinato do arcebispo de São Salvador, participaram membros das Igrejas católicas e presbugerian.

Frei Raimundo acrescentou que D. Romero «aprendeu com o povo a causa da justiça e que, a partir daí, entregou-se empenhadamente para apontar caminhos alternativos à injustiça e opressão verificado na sua terra».

Jeferiu que D. Romero não morreu de repente nem de surpresa, pois nos últimos meses da sua vida «conjugava a coragem profética com as ameaças calculadas de quem via nele uma presença incomoda e uma voz denunciadora».

«A tragédia na América Central – disse – encontra-se no facto de estar tecida de nomes próprios, de lágrimas choradas, de golpes sentidos, de sangue derramado, de enterros e lutos numerosos».

Salientou que os interesses económicos de grupos e nações ricas» não perdoam nem olham a meios e evocam por vezes a defesa da civilização ocidental contra o comunismo apenas para cristão ver.

Mas o nosso Deus não vai nisso. Vê a miséria e a opressão do seu povo e não lhes volta as costas» – disse.

A celebração ecuménica constou de cantigos, poemas, leitura de noticiário recente sobre a América Central e citações do evangelho.

Na sessão intervieram ainda um pastor presbiteriano e Andrea Ramirez, integrante de uma delegação da Unidade Revolucionária Nacional da Guatemala (URNG).

Andre Ramirez, que se definiu como «guerrilheiro na Guatemala», declarou a ANOP que «os autênticos cristãos não podem ver com indiferença os sofrimentos dos povos explorados e oprimidos, como os de El Salvador e Guatemala».

«Prestar uma homenagem a D. Romera como esta representa a posição dos autênticos cristãos» – acrescentou.

Ao falar da situação actual no seu áis Andrea disse que «as forças populares e revolucionárias, patrióticas e democráticas estão a enfrentar o regime genocida para derruba-lo e constituir na Guatemala um Governo que represente os interesses do povo».

E consegui-lo-emos apesar do apoio económico e militar da administração Reagan , além dos Governos de Israel , Argentina, Chile e Formosa» – acrescentou.

Sobre o golpe militar da Guatemala, ANdre sublinhou que «era uma necessidade da administração Reagan mudar a fachada do regime genocida

«Mas será uma nova derrota política – frisou – poi os chamados jovens oficiais são coroneis e generais de 50 anos, como Horácio Maldonado, Evidio Morales e Rios Mont».

Neste contexto, Andrea apontou os dois primeiros como membros da «camarilha militar repressiva de Lucas Garcia». (ex-presidente aparentemnte derrubado) e Rios Mont, como um militar que pôs à disposição a sua figura para levar por diante esta manobra política.»

Quanto à URNC, Andres disse ser uma força política integrada por quatro organizações revolucionárias, que iniciaram um processo de unidade há vários anos.

«Entre as organizações existem divergências político-ideológicas, mas baseamos a unidade na necessidade de atingir a libertação do nosso povo» – concluiu

economia

Política agrícola é o principal problema

CEE completa um quarto de século sem grande optimismo

«A supressão das barreiras alfandegárias entre os países membros abrindo a todos os empresários da Comunidade horizontes até então insuspeitados permitiu um desenvolvimento fantástico das trocas e uma subida espectacular no nível de vida da população europeia no seu conjunto» – afirmou Gaston Thorn, presidente do Executivo da CEE a propósito do 25.º aniversário da organização que hoje se comemora.

Contudo o vice-presidente da Comissão, Wilhelm Haferkamp, mostra-se menos optimista e sublinhou que a Comunidade Económica Europeia terá de apresentar uma configuração completamente diferente nos próximos 25 anos».

Os discursos dos dirigentes da Comunidade a propósito dos 25 anos não se apresentam muito optimistas e, para além de se afirmar que a comunidade encerra uma dinâmica que lhe permite a transformação necessária para a ultrapassagem da crise, pouco se avança na perspectivação da Comunidade do futuro.

Tanto Haferkamp como o presidente do Executivo da Comunidade, Gaston Thorn, salientam os aspectos positivos resultantes da existência da comunidade, nomeadamente no campo da unificação política e económica da Europa.

A Europa constitui, actualmente, a primeira fonte de ajuda aos países do Terceiro Mundo e a existência da Comunidade permitiu o desenvolvimento conjunto de sectores de futuro e de novas tecnologias.

Haferkamp afirma que sem a comunidade a imagem da Europa seria totalmente diferente e certamente não para melhor. «Sem uma política comercial comum – frisa – a Comunidade não teria hoje dez milhões de desempregados. Teria muitos mais e certamente há já mais tempo pelo menos desde o começo da crise do petróleo em 1973».

Mas os diferentes estudiosos dos problemas da integração europeia parecem unânimes em considerar esgotado o modelo em que assentou a expansão europeia, pugnando por transformações estruturais importantes.

A falta de investimentos no sectores industriais de ponta na Europa poderá provocar um atraso irrecuperável relativamente aos principais parceiros económicos (Estados Unidos e Japão), comprometendo a competitividade futura da economia europeia.

Thorn considera que a Comunidade não «conseguirá vencer os desafios do nosso tempo se não se dotar dos meios para tanto. É necessário restaurar a coesão comunitária, adaptar a política agrícola comum às alterações que se operaram desde a sua criação e desenvolver novas políticas comuns em particular nos domínios da indústria, da energia e da pesquisa».

Estas «directivas» constam do mandato que o Conselho de Ministros confiou à Comissão Europeia em 30 de Maio de 1980.

No conselho europeu de segunda e terça-feira os líderes dos dez deverão constatar mais uma vez a situação de impasse em que se encontra a reforma agro-orçamental da Comunidade, em virtude da difícil conciliação dos interesses franceses e ingleses e da saturação germânica no que respeita ao financiamento do orçamento comunitário.

O renascimento de uma perspectiva nacionalista na procura de soluções para os principais países europeus é também um facto de peso na crise da Comunidade.

Em marcha o alargamento às questões de defesa

Paralelamente aos efeitos da crise económica, ao crescente desemprego e a uma cada vez maior competitividade dos produtos japoneses nos mercados europeus, os «dez» tomaram consciência nos últimos anos de que dependem totalmente dos arranjos norte-americano-soviéticos em matéria militar e de defesa.

O vector militar é, sem dúvida, um dos mais importantes na crise de definição de objectivos da Europa de hoje, empenhada na afirmação de uma terceira via que tem oscilado entre um posicionamento neutral no conflito entre a União Soviética e os Estados Unidos e um seguidismo sem reservas relativamente às posições norte-americanas.

O alargamento da união política aos problemas relacionados com a defesa do Velho Continente estão num documento elaborado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros da República Federal da Alemanha e da Itália, Genscher e Colombo, que constitui como que a perspectivação da Europa da Segunda Geração.

Mas a concretização de todas as intenções dos eurocratas de Bruxelas e de alguns políticos europeus esbarra constantemente no impasse sobre a definição da reforma agro-orçamental, nos milhões a devolver a Londres e na necessidade de a França continuar a permitir níveis de rendimento elevados aos seus agricultores.

É neste ambiente de indefinição e de faltas de perspectivas futuras para a Comunidade que se discute o terceiro alargamento da organização, para permitir a adesão de Portugal e da Espanha.

O alargamento não se encontra entre as primeiras prioridades dos Dez, não obstante os avanços recentemente registados nos processos negociais dos dois países ibéricos em que se obtiveram consensos preliminares num grupo de «dossiers» menos difíceis tecnicamente e menos polémicos.

Pescadores do Guadiana exigem publicação do acordo com a Espanha

Os armadores de pesca do Guadiana vão exigir ao Primeiro-Ministro a publicação imediata do acordo luso-espanhol de pescas enquanto em Espanha o director de relações internacionais da Secretaria de Estado das Pescas manifesta a **incompreensão** do país vizinho **pelos motivos da não publicação do acordo.**

A posição da Associação dos Armadores de Pesca do Guadiana, de Vila Real de Santo António justificou a sua posição afirmando que a não entrada em vigor do acordo põe em risco 1500 postos de trabalho, um grupo de famílias totalizando seis mil pessoas, bem como as entradas de divisas provenientes da venda do pescado capturado em Espanha.

Dados fornecidos pela Associação indicam que as capturas em águas de Espanha pela frota dos armadores associados estão perto de atingir os 200 milhões de escudos, desde a assinatura do acordo, sendo a maior parte do pescado destinado à exportação.

O porta-voz da Associação disse que este organismo considera que «houve acordo e consenso com os espanhóis que urge cumprir» o que, a não acontecer, sublinhou «em nada dignificará o nosso país».

Por seu turno, o funcionário da Secretaria das Pescas espanhola disse à ANOP, em Madrid, julgar que a não publicação do acordo se deveria a «um problema de ordem interna» sobre o qual não pode opinar, por não o conhecer.

«No entanto – acrescentou Juan Prat – o acordo é plenamente satisfatório para as duas partes, e assim o disseram os representantes portugueses na ocasião das negociações e da sua assinatura em Madrid».

«É o primeiro acordo equilibrado que os dois países assinam sem polémicas e com uma base científica» – acrescentou Juan Prat.

«Alem disso, a criação da Comissão Científica Mista Permanente vai facilitar muito as coisas às duas Administrações» – sublinhou.

«A prova de que o acordo está bem é o facto de que praticamente não tem havido incidentes e tem funcionado bem durante estes meses, com satisfação dos pescadores de um país e outro que pescam mais e com mais garantias».

«O lamentável – referiu – é que as únicas queixas sejam procedentes de sectores alheios aos dos directamente interessados nas actividades pesqueiras».

Juan Prat disse que os «únicos que não ficaram satisfeitos foram os pescadores espanhóis do sector do atum, pois não conseguiram as licenças nem as quotas que se previam».

«Mas nós compreendemos a situação interna e os problemas a nível interno provocados às autoridades de Lisboa e por isso não insistimos» – disse o director de relações internacionais da Secretaria de Estado das Pescas de Espanha.

Sobre o incidente verificado na semana passada a Norte do Cabo Finisterra, em que foram apresados e multados quatro barcos portugueses, Juan Prat disse: «estar disposto a estudar» com a maior abertura o recurso que, penso, vão apresentar. No entanto estão comprovadas três transgressões: tamanho das malhas, prejuízos provocados nas redes dos pescadores espanhóis e pesca em zona proibida».

Comunistas algarvios discutem o acordo

Amanhã, às 21 horas, no Salão Nobre da Câmara de Portimão e no dia 27 às 17.30, em Lagos, as organizações do PCP no Algarve movem um amplo debate para apreciar este polémico acordo de pescas, firmado com a Espanha.

trabalho

Hotelaria do Norte/Centro anuncia greve de 24 horas

Os trabalhadores da indústria de hotelaria e similares do Norte/Centro do País vão paralisar a actividade a partir das seis horas do próximo dia 8 de Abril, durante 24 horas, segundo anunciou a Federação sindical do sector.

A greve que, refere a Federação, abrange cerca de 25 mil trabalhadores de cerca de 20 mil estabelecimentos, constituirá uma forma de «protesto contra a recusa do patronato em negociar a revisão do contrato colectivo de trabalho, com a cumplicidade manifesta do Ministério do Trabalho».

A Federação afirma em comunicado que as actuais tabelas salariais do sector estão em vigor há 19 meses e que «o Governo e o Ministério do Trabalho têm revelado e adoptado uma despudorada conivência e cumplicidade com o patronato», nomeadamente ao recusarem a publicação de uma portaria regulamentadora de trabalho.

A paralisação abrange os subsectores de hotéis, pensões, restaurantes e similares e casas de pasto, exigindo os trabalhadores a consagração dos salários mínimos em vigor no Centro-Sul do Continente.

O salário médio dos trabalhadores do Norte-Centro do sector de hotelaria ronda os 11 500 escudos – revelou uma fonte sindical.

Egrauto

Os trabalhadores do sector de metalurgia da empresa Egrauto, da Guarda, vão prolongar a greve por tempo indeterminado, em defesa das suas reivindicações salariais – revelou um porta-voz do Sindicato dos Metalúrgicos.

Em greve desde 24 de Fevereiro, por um período diário de quatro horas, os trabalhadores pretendem aumentos de 20 por cento.

A posição assumida pelos trabalhadores deve-se ao facto de «a administração não querer negociar com os trabalhadores em greve», afirmou a mesma fonte.

As negociações encontram-se interrompidas há cerca de três semanas.

Eleições amanhã nos Rodoviários do Centro

Às eleições para a direcção do Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários e Urbanos do Centro, que se realizam amanhã, concorre uma única lista, a «A», unitária, que se propõe defender os direitos dos trabalhadores e reforçar a unidade sindical.

O programa eleitoral da lista unitária, que tem como um dos seus principais objectivos o combate ao divisionismo, divide-se em cinco partes: defesa das liberdades e consolidação da democracia; melhorar as condições de vida; unidade e organização; movimento sindical unitário; e luta de massas.

Nova CT do LNEC

Uma lista subordinada ao lema «Na unidade e organização da força dos trabalhadores», venceu as eleições para a comissão de trabalhadores (CT) do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), tendo obtido 51,5 por cento dos votos expressos.

Outra lista concorrente, com a palavra de ordem «Por uma CT forte, activa e democrática», conquistou 45,3 por cento dos votos.

Duas listas CGTP nos Têxteis do Centro

Tendência Kalidás ganhou

Duas listas, ambas defendendo a CGTP como central única dos trabalhadores portugueses, apresentaram candidaturas para os corpos gerentes do Sindicato dos Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Centro. Duas listas, uma integrando elementos da chamada «linha maioritária» da central e outra representativa da «corrente minoritária». Após o acto eleitoral, que decorreu na segunda-feira passada, a maioria converteu-se em minoria nos Têxteis do Centro.

Desentendimentos quanto ao peso relativo que as diversas sensibilidades sindicais deveriam ocupar numa lista única parece terem estado na origem desta divisão.

Contactados elementos de ambas as listas a fim de esclarecer todo este imbróglio, todos foram unânimes em afirmar que **tudo foi tentado no sentido de preservar a unidade.**

Segundo a lista «A», que integrava uma grande parte de elementos da anterior Direcção após várias propostas em que tentou apresentar-se como maioritária (ainda que por diferença de um elemento), fez uma última, paritária, com Kalidás Barreto a coordenar. Em termos numéricos isso significaria oito elementos de cada sensibilidade que funcionariam com a supervisão daquele elemento do Secretariado da CGTP.

A lista «B» terá proposto, desde o início, uma divisão de cargos que distribuiria da seguinte forma: 11 para si e seis para a outra tendência.

O acordo não foi possível e apareceram, pela primeira vez na história do Sindicato, duas listas reclamando-se da CGTP ao acto eleitoral. Ganhou a «B», encabeçada por Kalidás Barreto.

Segundo Maria Fátima Carvalho, ex-presidente da Direcção cessante, que agora se candidatou pela lista «B», a grande participação dos trabalhadores no escrutínio terá sido precisamente estimulada pela existência de duas listas. Mas será apenas uma mera divisão numérica de cargos que está na origem de toda esta questão?

Aquela dirigente sindical sugere que houve tentativas de «hegemonização» do Sindicato por parte de elementos afectos ao PCP. Assim se explicaria, na sua óptica, «o trabalho deficiente da Direcção anterior».

A lista «A», pela boca de Isabel Ventura, acusa os membros da tendência minoritária de terem desenvolvido uma «fraca actividade sindical na Direcção que agora cessa funções» e na qual estavam amplamento representados. Esta dirigente explica ainda que a vitória da lista «B» fica a dever-se ao «prestígio» de Kalidás Barreto. Por outro lado, acrescenta, «é inaceitável que se tenham candidatado pela lista «B» pessoas que pagaram dois e três anos de quotas do Sindicato para poderem participar na lista».

Kalidás Barreto, por seu turno, falou com cautela de todo este processo. A uma pergunta do «DL» sob o significado das duas candidaturas fez questão de sublinhar que «não houve qualquer ruptura». No seu entender, **esta discussão viva no seio do Movimento Sindical unitário é salutar. É na diversidade que se encontra a unidade,** acrescentou.

Por outro lado, negou que estivesse em jogo qualquer nova estratégia por parte da tendência que ele representa no seio da CGTP. **Não queremos marginalizar ninguém, nem pretendemos a existência de clivagens após estas eleições.**

Hospital de Viana: atraso na inauguração

PORTO, 25 – A «Liga dos Amigos do Hospital» de Viana do Castelo manifestou ontem ao ministro dos Assuntos Sociais a sua preocupação «pelo atraso na inauguração» daquela unidade hospitalar.

Luís Barbosa esteve recentemente naquela localidade, tendo visitado as instalações do futuro hospital distrital de Viana do Castelo que – afirmou – «seria inaugurado muito em breve».

Face ao atraso na abertura do novo hospital, a «Liga» propõe-se iniciar as suas actividades junto dos doentes no velho edifício do Hospital.

Entre essas actividades destacam-se o voluntariado, biblioteca para os doentes, dádivas de sangue, recreação e angariação de fundos.

Timor-Leste

Dirigente da Fretilin louva Eanes

O dirigente da Fretilin, Mari Alkatiri, exortou ontem, no Maputo, as autoridades portuguesas a aceitarem propostas de diálogo da sua organização tendo em vista a busca de uma resolução para o problema de Timor-Leste.

Numa entrevista è ANOP, no Maputo, Alkatiri reconheceu que existe da parte do Presidente português um «empenhamento sério» em relação ao problema de Timor-Leste mas classificou de «apática» a atitude do Governo.

Mari Alkatiri, que tem no Governo timorense no exílio a função de ministro dos Negócios Estrangeiros, considerou, no entanto, «muito positivo» que todas as forças políticas portuguesas sejam favoráveis à descolonização de Timor-Leste.

Nas suas declarações, Alkatiri pôs também em causa a política de Lisboa que recusa à Fretilin o papel de único interlocutor dos interesses da população da antiga colónia portuguesa da Oceania anexada pela Indonésia.

No desenvolvimento dos seus pontos de vista considerou este argumento, que as autoridades portuguesas invocam para não abrir um diálogo com a Fretilin, como «irrealista e desajustado das realidades actuais».

«Se a política portuguesa é a de assegurar a descolonização do território de Timor-Leste, não é alargando o diálogo a integracionistas e a falsos nacionalistas que isso poderá ser conseguido», observou, aludindo à Apodeti e UDT.

Mari Alkatiri anunciou também que a sua organização vai tentar convencer as autoridades portuguesas da utilidade da abertura de um diálogo, dando a entender que conta com o apoio de outros países para conseguir isso.

As iniciativas neste sentido estão previstas para os próximos meses e fazem parte de um plano de «ofensiva diplomática» dirigida a outros países da Europa Ocidental e do Terceiro Mundo.

O dirigente da Fretilin deixou ontem Maputo, depois de ter participado numa reunião do Comité Central da organização que culminou como reconhecimento da necessidade de uma dinamização das suas actividades.

«Estávamos a caminhar a reboque dos contecimentos relacionados com o nosso país – explicou – e decidimos adoptar novos métodos que nos permitam tomar de novo a iniciativa».

Acrescentou que entre as medidas adoptadas figuram algumas destinadas a introduzir uma nova estratégia militar na luta interna de resistência, que se baseará numa maior mobilidade das forças ainda activas da Fretilin.

Dez novas linhas da TAP vão ligar o Porto à Europa

Dez novas linhas internacionais com partida do aeroporto de Pedras Rubras, no Porto, vão ser lançadas dentro em breve pela TAP anunciou ontem a transportadora aérea portuguesa.

A TAP iniciará nos dias 28, 30 e 3 de Abril voos regulares com partida do aeroporto de Pedras Rubras, respectivamente, para Zurique (Suíça), Amesterdão (Holanda) e Manchester (Inglaterra).

A TAP voará do Porto para Zurique aos domingos, para Amesterdão às terças-feiras e para Manchester aos sábados.

Além destes voos internacionais, passará, a curto prazo, a operar do Porto com voos semanais directos para Faro (segundas-feiras) e nos restantes dias da semana assegurará aos passageiros embarcados nesta gare ligações a voos Lisboa-Faro.

Em 1981, embarcaram no aeroporto de Pedras Rubras, em voos TAP, 204 497 passageiros, tendo desembarcado 207 382.

Registou-se um movimento de 50 904 passageiros em trânsito.

Este tráfego de passageiros foi transportado por 2205 aviões da TAP, que escalaram o aeroporto de Pedras Rubras a uma média mensal de 184 e proporcionaram um aumento de receitas em relação a 1980, de cerca de 28 por cento.

Durante 1981, o movimento de carga à partida do aeroporto de Pedras Rubras atingiu as 4895 toneladas, das quais cerca de 50 por cento seguiram para Lisboa, via terrestre.

No mesmo período foram desembarcadas no Porto 2027 toneladas de carga aérea, o que corresponde a uma quebra, em relação ao ano anterior, de cerca de 6 por cento, mas um aumento na receita bruta de cerca de 44 por cento.

em duas palavras

● QUINTA DA BOA VISTA: OS HOMENS DE AMANHÃ

O Centro Social da Quinta da Boa Vista, em Meleças, no Cacém, comemora este fim-de-semana (três dias) o seu 7.º aniversário com vários festejos num programa rico e diversificado. Aqui se assinala o facto, adiantando que aquele Centro recebe crianças de Mira-Sintra, Cacém, Tala, Meleças, Rio de Mouro, Quinta Grande, Baratã, Recoveiro, Pexiligais, Casal da Mata, Algueirão e Mem Martins. Escola Primária, creche, jardim de infância, actividades de tempos livres e um posto de saúde são actividades que o centro se comprometeu desenvolver.

● FIGUEIRA DA FOZ DÁ MEDALHA À APAVT

O presidente da CM da Figueira da Foz entregou agora à APAVT a medalha de ouro da cidade, apurou o «DL» junto da Câmara. O acto decorreu durante a sessão solene comemorativa do 1.º centenário da elevação da Figueira a cidade e foi entregue por Joaquim de Sousa ao vice-presidente da APAVT, Tilman Shickart.

● CRIANÇAS DE ALVERCA PERDEM INFANTÁRIO

Muitas das cianças de Alverca e periferia do infantário e creche da «Previdente» poderão este mês ser «expulsas» daquelas valências da empresa. As mães (trabalhadoras da firma) não sabem como resolver o problema, por não disporem de infantário com vagas (nas imediações). Parece haver mais dispensas em vista até ao fim do ano na «Previdente» de Alverca.

● ANO DO DEFICIENTE DESPEDE-SE AMANHÃ

A Comissão Coordenadora Distrital de Lisboa para o AID – Ano Internacional do Deficiente – efectua sábado no «Maria Matos» o encerramento dos seus trabalhos com as presenças do governador civil, presidente da CM e secretário nacional da Reabilitação, entre outros.

● S. VICENTE DE PAULO NASCEU HÁ 400 ANOS

S. Vicente de Paulo nasceu há 400 anos e Portugal comemora a preceito a passagem dessa data até 24 e 25 de Abril, dia grande em Fátima. Já se realizaram Jornadas Vicentinas, sob a presidência do cardeal-patriarca de Lisboa.

● TAP CONDENADA NA MADEIRA

O Tribunal do Trabalho do Funchal condenou a TAP – Air Portugal por violação da lei. Os factos remontam a 28 de Dezembro de 1979 e verificaram-se quando a TAP substituiu trabalhadores em greve no Aeroporto do Funchal por pessoal enviado pelo Governo Regional.

● «FUNCHAL» FAZ TRÊS DIAS DE GREVE

O «Funchal» cumpre agora três dias de greve no porto que lhe deu o nome, em vigem entre a América do Sul e Portugal, aderindo assim à paralisação há dias decretada pelo sector, em que não parou por se encontrar a navegar no mar alto. Trata-se, como é do conhecimento público, da greve promovida pelos maquinistas de bordo.

● TELEFONE SEM FIOS EM ILHA ALGARVIA

O primeiro posto de Portugal de telefone público sem fios foi inaugurado quarta-feira, no Algarve, na ilha da Culatra, a nove quilómetros de Olhão. O posto, que se destina a resolver os problemas de comunicação dos cerca de mil habitantes daquela ilha, constitui um primeiro ensaio para a instalação de outros do género e inclui-se num estudo de viabilidade que está a ser realizado pelos CTT.

● MISSIONÁRIO PORTUGUÊS MORRE EM MOÇAMBIQUE

Um missionário português morreu domingo numa localidade da província de Inhambane, quando a viatura em que se fazia transportar accionou uma mina, na localidade de Pembe. Francisco Morais, 57 anos, residindo há cerca de 30 em Moçambique, era natural de Lebução, Valpaços, e pertencia actualmente a uma missão franciscana em Homoína, Inhambane.

● MOTA AMARAL PROTESTA DECISÃO DA ANA

O presidente do Executivo açoriano, Mota Amaral, repudiou a tentativa da empresa pública Aeroportos e Navegação Aérea (ANA) de transferir para Lisboa o Centro de Controlo Oceânico instalado no Aeroporto de Santa Maria. A ANA entregou ao Governo da República, para homologação, um estudo que prevê a transferência para a capital portuguesa daquele centro instalado nos Açores.

● FALTAM PADRES EM BRAGANÇA

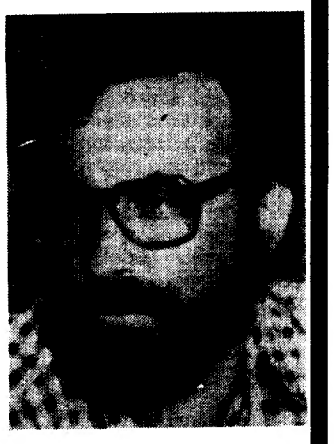
O reitor do Seminário Maior de Bragança (Adelino Pais) defende que a falta de clero e de ordenações sacerdotais na diocese «está a fazer com que os leigos descubram o seu papel na Igreja».

de ontem para hoje

Sentença polémica em Mafra

MARIA Manuela, uma ajudante de cozinha num restaurante de Mafra foi ontem condenada a três anos de prisão no tribunal daquela comarca, pelo facto de ter degolado, em 19 de Fevereiro de 1979, o filho que acabara de dar à luz. Maria Manuela fora absolvida há um ano pelo mesmo crime, num julgamento anulado pelo Tribunal da Relação de Lisboa – que deu provimento a um recurso do Ministério Público – com base na «obscuridade» da sentença. Maria Manuela já cumpriu oito meses de prisão preventiva com um comportamento considerado «exemplar» pelos responsáveis da cadeia.

O funeral de Serrão Martins



No cemitério de Mértola foi esta manhã a sepultar o presidente da câmara daquele concelho, dr. Serrão Martins (foto). de 38 anos, vitimado, conforme miticiámos, com mais três companheiros de viagem, num brutal acidente de viação ocorrido anteontem nas proximidades de Alcácer do Sal. No cortejo incorporaram-se os presidentes de quase todos os municípios de Coruche a Vila Real de Santo António. Entretanto, na Casa do Alentejo, encontra-se um livro de condolências para ser assinado pelos interessados. A finalizar: por lapso (dada a semelhança física existente entre ambos) publicámos ontem a «foto» do presidente da Câmara de Mora (prof. José Chitas) como se do dr. Serrão Martins se tratasse. Ao prof. José Chitas e à família do extinto as nossas desculpas.

Crianças vitimadas numa pedreira

Atingidos por pedregulhos desprendiudos pelo rebentamento de uma pedreira, em Granja do Tedo (Armamar), dois menores (Manuel de Oliveira Carvalho, de 13 anos, e António Maria da Silva, de 14) tiveram ontem à tarde morte imediata. No mesmo acidente ficaram ainda feridas mais duas crianças (António Gomes de Oliveira, de oito anos, e José Alberto Rodrigues Oliveira, de 14).

Armas e granadas na PSP

Durante o mês de Fevereiro último a PSP, segundo uma nota ontem divulgada, apreendeu 71 armas, sendo nove de calibre proibido ou de guerra, 23 de defesa e seis de caça, para além de terem sido entregues voluntariamente catorza e 92 munições diversas, bem como duas granadas. No mesmo período, aquela corporação enviou, por outro lado, a tribunal, 3691 processos.

Tiroteio numa «boîte» de Loulé

Durante uma zaragata ocorrida na madrugada de ontem na boîte «Flor do Dão», em Loulé, foi morto com um tiro no coração o empregado de mesa daquele estabelecimento, Ruben Manuel Bentes Faustino, de 25 anos, solteiro, natural de Matosinhos que residia em Quarteira. O proprietário da arma, Aníbal Correia. de 37 anos, detido pela PJ já presente ao Juiz de Instrução Criminal de Faro, nega o crime, afirmando ter sido mordido por dois indivíduos que o agarraram e que lhe retiravam a pistola da algibeira.

Nos incidentes ficou ainda ferido com certa gravidade um outro indivíduo que foi atingido com uma garrafa na cabeça. O dono da «boîte» é retornado de Angola.

Um «gang» de adolescentes

A Polícia Judiciária anunciou ontem o desmantelamento de um «gang» de dez adolescentes especializado no assalto armado a várias ourivesarias, desde Lisboa a Monção. Do Grupo apenas se encontram detidos os dois elementos mais velhos, Marques e Branco, de 26 e dezassete anos respectivamente. «Os bens furtados no valor global de dois mil contos – afirma a PJ – foram comercializados a preços insignificantes, em várias zonas da Baixa lisboeta».

Prisão maior para mineiro

O mineiro José Correia, de 33 anos, que, após discussão agreste gerada por uma dívida, atingiu com um tiro de pistola, em Janeiro último, num café de Valongo, o comerciante José Faria, de 30 anos, foi ontem condenado no Tribunal Criminal do Porto à pena de doze anos de pridão maior e ao pagamento de uma indemnização de trezentos contos ao ofendido. O tribunal concluiu que o réu disparou com a intenção de matar, não tendo José Faria sucumbido pelo facto de ter sido conduzido de imediato ao Hospital de S. João.

Fogo no Hotel Palace

Uma botija de gás provocou ontem um foco de incêndio no telhado do Hotel Avenida-Palace no Rossio, em Lisboa. O sinistro, de pequenas dimensões, começou quando se deu uma fuga de gás de uma botija utilizada nas obras de revestimento de um alge-roz no sexto piso daquele que é o mais antigo hotel da capital portuguesa, uma construção de 1892 em estilo «belle-époque». As chamas atingiram dois quartos de uma «suite» e foram combatidas pelos empregados do hotel até à chegada dos bombeiros.

O "engodo" para as eleições

Viadutos em Lisboa: pressa da AD com "travão" judicial da APU

As obras de construção do viaduto da 2.ª circular, nas traseiras do Hospital Júlio de Matos, deverão ser suspensas por inpugnação judicial a apresentar em breve pela APU.

O anúncio do recurso judicial foi feito logo após a aprovação do projecto do viaduto na assembleia municipal, há exactamente uma semana. A posição da APU justifica-se com várias dúvidas surgidas a respeito do ajuste directo para a construção estabelecido entre o executivo municipal e o construtor José Matias.

A confirmação do recurso para a instância judicial segue-se ao anúncio hoje feito num matutino e segundo o qual o início das obras está previsto para dentro de 15 dias. O «Correio da Manhã» afirma, ainda, que outro viaduto está previsto para Entrecampos, para ligar as Avenidas das Forças Armadas e dos Estados Unidos da América. Estas obras também estariam a ser aceleradas, com o objectivo de serem iniciadas dentro de dois meses.

No caso do viaduto à entrada do Campo Grande, as dúvidas que se põem são ainda maiores, tanto mais que a questão nem sequer foi levada à assembleia municipal, de cujo voto favorável o processo depende, nos termos legais.

O caso do viaduto da 2.ª circular apresenta uma particularidade: embora a sua construção tenha sido aprovada pela maioria AD da assembleia municipal, com o anúncio de impugnação por parte da APU, o processo não pode andar enquanto não forem estabelecidas actas da sessão respectiva. E o facto é que eles não são conhecidas e a sua apresentação e aprovação é normalmente demorada.

A pressa posta pelo executivo Abecasis na prossecução dos dois projectos de viadutos parece claramente relacionada com o facto de estarmos em ano de eleições autárquicas e ser necessário cativar os lisboetas com obras facilmente identificáveis. A tese foi claramente exposta por um eleito da maioria AD na sessão da assembleia municipal, na semana passada.

A legalidade do ajuste directo para construção de viaduto da 2.ª circular foi posto em dúvida pela oposição, por um lado porque obras desta envergadura deveriam sempre passar por concurso público, como de resto é defendido por mestres de Direito Administrativo em que se incluem Marcelo Caetano e Freitas do Amaral. Por outro lado, a obra é paga em «géneros», no caso terrenos municipais situados na Quinta do Lambert, uma zona residencial de luxo, tendo o seu preço sido calculado com base no preço mínimo da tabela em vigor no ano passado.

A contestação no caso do viaduto da 2.ª circular parece ter levado o executivo camarário a optar pelo concurso público para a construção do viaduto de ligação das Avenidas das Forças Armadas e dos Estados Unidos. Por isso e dada a pressa, os serviços terão recebico ordens para acelerarem os processos de concurso e de adjudicação.

Trabalhadores querem os seus salários

Falência da "Editorial Expresso" em tribunal

Está actualmente a decorrer no 16.º Juízo Criminal de Lisboa (1.ª secção) o processo relativo à reclamação pelos vários credores do pagamento das dívidas da falida Expresso, Bloco Editorial, Distribuições, SARL. Entre esses credores avultam pela importância social e política do processo que os envolveu, os antigos trabalhadores daquela empresa a quem são devidas significativas verbas em salários e indemnizações.

Neste momento o tribunal está a fazer o apuramento do passivo da empresa, devendo depois definir a ordem de prioridades dos créditos a liquidar, em função do património de que a empresa disponha.

No entanto e dado que a falência foi decretada há quase três anos numa altura em que, ao que parece, a maior parte dos bens da sociedade já tinham levado descaminho, os trabalhadores receiam que por essa via os seus direitos nunca venham a ser repostos. Além disso, e tendo em conta que os tribunais atribuem normalmente a primeira prioridade à liquidação das dívidas à Previdência e ao fisco, as possibilidades de os trabalhadores recuperarem as verbas que lhes são devidas parecem ainda mais remotas.

O processo de falência do Bloco Editorial Expresso foi muito falado nos anos de 1977 e 1978 porque em redor daquela empresa (intervencionada pelo Estado por via da nacionalização da Companhia de Seguros Império, que possuia a maior parte das suas acções), se travou uma acesa luta política e laboral. Os seus cerca de 60 trabalhadores deixaram de receber regularmente os seus salários em 1977 e a administração desapareceu literalmente durante o ano de 1978.

Nessa ocasião mantinha-se ainda uma dezena de trabalhadores ao serviço e acabaram por ter que abandonar as instalações quando estas foram seladas após a falência, em 1979.

Antes da degradação total e da delapidação (com peripécias bastante obscuras), do património da empresa (que se dedicava à distribuição dos livros de várias editoras), alguns responsáveis socialistas tentaram transformá-la numa distribuidora estatal de livros e periódicos, mas esse projecto nunca foi por diante. Entretanto, os trabalhadores, que durante meses e meses não receberam quaisquer salários desenvolveram um processo de luta que passou por momentos bastante duros incluindo a ocupação das instalações etc.

Finalmente, consumada a falência, quando os administradores, por parte da Império e da Secretaria de Estado da Comunicação Social, nomeadamente, há muito haviam retirado as mãos do fogo, os trabalhadores que restavam viram-se na rua sem qualquer indemnização nem pagamento de salários atrasados.

São alguns destes trabalhadores, juntamente com outros que tinham encontrado outros empregos no decurso do processo, mas que também nunca tinham recebido o dinheiro a que tinham direito, que hoje estão novamente em luta tentando obter satisfação por via judicial.

Para eles, o facto de a empresa estar falida, e não ter dinheiro para lhes pagar, não é razão para desistirem, já que entendem que o Estado, sob cuja tutela ela se manteve até à falência, tem responsabilidades no caso e tem a obrigação de se responsabilizar pelos seus créditos. Refira-se a terminar que a acção judicial movida pelos trabalhadores, através dos seus sindicatos, remonta a 1978.

Três UCP's de Portalegre ameaçadas

A tentativa de destruição de três UCP's do distrito de Portalegre acaba de ser denunciada pelo Secretariado Distrital das UCP's e cooperativas agrícolas de Portalegre e pelo Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do mesmo distrito.

«Resistência» de Ponte de Sor; «Colina Vermelha» de Monforte e «Liberdade do Povo» também de Monforte são as UCP's que agora são postas em causa e que integram as 13 UCP's que o MACP declarou inviáveis, conforme noticiámos.

As três UCP's têm uma área conjunta de 5200 hectares, investimentos pesados feitos nas sementeiras de Inverno e contam com centenas de cabeças de gado.

Em comunicado, o mesmo Secretariado, refere que todo o processo «foi desencadeado sem as cooperativas serem avisadas. Souberam através dos órgãos de Comunicação Social, o que mostra a ilegalidade da situação e como tudo está a ser tratado». Recorde-se que o mesmo se passou com as UCP's ameaçadas do distrito de Beja e de Évora.

Basílio Horta, ministro da Agricultura, é acusado de ter «terras neste distrito subaproveitadas, procurando de uma forma brutal e ilegal destruir mais uma parcela deste importante marco da nossa História – A Reforma Agrária». No mesmo comunicado os trabalhadores põem em causa a dignidade do ministro para se poder pronunciar sobre a gestão das cooperativas e afirmam que «um ministro que é absentista não tem nenhuma dignidade para falar em gestão».

O Secretariado das UCP's de Portalegre reafirma a decisão dos trabalhadores de não permitirem, custe o que custar, que o «Alentejo se transforme numa coutada para os grandes agrários e capitalistas».

Os serviços do MACP foram igualmente acusados de compadrio e corrupção. Uma prova desta seriam as cartas que têm sido enviadas a reformados, intermediários e outras pessoas que nada têm a ver com a terra, para que concorram aos concursos públicos. O nome de João Marques Adegas, funcionário do MACP, foi ressaltado, pelos trabalhadores, como sendo um dos nomes preponderantes neste processo. O referido funcionário foi reservatário na cooperativa «Resistência», de Ponte de Sor.

A proibição às UCP's de concorrerem aos concursos públicos, o desrespeito pelos milhares de contos investidos pelos trabalhadores nas suas cooperativas, foi intitulada como vergonhosa. Face a esta situação o Secretariado das UCP's apela «ao Presidente da República, ao Conselho da Revolução, aos grupos parlamentares, ao movimento sindical e operário, assim como ao poder local, a sua intervenção activa, com vista a impedir que o Governo leve à prática mais esta grande ilegalidade».

A suspensão do processo desencadeado pelo MACP e a demissão do Governo AD são consideradas pelo Secretariado das UCP's de Portalegre como medidas urgentes e necessárias.

Vem aí a "Operação Páscoa"

O trânsito de automóveis pesados de mercadorias será fortemente condicionado nas estradas portuguesas no âmbito da «Operação Páscoa», segundo uma nota divulgada pela Secretaria de Estado dos Transportes Interiores. A medida visa facilitar o costumado movimento de ligeiros nas principais vias portuguesas entre 8 e 12 de Abril, das 14 às 20 horas.

Assim, entre as 14 e as 20 horas dos dias 8, 9, 10, 11 e 12 de Abril deste ano, será proibido o trânsito de automóveis pesados de mercadorias nestes itinerários: **Lisboa-Porto,** na auto-estrada do Norte, entre a capital e Aveiras de Cima e entre o Porto e Carvalhos, e EN n.º 1, de Espinheira aos Carvalhos; Porto-Vila Real, na EN n.º 15, entre Porto e Vila Real; Coimbra-Vilar Formoso, na EN n.º 17, entre Coimbra e Entrocamento com a EN n.º 16; Lisboa-Castelo Branco, na EN n.º 3, entre Carregado e Santarém, bem como na EN n.º 114, entre Santarém e Almeirim e na EN n.º 118, entre Almeirim e Gavião; e Lisboa-Caia, na auto-estrada do Sul, EN n.º 10 entre Setúbal e Marateca e na EN n.º 4 entre Pegões (cruzamento com a EN n.º 10) e Elvas.

Além destes itinerários, um outro há em que se verificará a mesma proibição na circulação de automóveis pesados de mercadorias nos dias 8, 9, 10, 11 e 12, das 14 às 20 horas, referimo-nos ao itinerário Lisboa-Vila Real de Santo António, nestes casos:

Estrada Nacional n.º 259, entre Grândola e Santa Margarida do Sado; Estrada nacional n.º 262, entre Entrocamento com a Estrada Nacional n.º 259 e Alvalade; Estrada Nacional n.º 261-4, entre Alvalade e o Entrocamento com a Estrada Nacional n.º 123; Estrada Nacional n.º 123, entre Ourique e o Entrocamento com a Estrada Nacional n.º 261-4; Estrada Nacional n.º 264, entre Ourique e S. Bartolomeu de Messines e Portela de Messines; Estrada Nacional n.º 270, entre Portela de Messines e Paderne; Estrada Nacional n.º 395, entre Paderne e Ferreiras; e Estrada Nacional n.º 125, entre Ferreiras e Tavira.

Chama-se a atenção dos automobilistas daqueles veículos para esta informação da Secretaria de Estado dos Transportes, que com tal medida (temporária) pretende evitar intenso movimento naqueles itinerários, em particular nos acessos aos grandes centros urbanos, o aumento de acidentes de viação e o habitual «banho de sangue» nas estradas portuguesas durante este período festivo.

No banco dos réus só está um dos responsáveis do caso do café

Descaminho de documentos julgado na Boa Hora

Iniciou-se ontem no Tribunal da Boa Hora o julgamento de um impotante caso de descaminho de documentos alfandegários que está directamente ligado a um outro caso de não pagamento de direitos alfandegários devidos pela importação de café.

O processo do eventual descaminho desses direitos, que ascendem a cerca de 510 mil contos, não está contudo em causa neste julgamento. Num despacho apenso ao processo, o juiz considera aliás, que não houve descaminho de direitos, mas apenas de documentos.

Contudo, o processo relativo ao não pagamento desses direitos está actualmente em instrução na Polícia Judiciária, sendo prncipal implicado o autarca socialista de Campo Maior, Manuel Rui AZINHAIS Nabeiro, proprietário dos cafés Delta e importador do café.

O despachante oficial Carlos Alberto Costa Santos está também implicado nesse processo já que foi ele que processou o desalfandgamento das mercadorias e chegou a afirmar que recebeu de Rui Nabeiros o dinheiro correspondente ao pagamento dos direitos. Contuo, o dinheiro não foi de facto pago à Alfândega e Rui Nabeiros, que éo devedor real junto do Estado, não exibiu até agora a necessária quitação aduaneira demonstrativa de que os direitos devidos foram de facto liquidados.

Costa Santos diz que o dinheiro lhe foi entregue mas isso parece não afastar, do ponto de vista legal, a responsabilidade de Rui Nabeiros.

Entretanto, o julgamento que ontem se iniciou e que prossegue na próxima sexta-feira, tem directamente a ver com o processo dos direitos não pagos, na medida em que está em causa o descaminho dos Boletins de Despacho que contêm as irregularidades que permitiriam o seu não pagamento.

Assim, Costa Santos é acusado de ter descaminhado algumas dezenas de Boletins de Despacho relativos às importações de café cujos direitos não pagou na totalidade. Com efeito, desses Boletins não consta uma taxa de 90 escudos por kilo, o que no total da mercadoria importada soma cerca de 510 mil contos.

O descaminho dos Boletins, teria como objectivo, segundo algumas fontes por nós contactadas, impedir a descoberta posterior do não pagamento dos direitos, aquando da operação de conferências final dos documentos pelos respectivos serviços alfandegários.

O desvio dos documentos foi constatado por funcionários alfandegários durante uma verificação de contas, levada a efeito no escritório do despachante Costa Santos, devido a uma denuncia evolvendo irregularidades no tratamento de outras importações.

Funcionários alfandegários implicados

O percurso normal dos boletins de despacho passa pelo seu preenchimento, pelo despachante encarregado do desalfandegamento da mercadoria, e pela sua verificação pelos funcionários alfandegários. Estes funcionários, os **verificadores**, têm por missão confirmar a correspondência entre a mercadoria alfandegada e a descrita no boletim, assim como verificar a exactidão dos direitos aduaneiros e demais imposições cobradas. O boletim deve seguir então para os **reverificadores** da alfândega sem mais voltar às mãos do despachante.

No caso das importações de café em causa, os boletins não só se encontravam, quase um ano depois, nas mãos do despachante (e é por isso que ele agora é julgado), como nunca tinham sido objecto da análise dos verificadores. Ou seja, Costa Santos levou-os directamente aos reverificadores, que os assinaram, e depois levou-os para casa.

Nesta operação, os **reverificadores intervenientes** estão claramente comprometidos, tendo-se-lhes já sido instaurado o respectivo processo disciplinar pelos serviços competentes da alfândega. A sua falta consiste não só em terem deixado Costa Santos levar os documentos, como em os terem assinado sem que eles tivessem sido previamente presentes aos verificadores. Finalmente, e aí residirá a sua maior responsabilidade, não assinalaram o não pagamento da taxa de 90 escudos por quilo. Trata-se, portanto, de um caso extremamente complexo que passa claramente pela colaboração de funcionários, e muito provavelmente por situações de corupção.

Ao que tudo indica, situações deste tipo são porém frequentes nas Alfandegas, já que a acumulação de serviço, a inadapatação da legislação em vigor, e hábitos acumulados durante dezenas de anos, fazem com que exista um permanente atropelo dos requisitos legais. Segundo ontem foi testemunhado na Boa-Hora pelo Dr. Anibal da Gama Lança, funcionário da Alfândega, «desaparecem centenas de despachos anualmente».

Por outro lado, toda a gente que é prática corrente nas Alfândegas o facto de os despachantes levarem os Boletins para casa.

A defesa do Costa Santos, assegurada pelo dr. Azevedo Carvalho aposta neste processo na culpabilização dos agentes alfandegários. Na próxima sexta-feira aliás, o dr. Azevedo Carvalho conta exibir provas significativas de irregularidades cometidas por esses funcionários e que segundo defende estão na base do clima de laxismo que torna correntes situações como a que envolvem o réu.

comunicação social

II Encontro de Jornalistas do Norte

'Importante intervenção' de Ramalho Eanes

O Presidente da República, em audiência que decorreu no Palácio de Belém, recebeu a comissão organizadora do II Encontro de Jornalistas do Norte, que o convidou a presidir à sessão de abertura do mesmo.

Um porta-voz da comissão organizadora adiantaria, após a audiência, que o general Ramalho Eanes fará «uma importante intervenção sobre Comunicação Social.»

O II Encontro de Jornalistas do Norte decorre no Porto nos dias 7, 8 e 9 do próximo mês de Abril, contando com o apoio do Sindicato dos Jornalistas.

RTP: números da manipulação do Governo

Apuramentos estatísticos recentemente realizados pela SIP do PCP sobre tempos do Governo e partidos políticos nos serviços noticiosos e outros programas informativos da RTP/1, «voltam a pôr em evidência a vergonhosa situação de instrumentalização pela AD e seu Governo daquele poderoso órgão de Comunicação Social estatizado».

Como exemplo, nos últimos três meses, foi a seguinte a repartição aproximada de tempos na RTP/1, de acordo com um quadro organizado por aquela organização política:

Dezembro 81 – Governo e partidos da AD, 5 horas e 30 minutos; PS – 15 minutos; PCP, 2 minutos; MDP, UEDS, ASDI e UDP, nada; **Janeiro 82** (pela mesma ordem) – 5 horas e 30 minutos; 58 minutos; 20 minutos; e 6 minutos; e **Fevereiro 82** (idem) – 5 horas e 58 minutos; 1 hora; 15 minutos; e 30 minutos.

Por sua vez, e relativamente em períodos correspondentes à preparação, realização e repercussão mais imediata da greve geral de 12 de Fevereiro, a mesma organização política fornece os seguintes tempos, contados entre 1 a 16 de Fevereiro: Governo e partidos da AD, 3 horas e 20 minutos; PS, 40 minutos; PCP, 6 minutos; e outras organizações com assento na AR, 30 minutos.

Madeira: alterações na ANOP e RDP

Prosseguem alterações nos órgãos estatizados de Comunicação Social, na sequência das novas direcções ontem divulgadas pelo «DL» para os jornais do Porto.

Assim, Maria Virgínia de Aguiar, chefe de Redacção do Centro Regional da ANOP na Madeira, passa agora a exercer as funções de directora do mesmo Centro.

Por outro lado, e ainda no Funchal, Afonso Almeida transitou de director do Centro Regional da ANOP na Madeira para director da RDP/Madeira.

Loures: Gabinete de Informação

O presidente da edilidade de Loures, Severiano Falcão, inaugurou um gabinete de informação e relações públicas destinado a auxiliar os munícipes que procuram a Câmara para resolver os seus problemas.

Na cerimóna, Severiano Falcão salientou a importância deste gabinete, apontando-o como a concretização do primeiro contacto entre o munícipe e o Município.

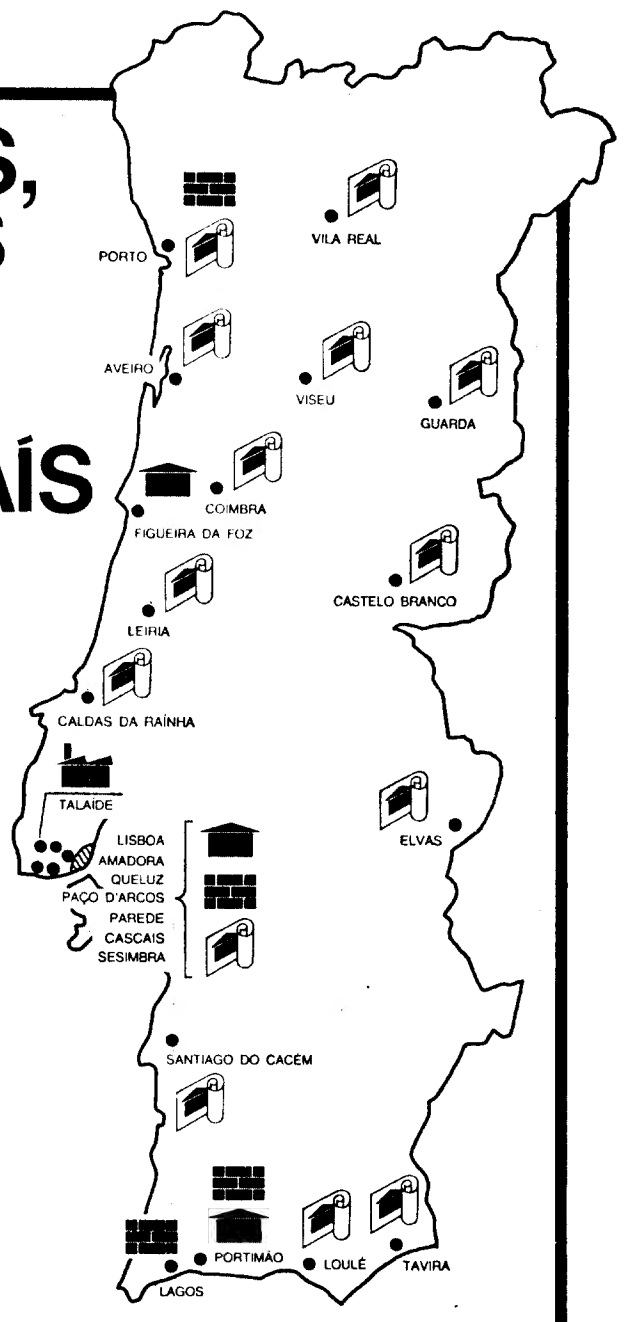
Simultaneamente, foi inaugurada uma exposição intitulada «A Câmara Municipal por dentro».

VENDO

MESAS, CADEIRAS E MATERIAL PARA ESPLANADA.

AV. DA LIBERDADE, FRENTE AO N.º 86, DAS 10 ÀS 13 E DAS 15 ÀS 18.

PROJECTAMOS, CONSTRUIMOS E VENDEMOS HABITAÇÕES EM TODO O PAÍS



TALAÍDE O MAIOR CENTRO NEVRÁLGICO DE PRODUÇÃO DE HABITAÇÕES

HABITAÇÕES CONSTRUÍDAS OU EM ACABAMENTO
PAÇO DE ARCOS, AMADORA, QUELUZ, PAREDE, CASCAIS, FIGUEIRA DA FOZ, PRAIA DA ROCHA

PROJECTOS EM CURSO PARA CONSTRUÇÃO EM 1982
PORTO, QUELUZ, CASCAIS, PAREDE, LISBOA, PRAIA DA ROCHA, PRAIA DA LUZ.

ESTUDOS PARA FUTURAS CONSTRUÇÕES
VILA REAL, PORTO, AVEIRO, VISEU, GUARDA, COIMBRA, CASTELO BRANCO, LEIRIA, CALDAS DA RAINHA, LISBOA, SESIMBRA, ELVAS, SANTIAGO DO CACÉM, TAVIRA E LOULÉ.

PREPARAMO-NOS PARA ENTREGAR 1000 HABITAÇÕES EM 1982 E 1500 HABITAÇÕES EM 1983.

habiturismo j. pimenta

Lisboa – Campo Mártires da Pátria, 96-2.º – 1100 Lisboa – Telef. 55 88 51 Telex 42681 JPCMP P
Queluz – Rua Mateus Vicente de Oliveira, 18 – 2745 Queluz – Telef. 95 20 21/5 Telex 16111 P
Cascais – APARTHOTEL EQUADOR – Conjunto Turístico da Pampilheira – 2750 Cascais
Telefs. 28 40 524 / 28 40 549 / 28 40 624 / 28 40 724 / 28 40 824 Telex 42144 EQADOR P
Talaide – Complexo Industrial de Talaide – 2780 Oeiras – Telef. 24 40 396/7/8 Telex 42375 JPCIT P
Praia da Rocha – ROCHA PRAIA-MAR – TRÉS CASTELOS – 8500 Portimão – Telefs. 2 60 20/2 44 46
Porto – Centro Comercial Sirius – Rua 5 de Outubro, 156 r/c. Loja 1 – 4100 Porto – Telef. 66 72 97
França – 11 Residence des Mourinoux Escalier – 3 Avenue de la Redoute – Telef. (1) 795-90 92 60 00 – Asniers-França
Brasil – Av. Franklin Roosevelt, 137/701 – CEP 20021 Rio de Janeiro – Telef. 220 95 65 Telex 2133222 JOPI BR

Conferência da IFALPA terminou ontem

Foi causa suficiente do acidente de Camarate a falta de regulamentação e supervisão

O acidente de Camarate ocupou grande parte da conferência de Imrepnsa que o Sindicato dos Pilotos deu ontem no final dos trabalhos da 37.ª Conferência Mundial da IFALPA, que esteve reunida em Portugal durante cerca de uma semana, com a presença de 400 delegados de 60 países, representando mais de 57 mil pilotos de todo o mundo.
Raramente uma conferência de âmbito profissional se terá revestido de tanto interesse público e produzido tantos resultados práticos com esta. Para isso contribuiu o facto de ela ser dirigida essencialmente às questões de segurança dos transportes aéreos, a sua impecável organização e a predominância absoluta das questões de natureza técnica sobre quaisquer outros factores.

A análise do acidente de Camarte surge neste contexto mas fora do âmbito dos trabalhos da IFALPA e como contributo dos pilotos portugueses para a tentativa de esclarecimento de uma ocorrência que há muito vem gerando controvérsia.

O SPAC coloca-se, todavia, fora de qualquer polémica, «cujos intuitos políticos são alheios aos interesses dos pilotos seus associados» e sublinha bem este ponto logo no início do document distribuído e que, prudentemente, designa como «Algumas considerações sobre o acidente de Camarate de 4/12/1980».

O documento começa por referir que só em 19 de Novembro de 1981 o Ministério dos Transportes forneceu ao SPAC o relatório de comissão de inquérito e seus anexos e que a posição expressa não constitui qualquer inquérito por não dispor aquele sindicato nem de legitimidade nem de meios para o efectuar. Trata-se, pois, de um documento que «não é produto de uma investigação operacional, mas sim o resultado de uma análise dos documentos oficiais, de estudos e informações técnicas, de notícias publicadas na Imprensa ou de actos de gestão pública posteriormente ocorridos, realizada por associados que, ao contrário de alguns dos elementos da comissão de inquérito, se encontram especialmente qualificados para a execução de tais investigações».

Quanto a este aspecto ficou a saber-se que a participação do Sindicato dos Pilotos, através de um observador na referida comissão, «só foi aceite numa fase adiantada dos trabalhos, quando a recolha de dados estava terminada e a orientação das investigações traçada».

É estranho, se não insólito, que o Ministério dos Transportes em presença de um caso desta natureza, de tão profundo impacto político e social, não tenha iediatamente solicitado a colaboração dos homens que mais qualificações técnicas possuem para um tal inquérito e que são justamente os pilotos, os prifissionais.

No documento ontem distribuído, o SPAC lamenta a existência em Portugal de «um organismo autónomo, independente e responsável pela análise e investigação de todos os acidentes e incidentes da área dos transportes, sejam aéreos, marítimos ou terretres, a exemplo do que sucede noutros países». Tal situação faz com que, salienta aquele sindicato, «a Direcção-Geral da Aeronáutica Civil é, na prática, ré e juiz de si própria, pois que lhe competem ambas as funções».

Revela o SPAC que tendo sido sugerida desde o início a participação de um técnico do NTSB (National Transportation Safety Board) dos EUA, «tal sugestão não foi atendida e apenas se recorreu a um técnico do fabricante, obviamente mais preocupado em demonstrar a capacidade de performance operacional da aeronave acidentada e minimizar as suas insuficiências do que em contribuir para o esclarecimento efectivo das circunstâncias em que ocorreu o acidente».

Embora admita que tenha coisas aproveitáveis, o SPAC considera o Relatório geralmente mau, e salienta que ele «não procura isolar os factores reais causadores do acidente propondo medidas ou formulando recomendações, antes pareceu mais interessado em transformar o piloto comandante em bode expiatório de uma situação de que não foi responsável mas a vítima».

É criticada também a posição do Procurador Geral da República pela sua intervenção, «admitindo a acusação ao piloto comandante de comportamento criminoso por negligência grosseira, caso a sua morte não houvesse determinado a caducidade do procedimento criminal».

Por outro lado na conferência de Imprensa foi revelado pelos responsáveis do SPAC que aquele era já o terceiro voo nocturno do piloto sem intervalo de tempo suficiente para descanso e que no próprio dia do acidente, tendo terminado um serviço às 3 da manhã foi descansar mas seria frequentemente interrompido no seu repouso para alterações constantes de horas e programa.

O parecer do SPAC revela também que não houve possibilidade de verificar o cumprimento do calendário de inspecções periódicas de manutenção, face ao desaparecimento da caderneta técnica, mas que «eram porém do conhecimento de outros pilotos que haviam operado o avião, a existência de algumas anomalias em que as mais relevantes eram a existência de um gerador inoperativo e de indicadores de quantidade de gasolina não fiáveis.

Em conclusão, o SPAC apresenta a FALTA DE REGULAMENTAÇÃO E SUPERVISÃO como «causa suficiente do acidente, sem prejuízo, como é óbvio, da verificação de ocorrências de natureza criminosa ou não, que até à data se desconhecem e que conduziriam necessariamente ao acidente.

Isto quer dizer que as anomalias de que há conhecimento, a falta de regulamentação e supervisão e todo um conjunto de factores conjugados, constituem por si só causas bastantes para a ocorrência de um acidente.

Todavia, 15 meses depois, as autoridades não alteraram um estado de coisas que conduz a situações e acidentes como o de Camarate.

Por isso o Sindicato dos Pilotos «propõe e recomenda firmemente» a elaboração e implementação de normas reguladoras dos tempos de trabalho e repouso dos tripulantes técnicos e fiscalização do seu cumprimento; a fiscalização do cumprimento das normas de manutenção das aeronaves e extensão de competência das autoridades portuguesas aos aviões de matrícula estrangeira operando com regularidade no País; a emissão de normas regulamentadoras do transporte de alta individualidades e a criação de um órgão independente, à semelhança do NTSB dos Estados Unidos, encarregado da investigação de todos os incidentes e acidentes de todos os meios de transporte, dotado de autoridade executiva e dispondo de técnicos permamentes com preparação específica para estas situações.

Uma coisa conseguiram para já os pilotos: pôr as autoridades a mexer, alertá-las para as suas responsabilidades e fazer-lhes sentir que as coisas não podem ficar no segredo dos gabinetes nem ser resolvidas nem decididas sem participação activa dos interessados e daqueles que dispõem de maior autoridade técnica para o efeito.

Augusto Vilela

Koch lembrado no Porto

Tuberculose ainda mata

PORTO, 25 – Cerca de seis mil casos novos de tuberculose surgem no Mundo (e alguns deles em Portugal), segundo o chefe de serviços do Centro de Profilaxia e Diagnóstico da Zona Norte, o médico e crítico literário Taborda de Vasconcelos.

A afirmação foi feita durante a cerimónia comemorativa do centenário da descoberta do bacilo da tuberculose pelo alemão Robert Koch, que ontem decorreu na Fundação «Engenheiro António de Almeida», e na qual participou o director do Instituto Alemão, Adolf Himmel, entre outras pessoas ligadas ao combate à doença em Portugal.

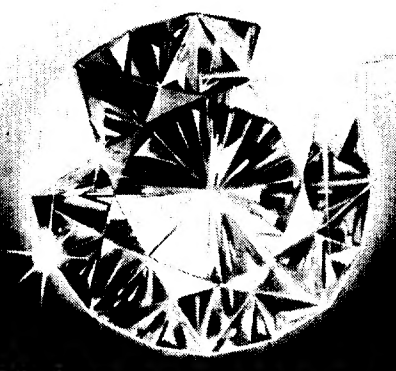
«Cem anos após a descoberta do bacilo da tuberculose e da forma de o eliminar, e não obstante o aparecimento de novos medicamentos de modernos processos terapêuticos, a tuberculose continua a matar pessoas» – disse Taborda de Vasconcelos.

A tuberculose é uma doença-contagiosa provocada pelo bacilo de Koch e afecta sobretudo os pulmões, rins, pele, meninges e intestinos. Robert Koch, médico e microbiologista alemão, nasceu em Hannover em 1843, e faleceu em Baden-Baden em 1910, tendo descoberto e isolado o bacilo da tuberculose em 1882.

Enquanto Taborda de Vasconcelos fazia estas afirmações no Porto, os organizadores das II Jornadas de Reumatologia, adiantavam em Lisboa que Portugal gasta anualmente 50 milhões de contos com o reumático, traduzidos em dez milhões de dias de baixa e na maioria das reformas antecipadas, que todos os anos são homologadas.

VILAMOURA

Um investimento de grande quilate



Valor para sempre

LUSOTUR – Sociedade Financeira de Turismo, SARL
LISBOA: Rua Tomás Ribeiro, 50, 2.º 1000 LISBOA
ALGARVE: Vilamoura 8100 LOULÉ

QUEIRAM ENVIAR-ME DOCUMENTAÇÃO SOBRE:
Terrenos ☐ Moradias ☐ Apartamentos ☐
NOME
MORADA
DL

Estamos na Nauticampo 82
Visite-nos no stand n.º 10, de 19 a 28 de Março.

SESSÃO DE SOLIDARIEDADE

CUBA -- EL SALVADOR -- GUATEMALA
NICARÁGUA E POVOS EM LUTA DA AMÉRICA LATINA

VOZ DO OPERÁRIO — 25.3.82 -- 21 horas

ENTRADA LIVRE

● **INTERVENÇÕES:**
Costa Gomes -- P. de Teles Sampaio
Carlos Candal -- Álvaro Rana

● **PROJECÇÃO DO FILME**
«A Marcha do Povo Combatente»

● **PARTE CULTURAL**
Joaquim Pessoa -- José Carlos Gonzalez

● **PRESENTES REPRESENTANTES DE:**
República de Cuba -- «Frente Farabundo Marti» de El Salvador -- «Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca»
● ORGANIZAÇÃO DA
ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL-CUBA com o apoio de: Conselho Português para a Paz e Cooperação — CGTP/Intersindical — MDM — RIA — URAP

Visita de João Paulo II: um "Rolls Royce" na polémica com programa atrasado

A questão do carro que transportará o Papa durante a sua visita ao nosso País transborda dos limites do Museu do Caramulo, ao mesmo tempo que o Episcopado Português começa a dar sinais de nervosismo perante o atraso na divulgação do programa oficial, a cargo do Vaticano.

A escolha do carro, um velho «Rolls Royce» que se encontrava «exposto» no Museu Automóvel do Caramulo, deixou de ser pacífica quando um especialista pôs em causa a segurança que seria proporcionada a João Paulo II.

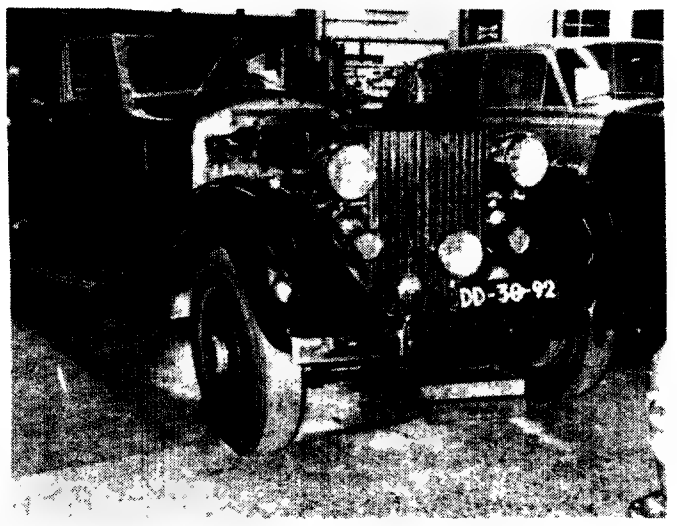
A reparação do carro, que já se encontra numa oficina em Lisboa, poderia ainda ameaçar a sua originalidade, uma vez que só a fábrica dá garantias de uma reparação eficaz. Além disso, põe-se a questão da modificação da cor da viatura: o ex-director do museu, em entrevista publicada no «Diário Popular», afirma: «Revolta-me que vão pintar de branco um carro que tem uma pintura preta maravilhosa, feita por especialistas ingleses».

E de quem terá partido a ideia de utilizar a citada viatura para transporte do Papa? Isso é que não se sabe, embora a ordem para que o carro fosse enviado para a garagem, em Lisboa, tenha emanado da Presidência da República, a proprietária.

Acontece, porém, que a garagem, agente da «Rolls Royce» em Portugal, afirma que não tem ordens para alterar a cor da viatura, mas tão-somente para o pôr a andar, sem lhe introduzir qualquer alteração. Ou seja, dar uma boa limpeza, interior e exterior, no carro que, além do mais, serviu para transportar a rainha Isabel de Inglaterra, em 1957, quando visitou Portugal.

Um «Rolls» que já tem a sua história

O «Rolls Royce» que agora sai do seu lugar num museu para a ribalta de uma visita papal, tem a sua própria história. De matrícula BB-30-92, o carro foi encomendado à fábrica inglesa por um príncipe indiano, em 1936.



Tal como acontecia com todos os «Rolls» dessa época, a carroçaria foi mandada executar pelo comprador do chassis, o que torna relativamente raras as características do exemplar que se encontra no nosso País.

A compra do carro foi feita em 1957, quando o Estado português teve necessidade de um carro «de categoria» para transportar a rainha de Inglaterra. Nessa altura, era o único «Rolls» à venda. Além disso, o carro não apresentava, então, grande desactualização de linhas, porque os modelos não tinham sido alterados pelo fabricante.

No nosso País, o carro serviu para o transporte de vários chefes de Estado, incluindo o Papa Paulo VI quando da sua peregrinação a Fátima.

A partir de 1974, o «Rolls» tornou-se peça do Museu Automóvel do Caramulo, embora continuasse a ser propriedade da Presidência da República. A ordem de deslocação para Lisboa terá partido, exactamente, de Belém. Mas uma certa desorientação na matéria parece predominar, havendo diligências de várias instâncias e em vários sentidos.

«Há para aí uma grande confusão. Anda toda a gente a mandar nos museus» – afirmaria ainda o ex-director do Museu do Caramulo, João Lacerda.

No seu caso, chegou a ser contactado a propósito de um outro «Rolls Royce» daquele museu. Só que se tratava de um carro de 1911... com rodas de madeira.

Programa atrasado traz preocupações

O atraso na divulgação do programa oficial da visita do Papa a Portugal levou a uma deslocação, a Roma, do padre Vitorino Feitor Pinto, com o fim de desbloquear a situação.

O programa que até agora tem sido divulgado não passa afinal de um esboço e o Vaticano poderá determinar alterações profundas no esquema das deslocações de João Paulo II pelo nosso país.

Até agora, a chegada do Papa tem estado prevista para o dia 12, às 14 hoas, ao Aeroporto da Portela. O resto do dia seria dedicado a contactos protocolares com o Presidente da República e com o Governo. À noite, porém, já deverá estar em Fátima, para presidir à vigília de oração da peregrinação mariana.

No dia 13, será o regresso a Lisboa, para, na manhã seguinte, se deslocar de helicóptero a Vila Viçosa. Na tarde do dia 14, já em Lisboa, deverá efectuar-se uma grande celebração, em local a determinar.

O dia 15, nos termos do programa provisório, deverá incluir uma visita de uma hora a Coimbra, poucas horas em Braga e duas horas e meia no Porto. Daqui, o Papa partirá, por avião, às 18 e 30 desse dia, directamente para Roma.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS E URBANOS DO CENTRO

PRÉ-AVISO DE GREVE

AO MINISTÉRIO DO TRABALHO
AO MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES
AO CONSELHO DE GERÊNCIA DA RODOVIÁRIA NACIONAL, EP

No decurso da greve geral do dia 12/2/82 e também da greve dos transportes de 22/1/82, foram por esse facto instaurados 4 processos disciplinares a trabalhadores que aderiram às mesmas.

A instrução dos referidos processos, e os factos que aos mesmos deram origem, mais não são que pretextos de intimidação e tentativa de coarctação da liberdade sindical e de expressão aos trabalhadores da filial da Rodoviária Nacional em Santarém. Sucessivas diligências foram efectuadas pelos trabalhadores junto do Conselho de Gerência, para conseguir o arquivamento dos processos abusivamente instaurados.

Apesar das promessas, o Conselho de Gerência até à data manteve os processos disciplinares, e o silêncio foi a única resposta dada aos trabalhadores.

As Associações Sindicais representativas dos trabalhadores da Rodoviária Nacional E.P., nos termos e para os efeitos do art.º 5.º da Lei n.º 65/77 de 26 de Agosto, conjugado com o art.º n.º 59 da Constituição da República Portuguesa, comunicam a Vs. Exas. que decidiram declarar uma greve de 24 horas, das 03.00 horas do dia 30 de Março às 03.00 horas do dia 31 de Março de 1982, na filial da Rodoviária Nacional em Santarém, pelo que os trabalhadores em greve — se necessário — permanecerão nos locais de trabalho.

A greve agora decidida pode ser agravada se não se verificar urgentemente:

1 — O arquivamento dos 4 processos disciplinares instaurados
2 — A garantia do livre exercício da actividade sindical na empresa
3 — O cumprimento integral dos artigos 57.º alínea d) e 59.º da Constituição da República Portuguesa.

Lisboa, 24 de Março de 1982

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS E URBANOS DO CENTRO

PUB.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DA ZONA SUL E AÇORES

OS TFP TÊM BOAS RAZÕES PARA APOIAR A MARCHA CONTRA O DESEMPREGO

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul e Açores apela a todos os TFP para que apoiem e integrem a MARCHA CONTRA O DESEMPREGO, que arranca no próximo dia 28 das cidades do Porto e de Évora e converge para Lisboa, onde terminará a 3 de Abril. As razões para o fazer são graves e concretas:

1) O Governo acaba de aprovar LEGISLAÇÃO QUE PÕE EM PERIGO A SEGURANÇA DE EMPREGO DE MILHARES DE TFP. Esse perigo é eminente para os TFP com vínculo precário à Administração Pública. Os restantes ficam sujeitos a, em qualquer momento e contra a sua vontade, serem transferidos de serviço ou passados por tempo indeterminado para o chamado «Quadro Interdepartamental», que outra coisa não é que um Quadro Geral de Adidos alargado em âmbito e reduzido em direitos.
2) As medidas recentemente emandas do Governo vêm agravar a situação de desespero dos filhos e familiares jovens dos TFP que, por força do diploma que impõe restrições drásticas à admissão de pessoal na Administração Pública, vêem ainda mais LIMITADAS AS POSSIBILIDADES DE CONSEGUIR O SEU PRIMEIRO EMPREGO.
3) Num plano mais geral, o DESEMPREGO É FACTOR DE INSTABILIDADE SOCIAL, mal de que se devem assacar culpas aos governantes que, colocando-se ao serviço do patronato e do capital, em vez de reduzirem o desemprego, favorecem progressivamente os despedimentos criando assim condições para engrossar as fileiras do já grande contigente de desempregados e permitir a formação de lucros cada vez mais volumosos.

Por estas três razões fundamentais,

TFP, APOIA E INTEGRA A MARCHA CONTRA O DESEMPREGO!

MANIFESTA-TE:
CONTRA OS DESPEDIMENTOS
CONTRA OS CONTRATOS A PRAZO
POR UMA POLÍTICA QUE FAVOREÇA O EMPREGO PLENO

Em Naplusa e Ramallah

Autoridades israelitas demitiram presidentes palestinos

As autoridades israelitas demitiram hoje os presidentes palestinianos dos municípios de Nablus e Ramallah, na margem ocidental do Jordão – anunciou um porta-voz militar.

Os dois principais chefes de município da margem ocidental ocupada, Bassam Al-Shaka, de Nablus, e Karim Khalef, de Ramallah, foram convocados hoje cedo pelo comandante da região militar dentro de Israel que lhes entregou uma notificação escrita indicando qued haviam sido demitidos – acrescentou a mesma fonte.

A medida segue-se à dissolução, a semana passada, do conselho municipal de El Bireh, o que provocou alguns dos mais violentos distúrbios ocorridos na margem ocidental desde que Israel a capturou à Jordânia na guerra de 1967.

Um comunicado oficial indicou que os dois presidentes dos municípios foram demitidiso porque se recusaram a reconhecer a nova administração civil que Israel estabeleceu na margem ocidental, e que foram substituídos por judeus.

Os líderes municipais afirmam que a administração «é uma tentativa de perpetuar o poder israelita na região».

O comunicado oficial acusou ainda Bassan Alshaka e Karim Khalef de «violarem a lei e a ordem com instruções da Organização de Libertação da Palestina».

«Isto é uma acção ilegal e racista» – comentou o presidente do município de Nablos – «ela prejudica toda a área».

Os dois dirigentes palestinianos mutilados em consequência de explosões de carros armadilhados em Junho de 1980, cuja autoria é atribuída a judeus extremistas.

Os presidentes dos municípios de Nablus e Ramallah, juntamente com o El Birhe, Ibrahim Tawil, demitido a semana passada, são considerados os principais representantes dos 750 mil palestinianos na margem ocidental dos 750 mil palestinianos na margem ocidental do Jordão.

Os próprios presidentes dos municípios previram a sua demissão quando afirmaram que «Israel está determinado a afastar todos os líderes nacionalistas que se recusam a cooperar com a administração civil».

Shaka revelou que quando tentou entrar hoje na câmara de Nablus juntamente com os seus conselheiros, soldados istaelitas barraram-lhe o caminho.

«Riram-se de mim e disseram-me que era apenas meio homem» – referiu Shaka, que perdeu ambas as pernas no atentado bombista de 1980.

Três jovens palestinianos foram ontem mortos, na Cisjordânia, numa altura em que a agitação se amplificou e se estendeu à zona de Gaza e que, após cinco dias de perturbações, o balanço se eleva a cinco mortos e vinte e quatro feridos ente os palestinianos.

Registaram-se também manifestações em Jerusalém e em duas localidades da margem ocidental do Jordão, paraquedistas foram enviados como reforço para Ramallah, ao passo que no planalto do Golan os habitantes Druzos (sírios) prosseguem a sua greve pela sexta semana consecutiva.

Por outro lado e facto sem precedente, 32 polícias árabes declararam-se ontem em estado de rebelião em Bethleem e depuseram os seus uniformes a fim de não fazerem «o sujo trabalho».

Entretanto quatro soldados israelitas ficaram hoje feridos em consequência da explosão de uma granada lançada contra uma patrulha na faixa de Gaza ocupada.

Este foi considerado o incidente mais grave contra as forças de ocupação israelitas desde que eclodiram a semana passada violentos distúrbios na faixa de Gaza e margem ocidental do Jordhao.

O atentado surgiu também minutos depois de as autoridades militares israelitas terem anunciado a demissão dos presidentes palestinianos dos municípios de Nablus e Ramallah.

Em Ramallah, um soldado israelita prende um jovem (Telefoto UPI-/ANOP/«DL»)

Grupo Fedayine capturado

O exército israelita capturou às 6 horas tmG de ontem um grupo de três «Fedayine», no sul do Líbano, anunciou o porta-voz militar israelita.

Segundo o porta-voz, os Fedayine, que tentavam infiltrar-se em Israel a partir do sul do Líbano», foram capturados no interior do território libanles, na zona controlada pelos milicianos cristãos do comandante Haddad, por patrulha israelita que usou o seu direito de perseguição». «Os três homens estavam poderosamente armados e projectavam perpetrar atentados em Israel», declarou o porta-voz.

Reunião do Conselho de Segurança

O conselho de segurança iniciou às 21.20 tmG de ontem os debates sobre a situação nos territórios árabes ocupados, à luz dos combates actuais entre soldados israelitas e palestinianos na Cisjordânia.

A reunião do conselho foi pedida pelo representante da Jordânia, presidente em exercício do Grupo Árabe da ONU, que denunciou «o terror israelita organizado (nos territórios árabes ocupados) tendo em vista desalojar os habitantes palestinianos autóctones».

O observador da Organização de Libertação da Palestina, os representantes de Israel e do Egipto devem também usar da palavra nesta sessão.

Por outro lado, fontes árabes anunciaram que o grupo árabe da ONU vai elaborar um projecto de resolução, a submeter ao conselho, destinado a pôr termo aos combates.

Situ pa -EUA "met

A situação na Guatemala parece totalmente «normalizada», após o golpe de Estado que anteontem depôs o governo do general Lucas Garcia, a favor de uma Junta militar dirigida por outro general, Efrain Rios Montt.

Todos os partidos consentidos no país, que vão do centro ao centro-direita, acolheram o golpe com agrado e manifestaram a espcerança de que as eleições prometidas pelo general Rios sejam isentas, facto inédito na vida política guatemalteca, desde o derrube, em 1954, do governo democrático de Jacob Arbenz, derrubado pelos sectores reaccionários com o apoio do imperialismo.

O presidente da nova Junta apareceu na televisão para classificar de «corruptos» os anteriores governos militares e garantir que respeitará os «direitos do homem». Elevando a voz, lançou um apelo à população para que «unidos, construamos uma nação por Deus, com Deus e para Deus». Aproveitou para dirigir um apelo à guerrilha, fortalecida após a constituição da Unidade Revolucionária Nacional e cada vez mais activa. E ameaçou: «se não depuserem as armas, nós tiraremos».

Combat a três dia

A 72 horas das «eleições» de domingo, prosseguem os combates encarniçados entre a guerrilha e o Exército regular de El Salvador nos departamentos de Chala Tenango e de Morazan (Norte do país).

Uma fonte oficial anunciou a destruição de «vários acampamentos rebeldes» no decurso duma operação de limpeza em curso desde a semana passada em Chalatenango.

No departamento de Morazan, a Frente Farabundo Marti afirmou que domina estradas importantes, isolando a cidade de San Francisco, capital do departamento. «Rádio Venceremos», da FMLN, dirigiu um apelo à população para que «não utilize certas estradas, a panamericana e a do litoral, por causa de manobras contra o inimigo nas próximas horas».

Na capital os transportes continuavam ontem perturbados, havendo a registar novo «raid» relâmpago da guerrilha, que parece testar a capacidade de reacção da tropa.

"Corrupção" foi o argumento

Junta militar constituída no Bangladesh

Uma Junta Militar integrada por chefes dos três ramos das Forças Armadas foi criado no Bangladesh na sequência do golpe de Estado militar que ontem depôs o presidente Abdus Sattar.

O novo órgão, que detém a totalidade dos poderes Executivo e Legislativo, é presidido pelo comandante do Exército e líder do golpe, general Hossein Mohammad Ershal, e composto ainda pelo almirante Mehub Ali Khan, comandante chefe da Marinha, e pelo comodoro Sultan Mohmoud, chefe do Estado-Maior da Força Aérea.

Numa comunicação através da Rádio de Bangladesh, captada pela agência noticiosa indiana PTI, o general Ershad justificou o golpe pela necessidade de «livrar o país do colapso social, administrativo e económico».

O líder do golpe anunciou ainda que o Conselho de Ministros e a Assembleia foram dissolvidos, a Constituição, suspensa, e a Lei Marcial imposta em todo o território.

Alegando não ter ambições políticas, Ershad prometeu que um novo presidente civil será designado e apontou como seu principal objectivo a realização de eleições gerais, o mais brevemente possível.

A comunicação de Ershad seguiu-se a uma outra feita por Sattar, em que o presidente deposto reconheceu a necessidade da «imposição da lei marcial, por causa da deterioração da lei e da ordem no país.»

Abdus Sattar encontra-se, segundo a agência noticiosa indiana, sob residência fixa.

As ligações telefónicas com Daca estão cortadas, mas o aeroporto parece funcionar normalmente.

Passageiros chegados a Calcutá vindos do Bangladesh disseram à PTI que o ambiente em Daca é de completa calma e que não houve resistência à acção dos militares.

Enquanto isto, a primeira-ministra indiana, Indira Gandhi, declarou ontem em conferência de imprensa em Londres, onde se encontra de visita oficial, que o golpe de Estado militar desencadeado no Bangladesh comporta uma ameaça de ingerência estrangeira se prolongar à instabilidade.

«Preferíamos lidar com um Governo eleito democraticamente», acrescentou Gandhi a propósito. «Mas não cremos, da nossa parte, que possam existir ingerências. Preferia ver um Governo democraticamente eleito, ma isso depende da população do país».

PC Brasile

O Partido Comunista Brasileiro comemora hoje o seu 60.º aniversário.

O desenvolvimento da indústria brasileira nos anos pós-guerra provocou um aumento do número de operários e a sua concentração em grandes empresas. As contradições então surgidas entre os trabalhadores e o capital resultaram na organização dos operários, que viriam a fundar em Março de 1922 o Partido Comunista.

Mas, como em muitos outros países da América Latina,

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

MOÇÃO

O Pacote legislativo é contra o poder local

Assistimos neste momento à tentativa de debate público quando ao processo de regionalização do país, aspiração há muito sentida. Pretenderá o Governo/AD uma grande operação de propaganda face à aproximação de novas eleições autárquicas, procurando fazer esquecer a contestação a que todos os dias é submetido no Parlamento, nas empresas e fábricas nos serviços públicos e até mesmo em autarquias da sua área ideológica e iludir os grandes problemas nacionais que continuam a não ser resolvidos e a grande ofensiva que pretende desencadear na destruição do Poder Local essa grande conquista de Abril.

Tal é o objectivo do pacote legislativo antiautárquico, por isso:

— Considerando que a proposta de lei sobre **Eleições Autárquicas** representa um grave atentado à democraticidade e seriedade das eleições procurando limitar a distribuição de propaganda e generalizar o voto por correspondência, a chapelada;

— Considerando que a proposta de Lei Sobre **Atribuições e Competências** pretende uma diminuição de representatividade das Assembleias de Freguesia e Municipais, reforçar o presidencialismo tão do agrado dos saudosistas do fascismo, eliminar os direitos das organizações populares na participação da vida autárquica;

— Considerando que a proposta de lei sobre **Finanças Locais** visa a diminuição dos recursos financeiros para as autarquias aliada a uma menor objectividade nos indicadores que a proporcionarão, elimina as referências anteriores à bonificação de Juros na contratação de empréstimos;

— Considerando que a proposta de lei sobre **Delimitação de Competências** pretende transferir encargos para a Administração Local sem a correspondente contrapartida financeira e tutelar, antes pelo contrário fazendo depender essas transferências de assinaturas em conjunto e caso a caso...;

— Considerando que a proposta de lei sobre **Tutela Administrativa** pretende alterar o regime de autonomia do Poder Local permitindo uma intromissão constante na gestão das autarquias, indo ao ponto de introduzir a possibilidade de dissolução dos órgãos locais e ineligibilidade dos eleitos da oposição;

— Considerando que a proposta de lei sobre **Investimentos Intermunicipais** tenta consagrar a política dos subsídios e comparticipação através do sistema de compadrio;

— Considerando que o projecto de diploma sobre funcionários dos quadros autárquicos não concretiza a abolição do Quadro Geral Administrativo do MAI, tenta intrometer-se no estabelecimento de regras em matéria de densidade, admissões, promoções, etc., ferindo a própria autonomia local.

A CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL, REUNIDA EM 19 DE MARÇO DE 1982 DELIBERA:

— Protestar contra o gravíssimo atentado à democraticidade e autonomia do Poder Local que o Governo prepara;

— Exigir da Assembleia da República que assegure o respeito pelas regras que consagram a autonomia das autarquias, através da rejeição das propostas de lei que integram o pacote antiautárquico do Governo;

— Reclamar a sujeição das propostas do Governo e dos projectos de decreto-lei à apreciação das autarquias e a sua submissão a amplo debate público prévio;

— Exigir que o Governo não volte a apresentar legislação de importância para o Poder Local sem prévia consulta às autarquias.

Aprovada em reunião de Câmara de 19 de Março de 1982

...uação na Guatemala ...arece normalizada

...etidos" no golpe de terça-feira?

EUA acusados de implicação

O presidente mexicano, Lopez Portillo, denunciou o golpe militar na Guatemala como um «novo factor de tensão numa região já de si convulsa», e a Imprensa mexicana considera, na generalidade, que a deposição de lucas Garcia «aprofundará» a crise guatemalteca.

Ainda no México, o escritor guatemalteco Luis Cardoza y Aragon, presidente do Comité da Unidade Patriota, classificou a acção dos militares como «uma farsa dentro de outra farsa».

«O que se passa na Guatemala é uma farsa dentro de outra farsa: depois da farsa eleitoral, é a farsa do golpe de Estado, dado pela secretaria de Estado norte-americana», escreve Cardoza y Aragon, num artigo publicado no jornal «Uno Mas Uno».

Por sua vez, os Estados Unidos procedem a um exame da «situação e da atmosfera», indicou o porta-voz da Casa Branca, Larry Speakes, que acrescentou estar Washington a recebar relatórios sobre o «impacto e o futuro» da alteração do poder verificada na Guatemala. As agências, desiqnadamente a IPS, fazem notar, de qulquer modo, que o presidente derrubado, Lucas Garcia, não era bem visto em Washington, pela violência inaudita que caracterizou o seu mandato, colocando a Guatemala fora de um esquema de democracia aparente que os EUA se esforçam por criar na América Central.

Entretanto o órgão central do Partido Comunista Cubano, «Granma», escreve que «um conhecido agente da CIA», Lionel Sisniega Otero, figurava entre os organizadores do golpe de Estado.

Sisniega Otero apresenta a sua candidatura à vice-presidência da República, nas eleições do passado dia 7 de Março, em mone do Movimento de Libertação Nacional, de extrema-direita – recorde-se .

Em declarações prestadas hoje à a agência norte-americana UPI, Sianiega admitiu que o seu partido ajudou os militares que derrubaram Garcia, fornecendo assim a primeira indicação concreta das inclinações políticas do denominado «Movimento dos Jovens Oficiais». Acrescentou que discutiu o golpe com o próprio general Rios Montt mas desmentiu que a administração americana tivesse conhecimento antecipado do que se preparava. No entanto, o New York Times afirma na sua edição de hoje que funcionários norte-americnos admitiram ter conhecimento de planos golpistas desde Janeiro.

Lucas Garcia

O deposto presidente da Guatemala, general Romeno Lucas Garcia e todo o seu estado maior estão sob prisão domiciliária, foi hoje anunciado oficilamente.

O general Efrain Rios Montt, presidente da Junta Militar que terça-feira tomou o poder, revelou que Romeo Lucas, o ministro da Defesa, general René Mendoza e o chefe do estado maior do Éxercito, general Benedicto Lucas Garcia se encontram de «perfeita saúd» mas detidos nas suas residências particulares.

Na conferência de Imprensa que concedeu na capital guatemalteca, Rios Montt indicou que dois civis – cujas identidades não revelou – integrarão o próximo governo, como ministros dos Negócios Estrangeiros e da Educação.

Revelado em tribunal

Serviços secretos portugueses envolvidos no sequestro de Tshombé

O julgamento em tribunal militar de Francis Bodenan, um francês acusado de ter sequestrado a 30 de Junho de 1967, o antigo primeiro-ministro do Congo ex-Belga, Moisés Tshombé, durou apenas algumas horas ontem em Pama de Maiorca e não deu lugar às declarações sensacionais anteriormente anunciadas pelo réu.

Contra toda a espectativa, o acusado optou por uma defesa sóbria e o julgamento não permitiu esclarecer as dúvidas que envolvem, 15 anos depois, o desvio para Argel do avião de aluguer, que ligava Palma a Ibiza (Baleares) no qual viajava Tshombé.

Francis Bodenan limitou-se a declarar que tinha agido como «chefe do serviço de informações do Zaire e que dentro do avião de Tshombé todos eram agentes secretos». No aparelho seguiam três belgas, dois polícias espanhóis para alem do réu e do ex-chefe do Governo do Congo ex-Belga.

O advogado da defesa, Giullermo Ribot, afirmou por seu turno que o seu cliente contava com o apoio dos «serviços secretos portugueses» e de outras potências europeias que «rivalizavam entre si para tentarem implantar-se no Zaire».

Após mais cinco horas de batalha jurídica entre o advogado da defesa, que reclamava a absolvição, e o procurador militar, tenente-coronel Garcia Reyes, que pediu uma pena de vinte anos e um dia de prisão, o presidente decidiu concluir a sessão e retirar-se para deliberar com os restantes seis membros do tribunal.

Contudo, os meios ligados à defesa, sem arriscarem qualquer prognóstico, aparentam uma certa serenidade quanto ao resultado deste julgamento.

A China ainda não respondeu

Brejnev propõe normalização das relações com Pequim

A China não deu até agora qualquer resposta à proposta que o dirigente soviético, Leonid Brejnev, fez ontem a Pequim num discurso proferido em Tachkent, discurso ao qual aludimos também noutro ponto da nossa página, pois o chefe de Estado da URSS referiu dois temas distintos: as relações com Pequim e a questão do desarmamento.

Oferecendo à China a oportunidade de normalizar as suas relações com a URSS, Brejnev salientou três pontos: 1 – Moscovo nunca deixou de considerar a China um país socialista; 2 – nunca aceitou a tese das duas Chinas; 3 – sempre reconheceu a soberania de Pequim sobre Taiwan.

Aludindo aos problemas asiáticos, Brejnev congratulou-se com o estado das relações indiano-soviéticas e lamentou que não existisse a boa vizinhança e a cooperação que a URSS tanto deseja com o Japão, reafirmando, uma vez mais, os desejos soviéticos de plena normalização do convívio nipo-soviético, na base da reciprocidade.

Ainda em relação à China, Brejnev reiterou que não ameaça nem nunca ameaçou aquele país nem tem quaisquer reivindicações territoriais a fazer, e que a URSS pretende continuar as conversações fronteiriças e chegar a um acordo razoável.

Esta proposta de Brejnev surge numa altura em que muito discretamente se têm sucedido encontros sino-soviéticos e em que Pequim parece decidido a exigir dos EUA uma clara definição sobre a Formosa. Documentos norte-americanos, recentemente divulgados pela revista «Afrique-Asie» revelam que Washington pretende manter a questão da Formosa eternamente em suspenso, na convicção de que é esse problema que arrasta Pequim para a sua órbita e no temor de que, uma vez tal questão solucionada, a China abandone os seus laços com os norte-americanos.

Observadores citados pela ANOP afirmam, por seu lado, que o facto de Brejnev ter formulado pessoalmente esta proposta de normalização faz supor que a reacção da China é conhecida previamente e será em sentido favorável.

Deng Xiaoping

Os chineses souberam ontem que o poderoso vice-presidente, Deng Xiaoping, se retirou da actividade política no dia-a-dia, mais de seis semanas depois da notícia ter sido divulgada na Imprensa estrangeira.

O mensário «Liaowang» («Posto de Observação») deu a notícia num artigo sobre um encontro de Deng com o antigo chefe de Estado cambojano, príncipe Norodon Sihanuk.

Sianuk foi o primeiro estrangeiro a ser recebido por Deng depois de este ter desaparecido da cena pública, há mais de um mês.

Citando o vice-presidente, Wan Li, a revista disse que Deng «se retirou para a segunda linha», declaração que ele fizera à Reuter a 6 de Fevereiro, mas que a Impresna chinesa não publicou.

Depuração?

O Partido Comunista Vietnamita saneou 86 mil membros, incluindo elementos que não assumiram uma posição claramente antichinesa, noticiou quarta-feira a agência noticiosa oficial chinesa Xinhua.

A Xinhua disse que o saneamento fora divulgado na revista do partido vietnamita Tap Chi Cong San (Comunismo).

El Salvador

...tes encarniçados ...ias das "eleições"

Entretanto, num comunicado divulgado em San Jose da Costa Rica, a FMLN qualificou o presidente venezuelano, Luis Herrera Campins, de «adversário leal com quem podemos discutir e partilhar aspirações».

Estas declarações da guerrilha seguem-se ao acolhimento favorável dispensado pelo presidente venezuelano a uma proposta da FMLN de iniciar conversações para se chegar a uma solução negociada da guerra civil em El Salvador.

EUA: a maioria contra Reagan

O apoio militar concedido pelos Estados Unidos à Junta de El Salvador suscita a desaprovação da opinião pública americana, embora ela pareça convencida da intervenção de Cuba e da Nicarágua e dos perigos que ela representaria para a América Central.

Cinquenta e nove por cento dos 1218 americanos interrogados pela ABC criticam a presença de cerca de cinquenta conselheiros militares americanos em El Salvador, contra 35 por cento, que aprovam essa presença.

Setenta e dois por cento dos inquiridos, contra 23 por cento pronunciam-se contra o aumento da ajuda em armas e material militar, prevista pela administração Reagan para a Junta salvadorenha.

EUA-Nicarágua: diálogo à vista?

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Nicarágua, Miguel D'Escoto, afirmou que existe uma possibilidade concreta de diálogo directo entre os Estados Unidos e a Nicarágua.

Acrescentou, contudo, que continua a temer uma invasão apoiada pelos Estados Unidos e repetiu acusações de que uma tal invasão está a ser preparada.

D'Escoto proferiu as declarações ao partir para Nova Iorque, para apresentar a sua posição nas Nações Unidas.

"Provinciais" na Holanda

Teste desfavorável ao Governo

Os eleitores holandeses retiraram nas eleições provinciais de ontem o seu apoio aos dois partidos de esquerda que formam, com a Democracia Cristã, a coligação governamental actualmente no poder na Holanda.

Segundo estimativas estabelecidas às 19 h tmG, os cristãos democratas, partido a que pertence o primeiro-ministro Andreas Van Agt – obtiveram 33,4 por cento dos votos (contra 30,8 por cento nas legislativas de Maio de 1981) e os liberais 22 por cento (contra 17,3).

Os socialistas obtiveram apenas 21,7 por cento (contra 28,5).

O terceiro partido da coligação governamental a Democracia 66», também registou uma perda percentual 8,4 contra 11,1 ao passo que os diversos agrupamentos de esquerda progridem de 6,1 para 8 por cento e os diversos de direita de 4 para 5 por cento.

A eleição de 700 representantes para as assembleias provinciais que são dotadas de poderes limitados, em princípio não tem influência imediata sobre os assuntos do Estado.

No entanto, os dirigentes políticos reconheceram neste escrutínio o valor de um teste de popularidade da coligaão de centro-esquerda no poder em Haia desde Setembro de 1981, e que desde a sua formação dá sinais evidentes de divisão interna, apesar da larga maioria parlamentar de que dispõe.

Com efeito a ala democrata-cristã da coligação não conseguiu obter até agora dos socialistas e dos neoliberais da «Democracia 66» a diminuição das despesas do Estado, que considera desejável.

NATO recusa proposta soviética

Os ministros da Defesa da Aliança Atlântica rejeitaram ontem, por unanimidade, uma proposta da URSS para o congelamento dos mísseis SS-20 no território soviético europeu, afirma o Grupo de Planeamento Nuclear.

Os 13 ministros reafirmaram o seu forte apoio à proposta da administração Reagan de não estacionar novos mísseis na Europa, caso a União Soviética retire os seus SS-20.

A posição dos ministres da NATO surge no comunicado final de uma conferência de dois dias do Grupo de Planeamento Nucelar que decorreu em Colorado Spings.

O secretário norte-americano da Defesa, Caspar Winberger, que partiu para uma viagem de dez dias à Ásia, considerou a sessão «um grande êxito, muito unida».

A recusa da NATO da proposta soviética não surge como surpresa e segue-se a uma posição semelhante assumida pela Administração Reagan.

Explosão nucelar francesa

A França procedeu a uma explosão nucelar em Mururoa, no Pacífico Sul, revelaram hoje, em Wellington, cientistas neozelandeses.

Precisaram que se tratou de um engenho de 15 quiloneladas (equivalente a 15 mil toneladas de TNT) e que a explosão se verificou às 5.03 da manhã, hora neozelandesa, de domingo passado (sábado às 17.00 tmG).

Esta explosão anuncia, pensam em Wellington, uma nova série de ensaios nucleares no atol de Mururoa, onde a França procedeu a 48 explosões nucleares desde 1975.

Movimentos sindicais da região tinham anunciado que poderão tomar medidas retorão contra a França em caso de prosseguirem estes ensaios, nomeadamente porem em funcionamento um embargo comercial. Por outro lado, cientistas neozelandeses pediram autorização para inspeccionar o atol, depois da publicação de informações dadndo conta de fissuras nos fundamentos da ilha e de fugas radioactivas nas guas da lagoa.

Uma subcomissão do Senado americano recusou por unanimidade, no dia 23, desbloquear as verbas do exercício de 1983 previstas para a produção do novo míssil nucelar MX, enquanto a sua instalação definitiva não for decidida.

Esta meida, se for seguida pelo Congresso, impedirá a instalação prevista para 1986, dos 40 primeiros MX em silos reforçados de mísseis «Minuteman». As verbas recusadas pea subcomissão senatorial das Forças Armadas para as armas nucelares atingem os 2,2 mil milhões de dólares afectados por um lado, à produção de mísseis, e, por outro, ao estudo do reforço dos silos.

O Ocidente que decida

Leonid Brejnev afirmou ontem que compete ao Ocidente responder às últimas propostas soviéticas no domínio do desarmamento.

Leonid Brejnev declarou: «Dissemos a nossa palavra, um palavra derivada da razão e do nosso apego pela paz, a qual foi recebida com aprovação em todo o mundo. Agora compete ao Ocidente responder».

...leiro faz hoje 60 anos

o Partido Comunista Brasileiro teve, desde o início, uma vida conturbada.

Quatro meses depois da sua fundação foi ilegalizado, situação que se prolongou até 1945, em 1947 voltou a ser ilegalizado.

Contudo, mesmo nos anos difíceis de clandestinidade, os comunistas brasileiros reforçaram a sua ligação às massas ocupando posições firmes, nomeadamente, nos sindicatos.

Saído da ilegalidade, o PCB em dois anos, 1945-1947, aumentou o número dos seus militantes de dois mil para 150 mil.

O seu trabalho de mobilização dos trabalhadores por transformações democráticas no país prosseguiu, tendo este partido desempenhado um papel destacado na elaboração da Constituição do país aprovada em 1946.

Na década de 70 houve nova onda repressiva no Brasil. Muitos comunistas foram presos, mas as tendências de abertura já não podiam ser travadas.

NOVO SERVIÇO

LISBOA/MADRID/LISBOA

a partir de 1 de Março de 1982

Caminhos de Ferro Portugueses

ADÓQUE teatro

TELEF. 874476

UMA GRANDE REVISTA!

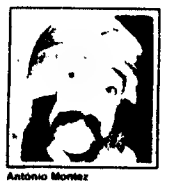
ÊXITO ESPECTACULAR!

HOJE: 21.30

HORÁRIO
2.ªs, 3.ªs e 5.ªs: 21.30 h.
6.ªs e sáb.: 20.30 e 23 h.
Domingo: 16.00 e 21.30 h.
Folga: 4.ª-feira

Henrique Viana

Delfina Cruz


António Montez

Magda Cardoso

UM ESPECTÁCULO DE GRANDE NÍVEL!

A ÚLTIMA REVISTA NO MARTIM MONIZ

PETRÓLEOS DE PORTUGAL EP
PETROGAL

OBRIGAÇÕES PETROGAL — 81

EMISSÃO DE 1.000.000 DE OBRIGAÇÕES

I — TROCA DE CAUTELAS PELOS TÍTULOS DEFINITIVOS

Avisam-se os senhores obrigacionistas de que, a partir do próximo dia 29, poderão proceder à troca das cautelas, em seu poder, pelos títulos definitivos, nas Instituições de Crédito onde foram efectuadas as respectivas subscrições.

II — PAGAMENTO DE JUROS

De harmonia com as condições de emissão estará a pagamento, a partir do próximo dia 1 de Abril, o juro do CUPÃO N.º 1, correspondente ao período de 28/09/81 a 31/03/82.

O juro a pagar por cada obrigação será o seguinte:

Juro ilíquido	101$37
Imposto s/sucessões e doações	5$07
Líquido	96$30

O pagamento será efectuado em todas as Instituições de Crédito.

Chama-se a atenção para a necessidade de ser comprovado o número fiscal de contribuinte (Decreto-Lei n.º463/79 de 30 de Novembro de 1979).

Lisboa, 10 de Março de 1982

O CONSELHO DE GERÊNCIA
(assinatura ilegível)

MUNDIAL FILMES RECOMENDA

BUD SPENCER

no seu melhor filme de sempre

O TERROR DO FAR WEST

(BUDDY GOES WEST)

UM WESTERN DE TRÊS EM PIPA!

JOE BUGNER · AMIDOU

Realização de Michele Lupo

MUNDIAL FILMES

HOJE — ESTREIA

Não ac. men. de 13 anos.

nos cinemas

ROXY · POLITEAMA

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

hoje às 21:45h

A VIAGEM

2.º MÊS

TEXTO - HELDER COSTA
ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA

DE 3.ª FEIRA A DOMINGO AS 21:45
SÁBADOS E DOMINGOS AMBEM
MATINÉES AS 17 H

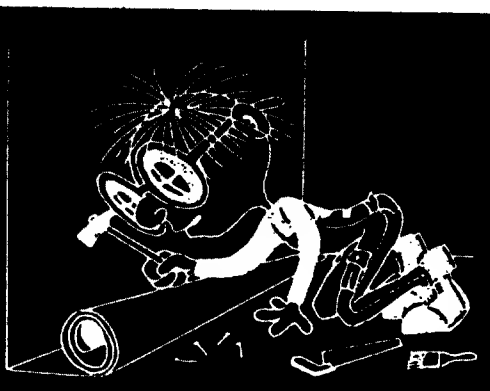
PRAÇA DE ESPANHA TEL 76 26 24

grátis até 15/Maio

SERVIÇO DE COLOCAÇÃO DE ALCATIFAS COM 4 m LARGO

GRANDE SORTIDO DESDE 245.00 m2

VISITE-NOS, somos... cb CONDE BARÃO



exclusivo

El Salvador

2- Relatório da Igreja confirma o terrorismo do Estado

■ IPS

III. A Igreja em El Salvador

O problema central para a Igreja é o da divisão e a perseguição. Há pontos em comum, como a denúncia contra a violação dos direitos humanos e a acção humanitária a favor dos deslocados.

Face às injustiças sociais do país e, actualmente, face aos conflitos armados, as arbitrariedades cometidas, os massacres, os actos de terrorismo, o não respeito aos direitos humanos, perpetrados pela extrema direita ou pelas forças governamentais, pela extrema-direita ou pela esquerda, a Igreja faz ouvir a sua voz. Em tais circunstâncias, cumpre a sua missão profética de denunciada, em virtude da sua força evangelizadora.

Por parte de todos os seus membros é generosa a atenção cristã prestada aos deslocadòs e às vítimas do conflito.

Contudo, há uma divisão profunda na posição dos membros da Igreja acerca do modo de debelar as injustiças e de conduzir os destinos do país. Neste sentido, três posições podem referir-se:

a) Os que denunciam as injustiças e arbitrariedades mas permanecem críticos ante a proposta guerrilheira e a repressão do governo, ante as falhas na administração da justiça e ante as actuais propostas políticas. Vêem nas eleições um primeiro esforço possível para a superação da crise. Actuam na renovação pastoral, na promoção de vocações, na formação de laicos e na reconstrução de quadros, na acção de reformas sociais de acordo com a injustiça e na reconciliação nacional, procurando excluir tanto a inspiração marxista como a influência capitalista.

b) Os que denunciam a injustiça, optam decididamente por uma Igreja comprometida com os pobres, na base de mudanças radicais na sociedade e que, por ideologização, recorrem à insurreição violenta. Por isto denunciam a ineficácia dos propósitos de reforma do governo e têm pouca fé na tese das futuras eleições.

c) Os que denunciam os excessos do conflito mas, reagindo contra o marxismo, rechaçam a guerrilha, minimizam as arbitrariedades da repressão governamental e vêem na actual Junta e nas eleições programadas a saída política do país.

Nesta posição encontram-se alguns membros da Igreja que estão de acordo com a acção do governo, sem espírito crítico.

Os que compõem este grupo seguem uma pastoral tradicional. Crêem que a purificação dos meios eclesiásticos com a expulsão dos membros politizados favoreceria a solução. Não prevêem grandes reformas sociais a curto prazo.

Desta maneira, a Igreja de El Salvador sofre uma divisão interna, reflexo da situação política e da posição doutrinal face à ideologia marxista.

Existe certamente repressão. Alguns consideram-na perseguição contra a Igreja. No entanto, nem todos o julgam assim.

Muitos católicos sentem-se atacados e vítimas da suspeita de serem subversivos, fautores do comunismo, enquanto que as seitas protestantes, pelo seu verticalismo religioso que não se opõe à política governamental, são apoiadas pelo governo, respeitadas e favorecidas.

Alguns afirmam que nas populações as «forças civis» controlam o trabalho das comunidades e vigiam os que assistem às missas nas igrejas católicas.

Não se pode excluir a influência da maçonaria.

Continuam a verificar-se casos de assassínio, expulsão e desaparição de padres, religiosos e colaboradores mais comprometidos.

Quem são os responsáveis desta perseguição? Segundo alguns, seriam os grupos paramilitares de extrema-direita. Para outros, a perseguição provém do governo que, não só é permissivo com os grupos paramilitares como ainda admite a actuação de forças de segurança ou militares no interior do país.

O governo procura mostrar que a perseguição não é religiosa tratando-se antes duma

O arcebispo Oscar Romero foi abatido a tiro em pleno coração quando dizia missa

repressão dirigida ao aspecto político da subversão na qual estão envolvidos sacerdotes, religiosos e colaboradores pastorais. De facto, resulta que a repressão é maior onde florescem as comunidades cristãs.

O clero diocesano é em grande parte salvadorenho (de 106; 8 são estrangeiros) e mantém boas relações com o clero religioso. Há interesse pela pastoral vocacional. O seminário interdiocesano de San Jose de La Montana, confiado ao clero diocesano desde 1977, é animado por uma equipa unida cuja dedicação é completa. Durante estes anos de prova para a Igreja é possível imaginar a repercussão de tal situação sobre os jovens seminaristas. Contudo, é importante referir o crescimento humano, a maturidade da fé que se vai conseguindo e a autenticidade da vocação.

A promoção de comunidades do tipo da «Igreja Popular» cria um problema para o acompanhamento e a formação dos seus membros. É preciso reconhecer o empenho em prol da justiça que nasceu destas comunidades, mas também lamentar o facto de se terem envolvido no marxismo.

Cresce cada vez mais o proselitismo dos protestantes e das seitas (adventistas, baptistas, mormons, testemunhas de Jeová) que implantam rapidamente os seus centros, realizam uma evangelização espiritualista e ganham terreno entre as classes que não apoiam a dimensão do magistério da Igreja. Os católicos nem sempre estão preparados para superar o embate de tais seitas.

Permanece o problema da divisão do povo de Deus, causado pelo trabalho de alguns padres e religiosos que, não raras vezes, utilizam os fiéis, atraindo-os às suas posições ideológicas.

É muito profunda e séria a questão das duas divisões que se verificam na Igreja sobre a opção pelos pobres: uma, comprometida com a via marxista de mudanças radicais, rápidas e violentas. Outra, que exige mudanças audazes mas não aceita a análise nem a luta de classes.

A demora em prover definitivamente o arcebispo de San Salvador (23 meses) contribuiu, segundo alguns, para o clima de incerteza entre os fiéis. Além disso, o número de bispos diminuiu de 8 para 4, mantendo-se as mesmas jurisdições eclesiásticas.

IV. Esperanças, temores e interrogações

(Como esperanças na vida da nação o **celam** anota):

A reforma agrária em curso que parece irreversível e pode criar uma nova fase que permita às classes desfavorecidas do campo condições de vida mais justas.

A expectativa de que as eleições favoreçam **um governo militar** (o sublinhado é nosso) que promova as mudanças necessárias e garanta a institucionalidade.

(Como temores na vida da nação o **celam** anota):

A dificuldade tida pelo povo para se situar face a tantos partidos e grupos, divididos ou com alianças frágeis e passageiras, não poucas vezes comprometidas com a situação actual ou com a acção violenta, própria da doutrinação marxista.

A economia salvadorenha encontra-se gravemente atingida pelas depradações causadas pelo conflito e pelos gastos com material bélico. Será possível um processo de recuperação?

A eventualidade de que a acção guerrilheira e a repressão se intensifiquem numa espiral de violência e ressentimento, sem excluir a intervenção dos blocos internacionais em tensão.

Como reeducar os que actuam nos meios de comunicação social para que informem o povo com verdade, sem distorcer os factos e sem servir as diferentes ideologias?

V. Sinais de Esperança

Começam a dar os seus frutos os esforços pela reconstrução da unidade interna da Igreja, a todos os níveis. Contudo, há que continuar a aprofundar os aspectos teológicos da visão da Igreja, e bem assim as interpretações da opção pelos pobres e a missão política da missão eclesial.

O aumento de candidatos para o seminário e a vida religiosa – o seminário interdiocesano é uma promessa para a Igreja salvadorenha e um marco concreto de colaboração entre as dioceses.

Apesar da repressão, a acção pastoral da Igreja no Salvador continua viva e criativa, em busca de respostas adequadas ao momento especial que atravessa.

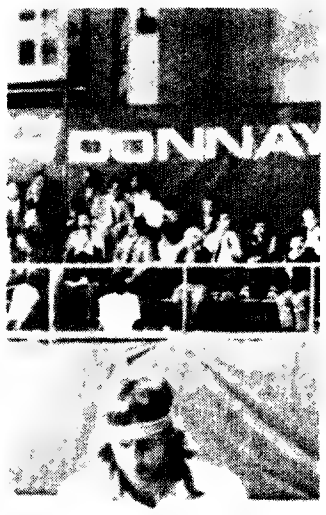
Promover urgentemente a adequada atenção às centenas de milhares de refugiados, exilados e camponeses pobres, favorecendo-os não só com a ajuda das organizações da Europa e América do Norte, mas também com a generosidade dos países do continente.

Esforçar-se para conseguir o termo do conflito armado e o clima de suspeita e ódio. Para isto, insistir a favor de uma acção internacional que leve os governos de todos os Estados a absterem-se de fornecer armas e prestar outras formas de assistência a El Salvador. ■

O novo arcebispo de São Salvador fala em memória do seu antecessor, Oscar Romero, assassinado há dois anos pela ultra-direita salvadorenha e cujo retrato figura na parede do templo

DESPORTO

Um deus com pés de barro



Primeiro assalto: o fim

Os campeões, tal como os deuses, também têm pés de barro. Pelo menos o deus do ténis contemporâneo, ontem à noite parecia um dos seus adoradores que nos «courta» lusitanos entretêm os domingos a bater bolas contra a parede.

É evidente que o que se afirma é exagero. Borg é ainda muito bom. Mas retrata a desilusão de quem esperava ver jogar um deus... e quase que só reteve os falhanços de um homem.

Hoje à noite, quando o «show» se reatar no Pavilhão do Dramatico de Cascais, dificilmente Borg poderá arpirar a mais(?) que os trinta mil dólares reservados para o segundo classificado.

Portugal, nas peregrinações de Bjorn Borg, não será mais do que um ponto quase sem dimensão (é que mesmo os trinta mil dólares pouco acrescentam aos três milhões que ele já amealhou como profissional).

Os que ontem o viram, e que hoje repetirão a dose, atentos à final com Gerulaitis, sabendo que é difícil voltar a cruzar os seus caminhos com os do campeão, terão como consolação poder rever os jogos maravilha de Forest-Hill contra Jimmy Connors ou de Wienbledon contra McEnroe.

Mas quem ontem perdeu, mais que uma partida, uma hipótese única, foi o australiano McNames. Conhecido já nestas andanças do ténis, por ter batido McEnroe o ano passado em Rolan Garros, teve ontem a sua melhor hipótese de vencer Borg. Perdeu-a, provalvelmente com justiça. E se a forma de Borg melhorar, como muitos esperam, McNames (que o público acarinhou porque teve a coragem de desafiar os deuses) não terá outra «chance».

O jogo entre os dois não foi uma partida equilibrada. Antes feita de repetidas falhanços de um Borg em baixo de forma, de erros de Mcname muito rápido, mas a acusar a responsabilidade de se bater contra o campeão.

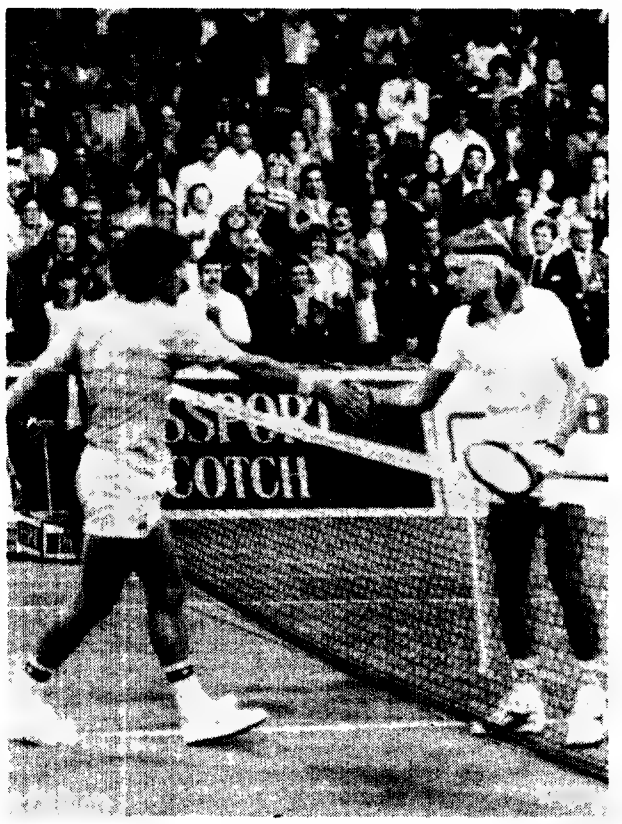
O sueco conseguiu perder sete dos seus doze serviços. Repetidamente cometeu duplas faltas (o que significa que falhou os bolares). E no jogo jogado, deixou passar bolas para além das linhas limites, desmentindo a sua tradicional precisão e quedou-se no jogo ao fundo do «court», na passiva esperança de que o seu adversário falhasse. De vez em quando vinha um lampejo da glória de outros anos – um «passing shop» indefensável, um serviço imparável, uma bola cruzada que deixava McNames feito estátua no «court».

O resultado deu-lhe a vitória 2-1. Mas os parciais (1/6, 6/2 e 6/4) são a evidência de que os deuses ontem estiveram recolhidos no Olimpo e não desceram a Cascais. E nem sequer se pode falar de equilíbrio. Porque antes de tudo o que se viu foi uma série de erros impensáveis. Iguais, McNames e Borge, apenas na esquerda – ambos com as duas mãos, ambos com força.

Do outro jogo da noite, a história não rezará. Gerulaitis bateu, com facilidade o alemão Gehring por 2-0.

Afinal treinou-se para hoje à noite bater o deus.

José Manuel Vilaça



Esquerda e vitória

Uma noite na vida do mito

Desporto, turismo, competição e negócio, eram os ingredientes do êxito. A «Chivas Regal Cup», possuía-os, claro.

Digamos que era apenas uma questão de diluição adequada.

João Lagos, promotor da iniciativa, confirmou a validade da «fórlula alquímica» e revelou saber o suficiente da matéria.

O piso: bom. O público: óptimo. A organização: excelente.

Assim se pronunciaram, no termo da exibição de ontem, os quatro participantes, entre dois bocejos.

São lugares-comuns, é certo: ninguém ofende os anfitriões em sua própria casa. Mas é inegável que as coisas funcionaram, que os protagonistas desempenharam a contento os seus papéis, que ninguém esqueceu de modo irreparável as marcações.

Os ingredientes traziam certificado de garantia: dos atletas ao modelo de organização, uma longa e frutuosa experimentação destas andanças pode ser, sem riscos, enxertada no Pavilhão do Dramático de Cascais.

Sabia-se, também, que o Banco de Portugal tinha facilitado. E que a Macieira apostara forte, desde a primeira hora. Que Borg ainda é estrela de primeira grandeza e mito perdurável. Que o público português, arredado tradicionalmente do convívio das «big stars», faria das fraquezas forças.

Outra história: a expectativa de quem assistiu. Esperava-se mais e a decepção era nítida:

«Então, **aquele** é que era o grande Borg?...»

Não esqueçam: o atleta veio «rodar» para outros palcos, esses, sim, decisivos. Por isso, Borg aplicar-se-ia apenas o «quanto baste» para passar à final e marcar encontro com Gerulaitis, logo à noite. E, já agora, «satisfazer», de permeio, os seus admiradores lusitanos.

Mas é certo: somos intolerantes com os «nossos» mitos. Não perdoamos deslizes. Exigimos o impossível.

Também Borg o sabe, por outros meios: «Ninguém gosta de perder», afirmaria à tarde, durante uma conferência de Imprensa. Sobretudo, dinheiro. E 60 000 dólares não são propriamente uma insignificância...

O resto, é o que toda a Imprensa internacional já debitou:

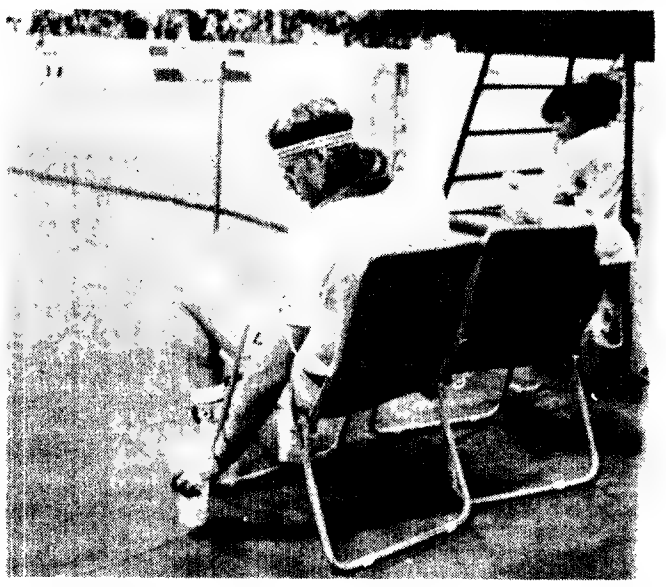
«Não sou grande gastador, embora goste de gastar dinheiro», ou «gosto de toda a espécie de filmes» ou ainda «vou jogar tanto tempo quanto me agradar».

E que dizer de Gerulaitis, McNamee ou Gehring? Eles são os participantes voluntários de uma festa que não lhes pertence. Aceitam as regras do jogo: apagam-se, cedem o primeiro plano, gaguejam nas respostas (Gehring: «e para mim a pergunta?...»).

Dito de outro modo: o acontecimento é Borg e Portugal, Borg a jogar perante público português, Borg e mais Borg.

Até ao fim-de-semana. E depois, quanto tempo perdurará a memória destes momentos efémeros?

Carlos Pessoa



Borg: concentração, preparação e descanso

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA TURISMO RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

CGTP INTERSINDICAL

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL

Para dar cumprimento aos artigos 31.º alínea b) e 32.º e ao abrigo do artigo 34.º dos Estatutos desta Associação Sindical, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato para o próximo dia 30 de Março de 1982 pelas 15.30 horas, na Sede do Sindicato, Pátio do Salema, n.º 4, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

— APROVAR O RELATÓRIO E CONTAS DA DIRECÇÃO E O PARECER DO CONSELHO FISCAL RELATIVOS A 81.

Notas: 1 — «As reuniões da Assembleia Geral têm início à hora marcada com a presença de qualquer número de sócios, podendo porém, a Mesa caso entenda não haver número de sócios suficiente, adiá-la por mais meia hora iniciando-se imediatamente com os sócios presentes» (artigo 35.º dos Estatutos).

2 — A partir do dia 15 do presente mês, está à disposição dos sócios, na Sede do Sindicato, o Relatório de Actividade e Contas de 1981.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

JOAQUIM PEREIRA PIRES

DESPORTO

ponta esquerda

No "Guiness" dos recordes

Belenenses: 7.º treinador

O presidente da Comissão Directiva do Belenenses admitiu que o clube pode processar judicialmente o ex-técnico da sua equipa de futebol, por este rescindir o contrato «sem justa causa». **O assunto vai ser entregue ao nosso advogado para que Rodrigues Dias nos indemnize pela quebra do contrato que o ligava ao clube** – disse, em Conferência de Imprensa, Acácio Rosa, dirigindo-se ao técnico, presente na reunião. O mesmo responsável criticou o ex-treinador por se ter despedido dos futebolistas antes de o seu pedido de demissão ser aceite pela direcção do Belenenses.

O caso «Biffe», declarações de Rodrigues Dias à Imprensa, a polémica contratação de Arnaldo Silva e outras questões relacionadas com a orientação da equipa de futebol, estão (declarou Acácio Rosa) na origem do descontentamento da direcção do clube em relação ao ex-treinador. Acácio Rosa acusou Rodrigues Dias de tentar **marginalizar** o futebolista brasileiro «Biffe» da equipa e de ter acelerado a saída do jogador do clube. O ex-técnico foi ainda criticado por ofender o responsável directivo do clube, ao chamar-lhe (numa entrevista a um jornal) **gagá, louco ou mal intencionado.**

Os maus resultados obtidos pelo Belenenses frente ao Braga, Penafiel e Setúbal foram outras das razões invocadas, muito embora Acácio Rosa tenha sido peremptório em afirmar que **a crise do clube não é da responsabilidade de Rodrigues Dias nem dos técnicos que o antecederam.**

Rodrigues Dias, desmentiu (por seu turno) as acusações proferidas pelo responsável do clube, acrescentando que também poderá processar o clube se a sua condição financeira o permitir. Rodrigues Dias considerou que a entrevista a um jornal desportivo do chefe do departamento de futebol (Romão Alexandre) e as declarações nela produzidas provocaram o conflito que o opõe ao Belenenses.

As afirmações de que a equipa de futebol tinha um «plantel» medíocre e que a descida de divisão era um mal menor, feriram profundamente o orgulho dos futebolistas – comentou o ex-técnico, justificando o choque emocional pela entrevista aos jogadores. O desentendimento gerado com o afastamento do brasileiro «Biffe» veio a agudizar o seu relacionamento com os dirigentes (acrescentou) embora negando qualquer responsabilidade no caso.

O problema com Biffe já existia há vários meses e eu não podia permitir que as injustiças continuassem – disse Rodrigues Dias, aludindo à disparidade de ordenados entre o futebolista brasileiro (200 contos) e restantes colegas de equipa. A irreverência do jogador em relação às ordens dentro de campo e a polémica lesão após o jogo com o Braga foram outras das razões apontadas para o conflito entre ambos.

O ex-técnico frisou que pretende dialogar com os dirigentes para se encontrar uma plataforma de entendimento quanto à questão da sua demissão.

Recorda-se que o Belenenses, com grandes tradições no futebol nacional, atravessa uma grave crise, sendo actualmente o penúltimo classificado do nacional de futebol apenas com 14 pontos em 22 jogos.

Entretanto, no Belenenses prossegue a mudança de técnicos. Desde o início da época, a ganhar foros de máximo mundial, eis o rol: ArturJorge, Nelo, Pedro Gomes, Nelo, Rodrigues Dias, Nelo, António Dominguez, dr. José Manuel Castro e, também a partir de ontem, Júlio Amador!

Mortimore: de 3.º em clube a seleccionador português

Tudo indica que sim, que os federativos da Praça da Alegria, face ao elevado preço da contratação de José Maria Pedroto, vão optar pelo mais módico recrutamento de Mortimore, técnico n.º 3 do clube britânico Southampton, que foi eliminado pelo Sporting, na corrente temporada, da Taça UEFA.

Leiria: estádio interditado

Para além de interditar preventivamente o campo do União de Leiria, o Conselho de Disciplina da Federação de Futebol castigou com um jogo de suspensão os seguintes futebolistas da 1.ª divisão: Queiró e Eliseu (Boavista), Virgílio (Sporting), Álvaro (Rio Ave), Lee (Estoril), Coelho (Portimonense), Hélder (Amora), Freitas (Leiria), Fonseca (Guimarães), Lima Pereira (FC Porto) e Flávio (Académico de Viseu).

Controlo antidoping no futebol nasceu já de pé quebrado

Sob um aparente segredo (vários órgãos de Comunicação Social já sabiam do caso...) procedeu-se ontem, pela primeira vez, ao controlo «antidoping» no futebol português. Aconteceu em dois jogos de reservas: Belenenses - Benfica (0-0) e Estoril - Sporting (1-4).

Futebolistas «controlados»: Djão, Padrão e Lima (Belenenses), Carlos Pereira, Gabriel e João António (Benfica), Carlos Ferreira, Teixeirinha e Salvado (Estoril) e Esmoriz, Zezinho e Manuel José Sporting).

Insólito: enquanto no embate do Restel os jogadores foram avisados ao intervalo, na Amoreira isso só aconteceu no termo da partida: quando os futebolistas já tinham tomado duche e urinado. Deste modo, o estorilista Salvado só quatro horas mais tarde (eram 21 e 30) e por força de duas cervejas é que conseguiu fazer uma pinguinha de chichi suficiente para análise!

Vamos a ver o que isto vai dar: para começar, entrou de pé quebrado.

O particular adeus de Juca dá desfecho trivial (1-2)

Árbitro ajudou os suíços

A selecção portuguesa de futebol perdeu com a Suíça (por 2-1) em encontro de carácter particular disputado no Estádio Cornaredo, em Lugano (Suíça). Ao intervalo registava-se igualdade a um golo e Portugal foi o primeiro a marcar, por Nené, aos 34 minutos. Zappa (aos 43 minutos) e Egli (60) marcaram os tentos do triunfo helvético.

Assistência 13 800 espectadores.

Um árbitro caseiro teve grande influência no desfecho do encontro: O alemão federal Tritschlek não validou (aos 20 minutos) um golo legal de Humberto Coelho, pois Zappa tirou a bola de dentro da baliza. Em contrapartida, considerou o tento do empate apontado pelo mesmo Zappa em claro «fora de jogo».

Portugal realizou, na 1.ª parte, uma exibição agradável, procurando segurar o jogo a meio campo e daí lançar os seus dianteiros em jogadas rápidas, tendo marcado um golo e justificado a obtenção de mais um ou dois tentos. O golo de Portugal (marcado aos 34 minutos) resultou de um livre marcado do lado esquerdo por Carlos Manuel, que Nené concluiu vitoriosamente com um toque subtil.

A Suíça, que no tempo de abertura nunca se conseguiu superiorizar aos portugueses, apesar da sua maior pressão, logrou o empate (aos 43 minutos) por Zappa, em posição de «fora de jogo», mas o público não poupou os jogadores locais e manifestou o seu desagrado através de apupos.

Na 2.ª parte, as coisas modificaram-se, pois a Suíça surgiu mais rápida e com melhor preparação física, beneficiando ainda da entrada de Luthi, um jogador que deu outra dinâmica ao estilo ofensivo dos helvéticos. Portugal sentiu (então) grandes dificuldades e a defesa cometeu algumas falhas comprometedoras. Foi num desses lanços, após confusão na área portuguesa, que Egli apontou o 2.º golo da Suíça.

A perder por um golo, Portugal ainda tentou reagir, mas a Suíça fechou-se bem e entrou num sistema de retenção de bola que acabou por tirar capacidade de iniciativa aos visitantes. Mesmo assim, a Suíça podia ter aumentado a vantagem, se bem que Portugal também dispusesse de uma ou duas situações para chegar à igualdade, que talvez fosse o resultado mais justo devido aos deslizes influentes do árbitro alemão federal.

Nené: o seu golo não chegou

A equipas alinharam:

Suíça: Burgener; Hermann, Ludi, Egli e Zappa; Heinz Hermann, Elia (El Sener, 78) e Botteron (Luthi, 59); Sulser, Barberis e Favre.

Portugal: Bento; Coelho, Humberto, Eurico e João Cardoso; Carlos Manuel (Diamantino, 45), Eliseu (Dito, 59), Abreu e Palhares; Nené e Norton de Matos (Manuel Fernandes, 55).

Para este jogo, último do seu compromisso com A Federação, Juca não escalara nenhum jogador do FC Porto.

Empate com helvéticos (1-1) salva vitória na bagagem

Juniores em frente na Europa

Portugal conquistou um lugar na fase final do Campeonato Europeu de Juniores de Futebol, ao empatar com a Suíça, a um golo, em Locarno. Na 1.ª «mão», os portugueses venceram por 1-0, na Póvoa do Varzim.

Portugal inaugurou o marcador aos 52 minutos (por Faustino) com um remate potente a concluir centro atrasado de Jorge. Dois minutos depois, Pati igualou: Fimian centrou para o miolo da área, onde Pati, elevando-se bem, rematou de cabeça sem hipóteses para Diamantino.

O grupo nacional assumiu o comando da operação desde o início da partida jogando pelos extremos com velocidade e criando várias situações de perigo para a baliza suíça. Os helvéticos respondiam com lances de contra-ataque, facilmente anulados pela defesa portuguesa.

Logo aos sete minutos, Portugal pode inaugurar o marcador, mas Faustino (isolado) rematou sem conta. Aos 15 minutos, nova oportunidade, com Faustino a rematar à barra, com Lehmann batido.

A primeira ocasião de perigo dos suíços surgiu aos 25 minutos, mas Diamantino defendeu bem um remate de longe de Ghisoni.

No 2.º tempo, Portugal manteve-se ao ataque, mas a Suíça passou a criar mais situações de perigo, para o que contribuiu o afrouxamento da turma portuguesa após os dois golos.

A partir dos 20 minutos da 2.ª parte, Portugal recuou, numa tentativa de congelar o esférico, e permitiu que os suíços se aproximassem com perigo da baliza de Diamantino. Aos 65 minutos, na sequência de um ressalto, Burri isolou-se à entrada do meio-campo português, progrediu e rematou forte contra o poste esquerdo: Diamantino, no ressalto conseguiu segurar o esférico. À entrada dos dez minutos finais, e esgotadas as substituições, Portugal jogou com menos uma unidade, devido à saída de Carlos Ferreira, a contas com cãibras.

Perante cerca de 500 espectadores, na maioria emigrantes portugueses, as equipas alinharam:

SUÍÇA: Lehmann; Niederhausern, Fatton, Patti e Walter; Boschofberger, Ghisoni e Ruprecht (Buchli, 50); Wenger, Godel (Burri 58) e Fimian.

PORTUGAL: Diamantino; Madureira, Paz, Venâncio e Paulo Vilar; Morato, Chaínho (Jorge 36, Vieira 60) e Futre; Faustino, Jaime e Carlos Ferreira.

Arbitragem do checoslovaco Nan Gregr. Cartão amarelo a Madureira e a Venâncio.

A turma portuguesa (dirigida por José Augusto) está apurada para, entre 21 e 30 de Maio, estar presente na fase final do torneio uefeiro, na FINLÂNDIA.

Sorteios

Hoje, às 18,30 horas, na sala de escrutínio do Totobola, realizam-se os sorteios das Taças Nacionais de Juvenis e Iniciados.

Torneio insular

Os quatro maiores clubes de futebol açorianos participam, em Ponta Delgada, num torneio quadrangular da Páscoa, a realizar nos dias 10 e 11 de Abril. Participam na prova, organizada pela Casa do Pessoal do Centro Regional dos Açores da RTP, as equipas do Lusitânia (a disputar a zona sul do campeonato nacional da 2.ª divisão), a Oliveirense e o Angrense (da série E do nacional da 3.ª divisão) e o Santa Clara (campeão de S. Miguel, da 1.ª divisão) e o Santa Clara (campeão de S. Miguel, da 1.ª divisão).

Marítimo deseja

Oliveira (defesa do Quimigal) está sob os olhares do Marítimo funchalense.

Reservas portistas

Resultados do torneio portuense de reservas: FC Porto - Salgueiros, 1-2; Tirsense - Amarante, 0-0; Boavista - Vilanovense, 0-1; Rio Ave - Valadares, 4-0; Candal - Infesta, 3-2; Leixões - Marco, 0-1; Lxa - Penafiel, 1-0; Valonguense - S. Martinho, 1-0; Aves - Leça, 3-1. Classificação actual: 1.º, Penafiel, 24 jogos, 40 pontos 2.º, FC Porto, 24-36; 3.º, Valonguense, 24-34; 4.º, Rio Ave, 24-32; 5.º, Boavista, 24-28; 6.ºs, Lixa, 23-26, Leça, 24-26; 8.ºs, Salgueiros e Vilanovense, 24-25; 10.º, Marco, 24-24; 11.º, Lixões, 24-23; Ermesinde, 24-22; 13.º, Amarante, 24-20; 14.º, Infesta, 24-19; 15.º, S. Martinho, 23-18, Tirsense e Valadares, 24-18; 18.º, Candal, 24-17; 19.º, Paços de Ferreira, 24-15; 20.º, Aves, 24-14.

Emílio Correia (sócio-gerente da Joframa), empresa patrocinadora do baquetebol sportinguista, homenageou a turma campeã nacional de bola ao cesto, prometendo a renovação do apoio futuro àquela disciplina verde-branca

Na sua agenda

Xadrez: que contas?

Por despacho do secretário de Estado dos Desportos, dr. Vaz Serra de M oura, foi ordenada uma análise as contas da Federação Portuguesa de Xadrez, em virtude de existirem indícios de graves irregularidades.

Após a primeira verificação, pode desde já considerar-se a inexistência de qualquer registo contabilísticos e controlo de depósito ou levantamentos, e bem assim a falta de 269.394$10 sem qualquer documento comprovativo, para além de não justificação mínima do destino dado a 1.009.000$00, que se indica terem sido dispendidos com viagens internacionais, elaboração da Revista Portuguesa de Xadrez e pagamentos a associações distritais, mas que não se baseiam em qualquer recibo, factura ou outro documento.

Nesta conformidade, foi ordenada a instauração de um inquérito, a fim de ser devidamente esclarecido se haverá lugar a eventual procedimento criminal.

Futebol de 1.ª: relva obrigatória

A Direcção-Geral dos Desportos informou não admitir que qualquer clube que ascenda à 1.ª Divisão de futebol português esteja mais de dois anos sem arrelvar o seu terreno. A DGD informou a Federação Portuguesa de Futebol de que a última excepção àquela regra se verificou no ano passado, com o Sporting de Espinho, e que, a partir de agora e «para o progresso da modalidade», a regra de arrelvamento dos campos terá que ser observada. Os clubes que sobem à 1.ª divisão têm que arrelvar os seus campos num prazo de dois anos, segundo os regulamentos em vigor.

Hóquei: Sporting insatisfeito

O Sporting recorrerá até às últimas instâncias, incluindo tribunais, do acórdão do Conselho Jurisdicional da Federação Portuguesa de Patinagem que, por motivo de recurso interposto pelo FC Porto à sanção aplicada pela direcção da F homologou o resultado da meia-final da Taça de Portugal de quei em patins efectuado no pavilhão das Antas. Esta decisão foi revelada pelo clube «leonino», em conferência de Imprensa ontem realizada.

Dinheiros, dinheiros

O secretário de Estado da Qualidade de Vida e Desportos anunciou (em Leiria) que todas as verbas do Fundo de Fomento destinadas aos clubes, serão canalizadas através das delegações distritais dos desportos. Serra de Moura, que falava durante a tomada de posse do novo delegado distrital dos desportos (Mário Correia) acrescentou que um corpo de inspectores, destinado a controlar as actividades das delegações regionais, será criado brevemente.

DESPORTO

Theriaga: 2 vitórias no europeu de bilhar

O holandês Van Bracht e o sueco Blomdahl foram as grandes surpresas da 4.ª jornada no 40.º campeonato europeu de bilhar, a decorrer no Porto, ao derrotar, respectivamente, o austríaco Schers (60-50 – 62 entradas) e o alemão federal Muller (60-55 – 67 entradas). O português Jorge Theriaga averbou a sua segunda vitória ao vencer o dinamarquês Laursen 60-39 (55 entradas).

O duelo que opôs o espanhol Nadal ao italiano Zanetti, favorável ao primeiro por 60-58 (74 entradas), revestiu-se de muita emoção dado o equilíbrio de valores. Nas outras partidas, os belgas Dieles e o actual campeão europeu Ceulemans venceram, respectivamente, o francês Bitalis (60-47 – 46 entradas) e o suíço Guyot (60-35 – 36 entradas). Ceulemans comanda a classificação e reforçou a sua posição de candidato a triunfar na final.

Após duas derrotas, nas primeiras jornadas pelo espanhol Nadal e pelo actual campeão europeu Ceulemans (Bélgica), Theriaga teve o 1.º êxito face ao francês Bitalis, por 60-52, em 41 entradas. Na 3.ª ronda, o dinamarquês Laursen foi a grande surpresa pela derrota que impôs ao espanhol Nadal (por 60-52, em 61 entradas). A partida mais emocionante foi a que opôs o campeão europeu Ceulemans ao holandês Van Bracht, que ocupa a última posição na tabela classificativa.

Ceulemans foi obrigado a recorrer à sua apuradíssima técnica para dar, de seguida, as quatro últimas carambolas, quando se verificava um empate a 56-56.

Nas outras partidas, o belga Dielis derrotou o italiano Zanetti (60-39, em 41 entradas), o alemão federal Muller ganhou ao suíço Guyot (60-38, em 40 entradas) e o austríaco Scherz venceu o sueco Blomdahl, com muita dificuldade (60-58, em 69 entradas).

A prova prossegue hoje, no Porto.

Passivo portista (174 mil contos) afasta Afonso Pinto de Magalhães

Jorge Pinto da Costa já è presidente do FC Porto

O banqueiro Afonso Pinto de Magalhães anunciou a renúncia da sua candidatura à presidência do F. C. do Porto, alegando que o clube caminha para a «insolvência total».

Pinto de Magalhães que, com o seu afastamento, anunciado em conferência de Imprensa, deixa apenas em campo a candidatura de Jorge Nuno Pinto da Costa nas eleições marcadas para Abril, disse ter gasto 20 horas a verificar as contas do clube e daí ter resultado a sua renúncia ao mandato que considerou assegurado se tivesse mantido a candidatura. O banqueiro portuense, que já presidiu aos destinos do clube, afirmou não ter sido «a desintervenção das suas empresas» recentemente decidida pelo Governo que decidiu a sua posição de abandono da campanha eleitoral. «O exame das contas do clube (disse) denunciou uma situação pior do que a que vai ser apresentada na 6.ª-feira à assembleia geral, convocada para analisar o relatório e contas do clube». Pinto de Magalhães disse que a «gravíssima situação actual é consequência de erros acumulados pelas gerências anteriores» e que em virtude dela «vão ser pedidos mais sacrifícios à massa associativa». O ex-candidato sublinhou que quando entregou o clube ao dr. Américo de Sá havia «uma estrutura e organização ímpar no desporto português» e acrescentou que, actualmente, o passivo do F. C. do Porto é superior a 174 milhões de escudos o que representa «a degradação total».

Jorge Nuno Pinto da Costa e Valentim Loureiro: aperto de mão entre Porto e Boavista de amanhã

Tesoureiro emprestou 90 mil contos

Pinto de Magalhães disse que Américo de Sá, que acusou de «há muito tempo ter abandonado o clube», deve «ser responsabilizado pela anarquia» que reina no F. C. do Porto.

Entre números divulgados por Pinto de Magalhães avultam os 172 milhões de escudos gastos no ano passado pelo clube com o futebol, contra apenas 60 milhões de receitas com a modalidade.

Alfredo Basto (actual tesoureiro) tem à sua conta, no clube, nada menos do que uma quantia superior a 90 mil contos, afirmou o banqueiro portuense. O F. C. do Porto deve à Previdência 30 milhões de escudos e até Julho terá que pagar 52 mil contos de contratos, revelou. O défice mensal do F. C. do Porto é (garantiu) de quatro mil contos, pelo que não pode «governar o clube nestas condições», o que faz «sentir-se envergonhado pelo descalabro económico e financeiro».

Aconselhando a massa associativa do clube a pedir uma auditoria, Pinto de Magalhães atacou a lista encabeçada por Pinto da Costa, interrogando-se como pode ela «prometer mundos e fundos» como «contratos de jogadores de primeiro plano e o regresso de Pedroto».

Apesar da retirada da sua candidatura às eleições, previstas para Abril, o banqueiro portuense manifestou a sua «disponibilidade futura» para o clube.

Pinto da Costa está bem firmé

Jorge Nuno Pinto da Costa, agora o único candidato às eleições considera estranhas as revelações feitas por Pinto de Magalhães, na conferência de Imprensa. «Pinto de Magalhães não tinha o direito de discutor publicamente o relatório e contas do Futebol Clube do Porto», afirma Jorge Nuno Pinto da Costa, que considera que Pinto de Magalhães deveria ter coragem para revelar a situação caótica do clube na assembleia. Jorge Nuno Pinto da Costa não se mostra assustado com o passivo do clube: «Como comandante do navio não tenho medo de tomar conta dele na hora do infortúnio e serei o último a abandoná-lo» – disse. «O mesmo não acontece com os ratos que quando vêem o perigo fogem a sete pés» – adianta.

Preparando o mundial

Argentina-RFA: empate

A Alemanha Federal empatou ontem, a um golo, com a Argentina, em jogo de futebol de preparação para o Mundial-82 em Espanha, disputado em Buenos Aires. Os campeões europeus ganhavam ao intervalo por 1-0, golo de Dremler, aos 33 minutos. O empate foi conseguido pela Argentina, aos 67 minutos, por intermédio de Calderón.

Cerca de 80 mil pessoas assistiram ao encontro, no Estádio do River Plate (na capital argentina), em que as equipas alinharam:

ARGENTINA: Baley; Passarella, Olguin, Galvan e Tarantini; Barbas, Gallego e Maradona; Calderón, Diaz e Kempes (Hernandez).

RFA: Schumacher; Stielike, Kaltz, Foester e Riegel; Dremler, Breitner (Mill) e Matthaeus; Mueller, Hrubesch e Littbarski (Foerster).

Arbitrou o uruguaio Juan Carlos Gardallino.

O selecionador alemão federal excluiu a equipa do seu país como favorita para o mundial.

A Argentina, o Brasil e a Espanha são os meus favoritos – disse Jupp Derwall em Buenos Aires.

Derwall recusou comentar as hipóteses de Alemanha Federal se tornar campeã do Mundo.

Outra equipa sul-americana ou uma europeia poderão ser a sensação do mundial – acrescentou.

Interrogado sobre a possibilidade de o mundial ser muito violento, recusou admitir a hipótese, dizendo que **os árbitros escolhidos são de categoria e saberão evitar o jogo à margem das leis.**

Se todos se puserem de acordo (jogadores, técnicos, árbitros e jornalistas) este mundial pode ser o melhor de todos os tempos» – observou.

Mais particulares

Outros jogos particulares internacionais efectuados ontem: Áustria, 3 - Hungria, 2 (Meszaros alinhou nas redes magiares mas não impediu um êxito austríaco que não tinha paralelo nos últimos 21 anos); Checoslováquia, 2 - Grécia, 1; Bélgica, 4 - Roménia, 1; Espanha, 1 - País de Gales, 1; França, 4 - Irlanda do Norte, 0 e Kuwait, 2 - Emiratos Árabes Unidos, 0.

Tudo a postos

O presidente do Comité Organizador do «Mundial» (Raimundo Saporta) afirmou, em Madrid, estar tudo pronto para o início da competição, em Junho.

Só falta chegarem as equipas e os árbitros para o torneio começar – disse Saporta, a 81 dias do início do torneio.

Reafirmou o seu optimismo de que o «Mundial» resultará num bom investimento financeiro, estando previsto lucros elevados.

Acrescentou, que durante o «mundial» haverá diversas manifestações culturais em várias cidades espanholas, para divulgação dos atractivos turísticos de Espanha aos estrangeiros presentes.

A reparação dos estádios que acolherão os jogos e a eleição das sedes do torneio foram os problemas mais difíceis com que a organização deparou – adiantou.

Campeonato inglês

Em jogo do Campeonato inglês da 1.ª Divisão, que estava em atraso, o West Bromwich Albion perdeu (ontem) no seu terreno, com o Notts County, por 2-4.

Basquetebol: "Taça de Portugal"

Benfica-Sporting: possível desforra

Uma quinzena depois de concluído o nacional da 1.ª divisão de basquetebol, que o Sporting venceu sem mácula (título «embargado» por alegado «desinteresse» do norte-americano portista Jeff, – que o F. C. Porto demitiu definitivamente) a «Taça de Portugal» retoma a sua actividade. E acontece que, dos dois «maiores» de Lisboa, um ficará pelo caminho, porque se enfrentam. O Sporting e o Benfica foram postos em confronto por «imposição» do «secular» sorteio . Jogo na Luz: Mandou o insuspeito sorteio. Consequentemente, «handicap» para os «encarnados». Mas, que os «leões» irão regatear. Na situação actual, independentemente de os jogadores de ambas as esquipas se baterem até ao limite das suas forças para conseguir a vitória, será a equipa da Luz a mais necessitada de êxito: porque através dele poderá conseguir (embora ainda com mais caminho a percorrer) a vitória na «Taça», para participar em competição europeia, o que não acontecerá logicamente, se for vencida. O «cinco» de Alvalade, independentemnente de sucesso na «Taça», terá sempre o seu lugar assegurado na Europa (se vier a inscrever-se) por ter sido o campeão nacional. Portanto, o jogo Benfica-Sporting, embora seja muito importante para os dois (está em jogo a segunda mais importante prova nacional) em termos de «participação europeia» é decisivo para o emblema «avícola». Aliás, como são todos os jogos da «Taça de Portugal», prova a eliminar à 1.ª derrota.

O jogo entre os velhos rivais lisboetas corresponde, como os outros da jornada deste fim-de-semana, os oitavos-de-final. Mas, entre os sete duelos da eliminatória (há um 8.º grupo, Sangalhos, que ficou apurado para a fase seguinte por «benefício» do sorteio) para além do «derby» lisboeta, há outros embates a sugerirem luta muita indecisa e emotiva: nomeadamente os jogos Queluz-Ginásio e Olivais-Barreirense. Nos restantes a vantagem das equipas visitadas deverá acentuar-se na expressão numérica das suas vitórias, pois os grupos visitantes, inclusivamente o Sp. Figueirense (sublíder da 2.ª divisão zona norte) poderá não resistir à «fragilidade» portista que, embora, de uma assentada (esta semana) tenha ficado sem dois brasileiros e um americano do norte (Charuto, Sapatão e Jeff) ainda contará com valores, na maioria jovens, para «discutir» o êxito, desde que nas Antas, com qualquer outro parceiro federado.

Jogos dos oitavos-de-final, no sábado: Benfica-Sporting (18.30), Ovarense-Scalips (21), F. C. Porto-Sp. Figueirense(17), Queluz-Ginásio (19), Olivais-Barreirense (17.30) e Atlético-Oeiras (17.30).

Domingo: CAC-Salesianos (18) em Coimbra.

O Sangalhos ficou isento desta eliminatória.

Divulgado em reunião privada

Cascais-Lisboa com estrangeiros?

Pela 1.ª vez na sua história de 48 anos, a estafeta Cascais-Lisboa em atletismo vai ter a presença de atletas estrangeiros – foi anunciado numa conferência de Imprensa de apresentação da prova, para a qual o «DL» não recebeu qualquer convite, limitando-se, por isso, a transcrever um telex da ANOP.

A prova realiza-se no domingo, com início em Cascais (às 09 h. 30) e chegada à Feira Internacional de Lisboa (cerca das 12 h.) depois de passagem no Estoril, Parede, Paço de Arcos e Algés, finais de percurso.

Mário Paiva, presidente da Associação de Atletismo de Lisboa, declarou a quem estava na reunião a intenção de criar **uma outra dimensão** ao calendário associativo e por isso se abriu pela primeira vez a estafeta Cascais-Lisboa a atletas estrangeiros. Neste momento está já confirmada a presença de uma selecção francesa, uma madrilena, outra da Catalunha e mais quatro ou cinco equipas de clube da área da capital espanhola, o que, juntamente com as portuguesas, dará um total de cerca de 30 equipas.

Os atletas franceses serão Bernard Turkug, Lefromn, Gachon, Lucas e Gebacker. A selecção madrilena será representada por Fernando Cerrada, Jorge Gonzalez, Carlos Garcia, Jame Wil, António Postigo e Sérgio Fernandez, entre outros.

Mário Paiva anunciou aos seus convidados que, com a colaboração da Associação Industrial Portuguesa, ficou assegurado que, pelo menos nos próximos três anos, o final da prova será no parque frontal à FIL, onde agora decorre a Nauticampo-82.

Continuando a reportar-nos ao telex da ANOP: em representação da Associação Industrial Portuguesa, o sr. António Mendes explicou que a chegada da estafeta Cascais-Lisboa insere-se num programa de manifestações desportivas paralelas à Nauticampo-82, e disse que antes da chegada dos atletas haverá algumas exibições de classes de ginástica, nomeadamente do Sporting.

Também se realiza uma prova de cicloturismo com partida da FIL (às 09 h.) e chegada prevista para um pouco antes dos atletas do Cascais-Lisboa, depois de fazerem um percurso de ida e volta até às proximidades de Sintra.

O sr. António Mendes revelou (à ANOP e outros convivas) que está prevista para o próximo ano a realização de uma regata internacional de barcos de cruzeiro com partida de Barcelona e chegada a Lisboa e uma prova de resistência de motonáutica (três ou quatro horas) a disputar no Tejo.

Ainda em relação ao Cascais-Lisboa, Mário Paiva terá afirmado que as despesas com a organização da corrida ascendem a meio milhão de escudos, na sua totalidade cobertas pelos apoios de várias câmaras e empresas ou associações.

Os percursos da estafeta Cascais-Lisboa são os seguintes: Cascais-Estoril, 3100 metros (transmissão ao quilómetro 17); Estoril-Parede, 4300 metros (transmissão ao quilómetro 12,7); Parede-Paço de Arcos, 6900 metros (transmissão ao quilómetro 5,8); Paço de Arcos-Algés, 5600 metros (transmissão ao quilómetro 0,2); Algés-Lisboa, 4800 metros (chegada junto à FIL).

MODELISMO
RÁDIO CONTROL
FUTABA M, 4 CANAIS
TRANSM., RECEP, NICADS
T. 783853

Placard

Râguebi perde

A selecção nacional juvenil de râguebi perdeu, ontem, no Estádio de Twickenham, frente à Inglaterra, por 40-6. A equipa portuguesa perdia, ao intervalo, por 13-3.

Anteriormente Portugal defrontou a selecção do Sul da Inglaterra, à qual ganhou por 14-10. Para fecho da digressão, joga amanhã em Londres, frente ao Condado do Middlesex.

Ciclismo: Catalunha

Silvano Contini (Itália) venceu a 3.ª etapa da «Volta à Catalunha» em bicicleta, mas o espanhol Pedro Muñoz manteve a «camisola amarela».

Oitenta mil discos desde Novembro

Filarmónicas e som de Chicago na batida do "Grupo de Baile"

Apareceu na ribalta musical deste País batido pelo «rock» à portuguesa, baptizado com a designação de «Grupo de Baile», que, à partida, o situava nos meandros provincianos dos convívios familiares, ou de bairro. Só que a «batida» mexeu com as áreas consumistas dos «meus» e do público dito da pesada, tornou-se moda na Rádio e na Televisão, com presenças nos programas de maior audiência. Lançado em Novembro, o seu primeiro disco, conseguiu até agora vender oitenta e quatro mil acetatos alguns sem e a maioria com «pi». Estamos portanto em presença de um fenómeno que urge (era urgente) escalpelizar. Porque isto de ser «Grupo de Baile» numa sociedade dominada (colonizada) pelos «mass media» em termos discográficos, apesar do projecto José Niza, pela música anglófila, é um dado a ter em conta.

E a ter em conta sobretudo se pensarmos que o «Grupo de Baile» é formado por oito músicos iniciados ainda na idade pré-escolar nas bandas («A ver a banda passar/cantando canções de amor» – Chico Buarque de Holanda) do Seixal, mais concretamente na Filarmónica União Seixalense e na Filarmónica Democrática Timbre Seixalense. Com uma fase de amadurecimento que, iniciada em 1977, então com o «cognome», escrevamos assim por ser ele elucidativo de uma fase confusionista (estrangeira) do grupo, de «Seconde Time». Com fins-de-semana a abrilhantar «bailaricos» e «baptizados» não só nas zonas industriais da Margem Sul, como ainda no Alentejo, Algarve, e até no Norte. «Foi no entanto a forma de ganharmos o suficiente – disse ao «DL» António Manuel Andrade, viola-solo do grupo – para irmos adquirindo material em condições, de modo a substitui-lo pelos instrumentos rudimentares que utilizávamos».

«As mlúdas das escolas secundárias»

E «Seccnd Time» foram até ao momento em que se decidiram participar, em Coimbra, no Festival «Só Rock» organizado pela Rádio Comercial. Já aí «Patcholi» era a canção-bandeira e os metais a marca de origem. Só que o júri, todo «guitarradas e barulho», não reparou nem no «Second Time» nem em «Patcholi». Afastando o grupo das finais. Mas, em contrapartida, atentas estavam as editoras discográficas que logo assediaram António Andrade e seus companheiros. E foi a «Valentim de Carvalho» que, ao apresentar «as melhores condições» ganhou a corrida. Gravação aprazada e o estoiro não demorou. «Ai que bem cheiras/que bem cheiras dos sovacos/As meias rotas e os sapatos descalçados». E «Patcholi» passou a ser trauteado por todo o mundo, sem desoriminações, mas sejamos justos, sobretudo pelas «raparigas das escolas secundárias», com ou sem «passas» nas «paragens dos eléctricos». Era o êxito comercial.

E a mensagem artística, o consenso crítico? «Houve e há muita gente, tanto nos jornais como a nível de uma certa opinião pública – a palavra pertence a Carlos Tavares, vocalista do «Grupo de Baile» – que nos hostiliza muitas vezes sem uma razão forte, mas apenas porque o impacto que provocámos lhes causa engulhos. Só que nós não entraremos em polémicas estéreis. Temos a nossa linha muito própria e é por ela que nos iremos continuar a bater, sem pretendermos pisar ninguém».

Mas que linha? De novo Carlos Tavares: «A linha que tendo influências nítidas da escola de Chicago (Blood, Swart and Tears) – a nossa querida secção de metais é composta por elementos que viveram intensamente a todos os movimentos musicais na década de sessenta – procura não alhear-se de uma certa originalidade que vai buscar as suas raízes ao genuíno folclore lusitano, repescado por Giacometti a Lopes Graça, e à nossa própria experiência do contacto com as filarmónicas e os bailes, naturalmente».

Prostituição «vicentina»

Os bailes e o «Grupo de Baile» – oito elementos – idades limite entre os vinte e os trinta e oito anos – Vicente Andrade (guitarra solo), António Manuel Andrade (viola baixo), Luís Landeiroso (organista e teclas), Luís Rogado (baterista), Carlos Tavares (vocalista), Marcelino Guerreiro (saxofone alto), João Mário (saxofone tenor) e José Manuel (trompete), com profissões que vão desde «músico profissional», militar, estudante, até (um) engenheiro electrotécnico. Já com um projecto de novo disco, com letras e músicas de Vítor Perdigão, Vicente Andrade e Carlos Tavares. A gravar em Portugal apesar da moda que parece ter atingido a maior parte dos agrupamentos nacionais do «topo» de irem ao estrangeiro fixar no acetato as suas produções.

«Grupo de Baile»: entre os metais do Seixal, zona de mudança, e os acordes das novas gerações

Um «Grupo de Baile» dos UHF, dos Trovante, da Banda do Casaco, (com um carinho especial pela «voz» de Né Ladeiras), que irá agora cantar o drama da prostituição «Um caso arrumado na esquina da história». O itinerário de uma «pega» fisicamente arrumada no fim de uma carreira atribulada, «após ter servido tanta gente, salvo seja» – Carlos Tavares, disse – atirada para o lixo, sem assistência nem amigos, nem um cão sequer». Mantendo a irreverência (salutar) do «Patcholi». Naquilo que o «Grupo de Baile» tem de teatro vicentino. Porque não?...

Manuel Geraldo

crítica de teatro

CARLOS PORTO

O Centro Cultural de Evora em Almada

«A GRANDE IMPRECAÇÃO DIANTE DAS MURALHAS DA CIDADE», de Tankred Dorst.

Tradução e dramaturgia: Mário Barradas.

Encenação: Fernando Mora Ramos. Cenografia: Manuel Costa e Silva. Interpretação: Álvaro Corte Real, José Alegria, José Russo e Rosário Gonzaga. Centro Cultural de Évora. Academia Almadense. 13-3-1982.

Como é do conhecimento dos leitores, realizou-se no penúltimo fim de semana na Academia Almadense, o III Encontro da Associação Técnica e Artística da Descentralização Teatral. Apenas pude assistir a uma das sessões mas espero poder vir a dar notícia pormenorizada do que foi esse forum dos grupos da descentralização teatral. Daquilo que vi, e do que já tinha visto, algumas conclusões posso para já tirar: a importância, geralmente ignorada ou menosprezada, do movimento de descentralização teatral que começou, longinquamente, com o TEP mas só depois do 25 de Abril se institucionalizou com o Centro Cultural de Évora; o interesse e a vivacidade do debate travado em Almada, e a eficácia dos respectivos serviços de apoio da responsabilidade do grupo organizador, o Grupo de Campolide; a qualidade do teatro feito fora de Lisboa, como os espectáculos apresentados testemunharam com eloquência: «A Excepção e a Regra» (Campolide), «Imprecação Diante das Muralhas da Cidade» (C.C.E.), «Inês Pereira» (T.E.A.R.). Como já comentei aqui o primeiro e o último, resta-me dizer alguma coisa sobre o trabalho do grupo de Évora cuja actividade não tenho, infelizmente, acompanhado como seria mister.

Vem a talho de foice lembrar que vários intervenientes do Encontro lamentaram e criticaram a escassa e deficiente informação que é dada da actividade de descentralização teatral pelos órgãos de Comunicação Social, reparos justos que, pela minha parte, venho tentando e vou continuar a tentar minorar, dentro do possível.

O que me surprendeu no espectáculo eborense foi o facto de ter resistido à inevitável memória, certamente mitificada, do espectáculo de Os Bonecreiros com a peça de Dorst, numa encenação de Mário Barradas, com Fernanda Alves, Mário Jacques, Vicente Galfo e José Gomes, apresentado no Instituto Alemão e que constituiu, dois meses antes do 25 de Abril, um dos momentos mais belos e fortes do teatro português.

Resistiu o espectáculo de Évora apesar de não contar com um dispositivo cénico tão adequado como o dos Bonecreiros, em especial no que diz respeito à presença material da muralha, elemento significante que permitia um jogo muito forte por parte dos actores, como, por outro lado, a areia tornava os seus movimentos extraordinariamente dúcteis. Resistiu ainda apesar de não contar com um naipe de actores como o dos Bonecreiros, sobretudo com Fernanda Alves cuja interpretação na protagonista constituiu uma experiência excepcional para o público português. Dorst, que veio a Portugal assistir ao espectáculo e participar no debate, considerou o trabalho de Fernanda Alves superior ao da actriz que interpretou o papel na estreia do original na RFA.

«A Grande Imprecação...» decorre numa China suficientemente vaga para que seja transparente a parábola antibelicista que o autor quer transmitir. Chin Ting procura junto das muralhas da cidade, o marido que os soldados do Imperador tinham obrigado a ir para a guerra. Quando

Rosário Gonzaga em «A Grande Imprecação Diante das Muralhas da Cidade»

vê os soldados, entre os quais devia estar o marido, aponta um deles, mais ou menos ao acaso, porque é de um homem que ela precisa, para a amar e para a ajudar. O soldado indicado aceita jogar esse jogo na esperança de se libertar do jugo dos senhores. Ambos vivem as histórias que nunca viveram, vão contar o que nunca lhes aconteceu: como se encontraram, como se amaram, como casaram, como ele foi obrigado a ir para a guerra. Contam, para isso, com a colaboração de dois oficiais que vigiam o jogo e se divertem. Até que se descobre a realidade: a morte do verdadeiro marido de Chin Ting, o que leva o soldado a voltar para a guerra. No entanto, a mulher não desiste e junto às muralhas insiste com o Imperador para que lhe restitua o homem que lhe roubara.

Peça-puzzle em que o teatro no teatro surge como um processo de libertação, «A Grande Imprecação...» tem como elemento nuclear a personagem feminina, essa extraordinária Chin Ting, mulher dúctil como bambu e como ele inquebrável.

O espectáculo pode vingar e pode morrer através da interpretação dessa personagem. Foi aí que o C.C.E. ganhou; foi aí que conseguiu justificar o espectaculo. E que, sem fazer esquecer Fernanda Alves, Rosário Gonzaga conseguiu uma criação admirável. Mas jovem, e sob outra direcção, o seu trabalho é naturalmente diferente do de Fernanda Alves. Mas a sua Chin Ting exprime os valores da personagem e exprime-os com uma força teatral surpreendente. A sua colocação corporal, os seus movimentos e os seus gestos, a beleza e a luz do seu rosto e dos seus olhos, a maneira como se desloca, se recorta no espaço, os matizes da sua voz (a que só a técnica falta para melhor se defender), todos estes elemntos explicam a surpresa e a emoção que este trabalho provocou. Mesmo que se reconheça que os outros intérpretes apoiaram adequadamente a interpretação de Rosário Gonzaga.

A encenação de Fernando Mora Ramos faz uma leitura do texto correcta e eficaz mas peca, a meu ver, por ter imprimido um ritmo demasiado rápido ao espectáculo.

«A Grande Imprecação...» constitui mais uma excelente prova de que o C.C.E. continua a ser uma escola de bons actores e de bom teatro.

IMAGINE QUE PEGAVA NO JORNAL E VIA O SEU NOME NA PRIMEIRA PÁGINA...

Tudo que diziam era exacto, mas nada verdadeiro.

Ela acusa-o sem fundamento...

Ele escreve a resposta por vingança.

Um filme notável de SYDNEY POLLACK

PAUL NEWMAN SALLY FIELD

A CALÚNIA

COLUMBIA PICTURES Apresenta A MIRAGE ENTERPRISES PRODUCTION
PAUL NEWMAN • SALLY FIELD • ABSENCE OF MALICE • Musica de DAVE GRUSIN
Director de Fotografia OWEN ROIZMAN A.S.C. • Produtor Executivo RONALD L. SCHWARY
Escrito por KURT LUEDTKE • Produção e Realização de SYDNEY POLLACK

4.ª SEMANA – HOJE ÀS 21.30
AGORA NO quarteto

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

III PLENÁRIO NACIONAL DO MURPI

Sábado, 27 de Março
na
Sociedade «A VOZ DO OPERÁRIO» às 9.30

Relatório e Contas de 1981
Projecto de actividades para 1982 às 14.30
Análise da situação dos reformados
Conclusões Finais
Às 17.00 — Canto Livre

Os reformados lutam por justiça social. «SÓ O PORTUGAL DE ABRIL RESPEITARÁ O OUTONO DA VIDA»

Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA
Telef. 661515/669205

teatro do bairro alto

Todos os dias às 21 horas
Domingos às 16,30
Segunda-feira — Descanso

TRIBUNAL DA COMARCA DE MONTEMOR-O-NOVO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pelo Tribunal Judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Orlando José Carvalho Vitorino, industrial de hotelaria residente na Avenida Infante Santo Lote 70-C, 1.º Esquerdo, em Lisboa, para no prazo de dez dias, posteriores aqueles dos éditos reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre o que tenham garantia real, na execução movida por Freire e Irmão, Limitada com sede em Vendas Novas.

Montemor-o-Novo, 1 de Março de 1982

O JUIZ DE DIREITO,
(Dr. Fernando António da Silva Santos)

O CHEFE DA SECRETARIA,
(Jorge Lourenço Lucas)

FINALMENTE
É FÁCIL IR A ESPANHA!

CONFORTO. RAPIDEZ. ECONOMIA

PARTIDAS REGULARES EM AUTOCARRO
A SEXTA, DOMINGO E TERÇA

CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS E EMPRESAS RODOVIARIAS

INTERCENTRO Intersul

Av. Casal Ribeiro 18 B
Telefs 571745 1000 LISBOA

Av. Rep. Guine Bissau, 17 2.º D.to
Telef. 29043 2900 SETUBAL

TRANSPORTES INTERNACIONAIS RODOVIARIOS

lois APRESENTA

THAT'S SOUL

WILSON PICKETT • SAM & DAVE • CARLA THOMAS • EDDIE FLOYD

AO VIVO

Nos dias 29 e 30 de Março, um importante acontecimento musical em Lisboa: quatro grandes nomes da Soul Music actuarão num espectáculo de cerca de 3 horas no Coliseu dos Recreios, acompanhados por duas dezenas de músicos. Reaparecendo nos EEUU em grande força, a SOUL avança sobre a Europa, numa tournée de cerca de 2 meses, com o espectáculo THAT'S SOUL (1 milhão de discos em duas semanas).
A música-mãe do Rock que se consome, e não só, reafirma a sua vitalidade e a sua importância. Espectáculo a não perder!

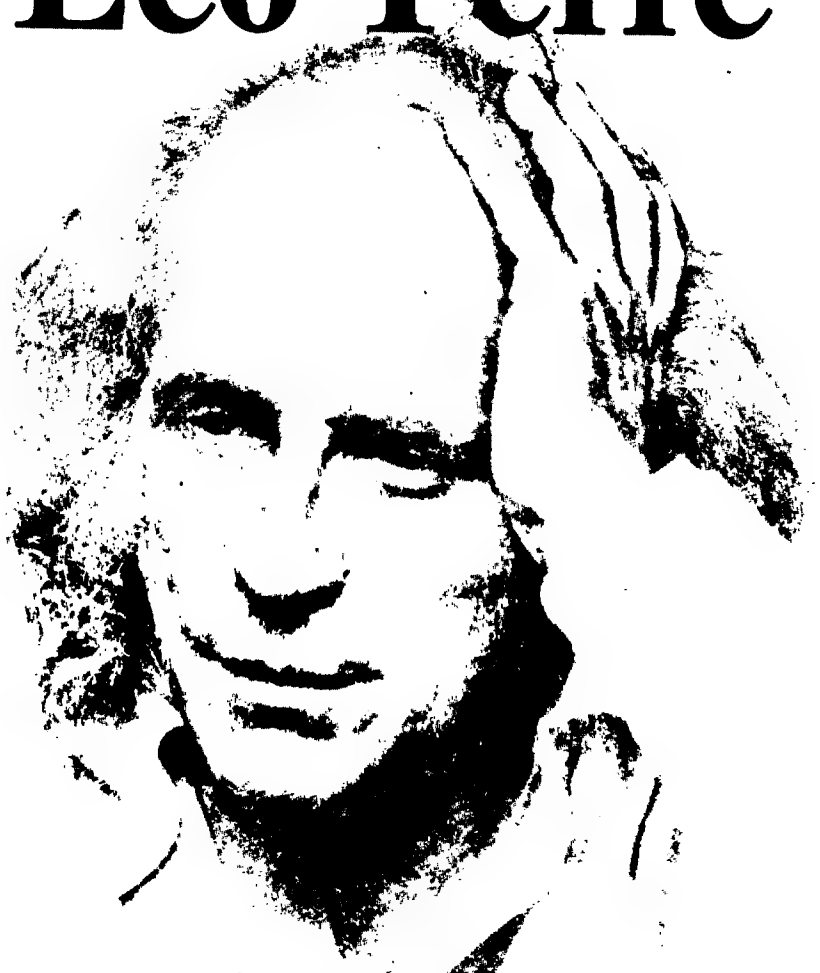
Bilhetes à venda nos locais habituais

WILSON PICKETT, SAM & DAVE, CARLA THOMAS E EDDIE FLOYD GRAVAM EM DISCOS ATLANTIC

RT

SISTEMA

Léo Ferré



Coliseu

26 e 27 de Março às 21.30

Bilhetes à venda no Coliseu e na ABEP

com a colaboração

PREÇO ÚNICO 400$00

canal da crítica

Mário Castrim

"Será-lhe" ou não "será-lhe" — eis a vergonha

Se, para qualquer pessoa mais distraída, algumas dúvidas ainda subsistissem, o **Telejornal** de ontem veio provar as razões aqui largamente invocadas. Por exemplo: falta de respeito pela audiência; submissão da informação à estratégia política do Governo; ausência de objectividade e de distanciação crítica.

O principal órgão informativo português chegou com 10 minutos de atraso. Em qualquer parte do mundo, o atraso de **um** minuto que fosse já provocaria escândalo. Mas para a RTP, 10 minutos é canja. Até se pode dar ao luxo de só lembrar o facto e apresentar (inventar...) uma justificação, no fim, num cantinho da última página...

Não apenas aí o caos governa. Vejamos a brincadeira do infantário electrónico: às 18 e 15 anuncia-se, para daí a uma hora, a reportagem sobre Tondela. Às 19 e 15, na verdade, a reportagem veio – mas sobre Alijó...

Tamanha desorganização agrava a planificação dos tempos livres por parte da audiência. Esta, se quiser aproveitar a oportunidade de um bom filme, terá de sacrificar o seu repouso para além do previsto.

A RTP leva tempo demasiado a compreender que não pode fazer isto. É um abuso. Uma prepotência. Uma intolerável falta de respeito. Paradoxalmente, uma Televisão ao serviço do Poder, acaba por dar dele uma imagem desgraçada. Termos esta Televisão só é possível pelo Governo que temos; mas o descontentamento generalizado, a antipatia por **este** Governo, são agravados por **esta** Televisão. O Poder assume-se na Televisão; o instrumento reflecte quem o usa; a força da Televisão é tamanha que destrói o que reflecte; e ambos são tão beras que nada mais podem fazer senão morrer abraçados.

Se avaliássemos a realidade apenas por este espelho, concluíamos que não há Governo neste País, mas sim um clube de gente ridícula ou imatura ou vaidosa. Podem alguma vez políticos ingovernáveis fazer algum bom governo?

Podia citar nomes e nomes. José Alfaia, pela sua presença ontem, como porta-voz do Governo, deve ser galardoado com a Grã-Cruz do Ridículo.

Voltando à vaca fria (que me desculpem as simpáticas e leitíferas vacunas) importa aqui mencionar o seguinte: a audiência não ficou minimamente dentro daquilo que realmente se passou na Assembleia da República. Telejornal não conseguiu senão baralhá-las ainda mais.

Com aspectos muito estranhos. «Aguarda-se – disseram a certa altura – uma mensagem do Primeiro-Ministro afirmando que não estará presente, o que se destina a permitir que esta fase da moção passe à discussão na generalidade.»

Repare-se na redacção confusa, imprópria para consumo imediato. Ninguém, ou muito poucos compreenderão o que se diz, mas o mais importante é o que se não diz: sugere-se uma (atabalhoada) defesa de Balsemão, que não assenta em bases de análise ou argumentação regimental, preferindo-se dar uma nota de perfeita naturalidade e normalidade à atitude do Primeiro-Ministro...

Mas há mais, igualmente grave: o **Telejornal** tem conhecimento do teor de uma mensagem a dirigir ao Parlamento muito antes de o Parlamento ter conhecimento dela. Não há dúvida que os canais que ligam o Governo ao Telejornal são escandalosamente mais íntimos do que devera aqui dizer-se.

Outros procedimentos escandalosos marcam a actividade do Telejornal. Recordo o que se passou ontem a propósito da greve dos professores.

Um repórter vai ouvir um dirigente do sindicato representante deles, António Teodoro. Gastou nisso **um minuto** exacto. Claro. Com estes esbanjamentos de tempo é que o **Telejornal** se arruína.

Logo a seguir, Telejornal vai ouvir o representante da UGT – sobre uma greve em que aquela organização não participara! Se não chamamos a isto uma provocação, que palavra deveremos usar?

Há dias dera-se outro facto escandaloso: Telejornal deu reportagem muda da conferência de Imprensa do Sindicato dos Professores. E no fim quem achou ele por bem entrevistar? Pois nada mais, nada menos... que o ministro da Educação!

Ora bem. A certa altura, ontem, o tal representante da UGT, sr. Carlos Chagas, presumo que professor, refere-se aos contactos que mantém com o ministro (entendem-se, claro...) e acrescenta: «Foi-nos garantido que aos professores **será-lhe** reconhecido um estatuto económico e social eficiente e digno.»

Será-lhe ou não **será-lhe,** eis a questão. Eu penso que não será-lhe. Especialmente a este tão estranho professor acho que **será-lhe** bom que os seus alunos não o tenham ouvido ontem.

Porque será que certa gente fala tão mal? Será devido à sua convivência com o ministro da Educação?

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

Será exibido esta noite na RTP-1 mais um episódio da série «Raízes»

18.18 **País, País**
18.40 **Tempo dos Mais Novos** – «A Catedral».
19.25 **Basquetebol** – final da Taça dos Clubes Campeões Europeus. Comentários de João Coutinho.
20.55 **O Tempo**
21.00 **Telejornal** – as notícias do País e do estrangeiro.
21.30 **Deficiente, Nosso Irmão Diferente**
21.35 **«Raízes»** – 4.º episódio.
22.30 **Ténis** – transmissão directa do Torneio Internacional de Ténis no Pavilhão de Cascais.
00.05 **Assembleia da República** – moção de censura ao Governo.

Na RTP-2 exidição do 5.º episódio de «Gaston Phébus»

18.18 **País, País**
18.40 **Êxitos d'Ontem na RTP** – «Querida Júlia».
19.05 **Desenhando Sobre Música**
19.30 **«Sítio do Picapau Amarelo»**
20.00 **Informação/2**
20.30 **Museu do Cinema**
21.00 **Complemento Directo**
22.00 **«Gaston Phébus, o Leão dos Pirenéus»** – 5.º episódio.

Amanhã

11.52: Lucy Show; **11.52**: «Ciranda de Pedra»; **13.00**: Primeiro Jornal; das **13.20** às **17.20**: Ciclo Preparatório TV; **18.15**: País, País; **18.45**: Tempo dos Mais Novos; **19.15**: Pergunte Connosco; **19.55**: O Tempo; **20.00**: Telejornal; **20.30**: Direito de Antena com CGTP/IN; **20.40**: «Plantão de Polícia» – 3.º episódio; **21.30**: Toma Lá, Dá Cá; **22.30**: Assembleia da Republica; **22.45**: 24 Horas

18.15: País, País; **18.40**: «Sítio Picapau Amarelo»; **19.05**: O Mundo Animais; **19.30**: Jeito e Efeito Informação/2; **20.30**: «O Retrato nelie»; **21.30**: Animação/2; **22.00** a Corda na Garganta

4.º MÊS
A EXCEPÇÃO E A REGRA
de BERTOLT BRECHT
encenação PETER SCHROTH e PETER KLEINERT
DIA 27 ÀS 16 H.
DIA 28 Às 16 E 21.45
Últimas representações
GRUPO DE CAMPOLIDE TEATRO ACADEMIA ALMADENSE TEL. 2752[illegible]

Em OLHÃO o Diário de Lisboa
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

MÚSICA AO VIVO
no BARIMBAR — Lagos
Adriano Correia de Oliveira.
Paulo Vaz de Carvalho.
6.ª e sábado — 26 e 27 de Março.

MUNDIAL FILMES apresenta
ALAIN DELON
MELHOR DO QUE NUNCA NUM GRANDE FILME DE ACÇÃO INTENSA
Um dos maiores êxitos parisienses do ano!!!
A CORAGEM DE UM HOMEM
(POUR LA PEAU D'UN FLIC)
um filme de ALAIN DELON com ANNE PARILLAUD DANIEL CECCALDI MICHEL AUCLAIR
extraído do romance de JEAN-PATRICK MANCHETTE diálogos de CHRISTOPHER FRANK
INT. A MEN. DE 13 ANOS
MUNDIAL FILMES
HOJE ESTREIA
City Cine . VOX

Eles estavam sós... eram jovens... vivendo a aventura do amor no PARAISO AZUL!

PARAÍSO AZUL
(PARADISE)
WILLIE AAMES · PHOEBE CATES
Argum. STUART GILLARD Música PAUL HOFFERT Fotog. ADAM GREENBERG Realiz. STUART GILLARD
Prod. ROBERT LANTOS e HOWARD R. LIPSON
NÃO ACONS. MEN. 13 ANOS COLORIDO
FILMES CASTELLO LOPES 65 apresenta
HOJE GRANDE ESTREIA
SATÉLITE e XENON
ACÇÃO! AMOR! AVENTURA!

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!
1 RTP TÉNIS – Transmissão Directa (22.30)
«Gaston Phébus» (22.00) 2 RTP
Além de um programa à escolha oferece-lhe
1 RTP
Otávia demonstra compreensão para com Virgínia para desagrado de Bruna e Herta. Esta diz que na ausência de Prado as ordens são dadas por ela.
Idalina conta a Prado que Lígia é amiga de Daniel.
Francisco conta a Luciana que Lígia declarou a todos que Laura pretendia ser internada.
Margarida telefona a Otávia mas esta acolhe friamente o telefonema dizendo que Virgínia está bem e que na sua nova vida não há lugar para os antigos amigos.
Rogério conta a Cícero que acabou o namoro com Brur[illegible].
Prado, zangado com Virgínia diz-lhe que ela é igual às irmãs.
Entretanto Laura pergunta a Daniel se a ama.
ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG
NACIONAL RADIO – Rua B. Jesus Caraça, 17 Cruz Quebrada – Tel. 2112871

roteiro cultural

COLÓQUIOS

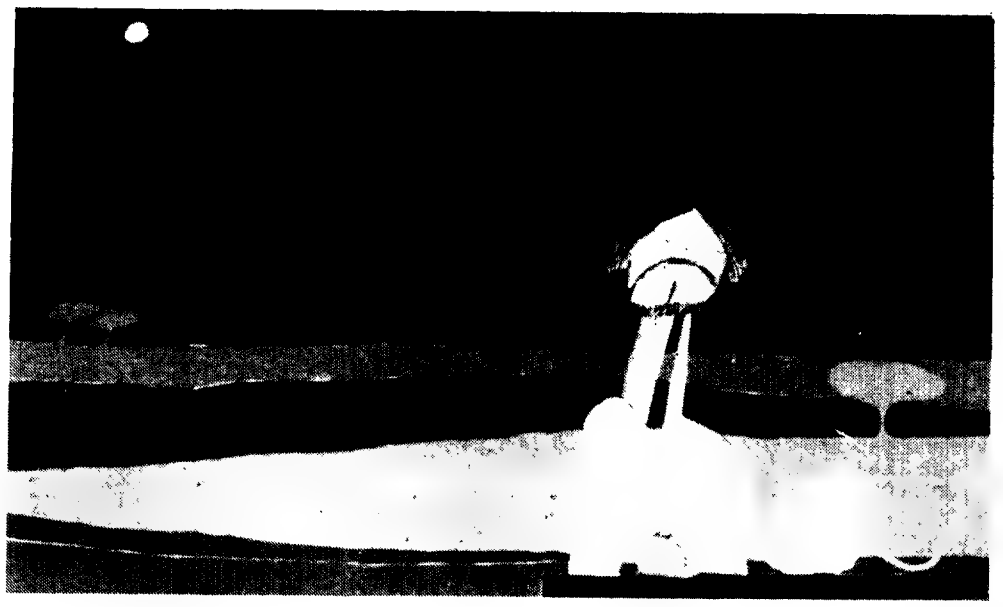
Realiza-se hoje, às 21 horas, na Casa do Algarve (R. Capelo, 5-2.º D.) uma mesa-redonda sobre o romance «O Dia dos Prodígios», da escritora algarvia Lídia Jorge, com a presença da autora. Participantes: Agustina Bessa Luís, Alberto Iria, José Manuel Mendes, Manuel Gomes Guerreiro, Manuel Viegas Guerreiro, Maria Aliete Galhoz, Maria de Lourdes Belchior e Urbano Tavares Rodrigues.

A entrada é livre.

POESIA

O actor Luís Machado apresenta amanhã, às 19 horas, na Casa da Cultura de Lisboa (R. de D. Estefânia, 16) o seu recital «Poesia: Amor, a Morte, Amar-te». Dividida em três partes (poetas clássicos, universais e contemporâneos), esta antologia poética ao vivo é composta por obras de 35 poetas portugueses e 7 estrangeiros.

O recital conta ainda com a participação dos músicos Paulo Jorge Amorim (guitarra clássica), Fernando Emanuel Fontes (piano), Joaquim Lima (violeta), António Saiote (clarinete), João Courinha (sax), Zé Courisco (guitarra baixo), José Lourenço (flauta transversal); dos artistas plásticos Mário Silva, Artur Henriques e Délio Vargas; da bailarina Liliane Viegas e do fotógrafo Gustavo Coelho. Haverá também a colaboração especial do grupo de dança «Jazzarte», da guitarra portuguesa de João Bagão (acompanhado à viola por João Gomes), do cantor José Branco e da actriz Luz Franco.



Pintura de Henrique Ruivo, em exposição na Galeria de Ana Isabel

EXPOSIÇÕES

Henrique Ruivo inaugura amanhã uma exposição de pintura na Galeria de Ana Isabel, á Rua da Emenda, 111, 1.º. A mostra estará patente até 17 de Abril, todos os dias úteis (incluindo sábados) das 14,30 às 19,30 horas.

Vasco apresenta «Pessoa e Pessoas, etc.», uma exposição de desenho satírico, na Galeria de Arte do Casino Estoril.

A mostra é inaugurada amanhã e estara patente ao público das 15 às 24 horas, todos os dias, até 6 de Abril.

Zeca Risques Pereira expõe desenhos na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes. Inauguração amanhã, às 21,30.

Uma Exposição/Feira do Centro Georges Pompidou de Paris vai estar patente no Porto, na Cooperativa Árvore, de amanhã até 11 de Abril. O atractivo desta exposição não será apenas o de oferecer ao público nortenho os livros, cartazes, albuns, litografias, postais ou diapositivos a preços de feira (20 por cento de desconto) porque através de painéis contendo cerca de setenta fotografias o visitante ficará documentado sobre o que é o Centro Georges Pompidou, que fins se propõe, o que significa, como se construiu, que actividades apoia e organiza. Amanhã, dia da inauguração, às 21,30, o pintor Domingos Pinho falará da exposição «Paris/Paris», realizada no Centro ilustrando as suas palavras com a projecção de diapositivos (no Auditório Árvore). Participarão neste debate o escultor José Rodrigues e o crítico Fernando Pernes. No sábado, às 17,30, o Prof. Jean Onimus, da Universidade de Aix-en-Provence, profere uma conferência subordinada ao tema «L'Informalisme dans l'art actuel».

CINEMA

Com a apresentação de «Trois chambres à Manhattan», de Marcel Carné, o AR.CO prossegue hoje o seu ciclo de filmes franceses. Amanhã será exibido «Thomas l'Imposteur», de George Franju, baseado no romance homónimo de Jean Cocteau. Para sábado, o AR.CO programou «Le Bonheur», de Agnès Varda. As sessões iniciam-se como habitualmente, às 21,45 horas.

MÚSICA

A orquestra Gulbenkian apresenta-se amanhã, às 18,30, no Auditório da Fundação, sob a direcção do maestro austríaco Gunter Neuhold e tendo como solista a pianista da mesma nacionalidade Emi Schmidt. O programa do concerto é constituído por obras de Darius Milhaud, Gershwin e Schumann.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DO PORTO

1.º JUÍZO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

— Execução de sentença (sumária) n.º 1 100/B-1. Secção do 1.º Juízo Cível do Porto.

— Exequente: — Litocooper — Cooperativa Produtora de Litografia, SCARL, com sede na Rua António Carneiro n.º 302-Porto.

— Executado: — José do Sacramento Faria Coutinho, residente na Rua Conselheiro Barjona de Freitas n.º 10 — Lisboa.

Correm éditos de vinte dias, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado acima indicado para, no prazo de dez dias, posteriores aquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução atrás referida, desde que gozem da garantia real sobre os bens penhorados-móveis.

Porto, 26 de Fevereiro de 1982

O Juiz de Direito,
a) Dionísio de Pinho

O Escrivão Adjunto,
a) Maria de Fátima Teixeira Lopes

GTH GRUPO TEATRO HOJE

TEATRO DA GRAÇA
Tv. S. Vicente, 11 —
Tel: 875626

«O RUFIA NA ESCADA»
DE
JOE ORTON

ÚLTIMOS DIAS
SÓ ATÉ DOMINGO

de 4.ª a sábados às 22.00 h.
Matinée sábados às 17.00 h.
Domingos só às 17.00 h.

A bilheteira abre às 19.00 aos dias úteis
e às 15.00 nos fins-de-semana

2.º MÊS

Entrada gratuita aos sócios da Voz do Operário
Espectáculo interdito Men./13 anos
Subsidiada pelo Ministério da Cultura

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	56$30	61$30
ALEMANHA FED. (marco)	29$20	30$30
ÁUSTRIA (xelim)	4$05	4$25
BELGICA (franco)	1$390	1$590
BRASIL (cruzeiro)	$201	$45
CANADA (dólar – notas de 1 e 2)	56$70	58$70
(notas de 5 a 1000)	57$20	59$20
DINAMARCA)coroa)	8$55	9$95
ESPANHA (peseta)	$630	$730
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	69$35	71$35
(notas de 5 a 1000)	69$85	71$85
FINLÂNDIA (marka)	15$20	15$80
FRANÇA (franco)	11$05	11$75
HOLANDA (florim)	26$40	27$40
IRLANDA (libra)	102$05	106$05
ITÁLIA (lira)	$048	$058
JAPÃO (iene)	$261	$296
NORUEGA (coroa)	11$50	12$00
REINO UNIDO (libra)	126$40	130$40
SUECIA (coroa)	11$85	12$45
SUIÇA (franco)	36$80	37$90
VENEZUELA (bolivar)	14$00	15$00

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

STAR TURISMO VIAGENS

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; **17.05**: Figuras e figurantes; **17.30**: Ontem, manchete de amanhã; **18.15**: A década prodigiosa; **19.00**: Música; **20.00**: Ler, ouvir e falar – silábico; **21.00**: A viver também se aprende; **21.30**: Livre e directo; **23.30**: Último jornal.

Programa 2

15.30: «Stabat Mater», de Pergolesi; **16.15**: Concerto n.º 3, em ré menor, op. 30, de Rachmaninoff, **17.00**: Os olhos férteis; **17.30**: Sinfonia n.º 90, em dó maior, de Haydn; **18.05**: Quartetos de câmara; **19.00**: Para além da leitura; **19.45**: «Nocturno e Tarantella», de Szymanowsky; **20.10**: Sonatas para piano; **21.00**: Oratória comentada; **00.00**: «Lamento de um Herói», de Liszt; **00.30**: Música portuguesa; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (283, 290 e 397m)

14.03: Matinée; **15.45**: Teatro trágico; **17.03**: Ora, hora; **20.03**: Tempo de espectáculos; **20.30**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **21.03**: Quando o telefone toca (2.ª edição); **21.30**: Quando o telefone toca (3.ª edição); **22.03**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.06**: 24.ª hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Vapor; **16.03**: Rock em stock; **18.03**: Círculo em FM; **19.03**: Em órbita; **20.03**: Espaço 3 P; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

OM e FM de Lisboa

16.00: Aqui e agora; **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do Terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.30**: Nota de abertura; **20.00**: Dê no vinte; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: O som da noite; **22.00**: Diálogo e vida; **22.30**: Máquinas ao vivo; **23.05**: Musical; **23.30**: Nota de abertura; **23.55**: Meditando. Grandes blocos informativos às **19.30** e **23.30**. «Flashes» noticiosos de hora a hora.

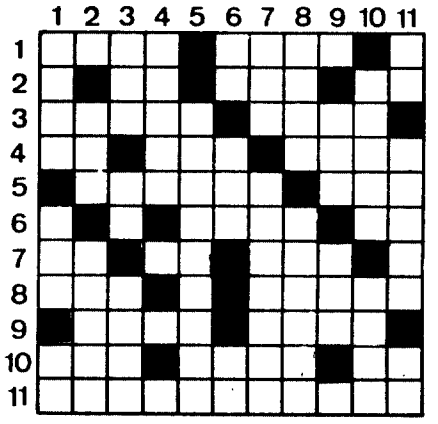
OM de Muge (Nacional)

Programa igual ao OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: **21.00**: Programa cultural; **21.30**: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 385

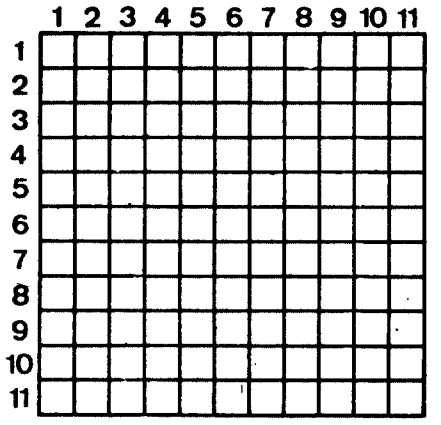


HORIZONTAIS:
1 De preferência. Estica.
2 Satélite de Júpiter. Pau-ferro. Cério (s.q).
3 Quebrada. Qualquer porção de uma curva.
4 Clima. Cólera. Palmeira da Amazónia.
5 Afectos. Passado.
6 Tempo do verbo ir. Alteza Real.
7 Artigo indefinido. Post scriptum. Nome de planeta.
8 Aqui está Falhas.
9 Encolerıza. Aneis.
10 Nome de Mulher. Dança popular portuguesa. Sua Majestade.
11 Confrontassem

VERTICAIS:
1 Rapariga. Pronome relativo. Antes de Cristo.
2 Arara. Mio.
3 Terceiro. Moderato. Fecham as asas para descer mais depressa.
4 Corpo simples metálico, muito espalhado na natureza, que constitui unido ao cloro, o cloreto de sódio.
5 Aventurava.
6 Letra grega. Prefixo que designa ar. Distar.
7 Joeira. Pulara.
8 Espécie de avestruz. (Bras). Transpiraras.
9 Tomba. Cincho.
10 Cabo. Toste.
11 Cério (s.q). Gorgulhos tropicais. Dois mil em romano.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9245



HORIZONTAIS:
1 Ilha do Japurá.
2 Antes de Cristo. Espécie de monge no reino de Pegu. Autores.
3 Indivíduo antipático, ou de trato difícil. Nome de letra.
4 Curisco. Sufixo que designa estado.
5 Cólera. Prefixo que designa ar. Mitologia.
6 Nota musical. Ósmio (s.q). Arroja com rapidez.
7 Ruins. Quietação (pop).
8 Termina.
9 Clima. Venera. Utensílio doméstico.
10 Sobra. Antes de Cristo. Nesse lugar.
11 Tiras de fígado temperadas e fritas. Outeiro.

VERTICAIS:
1 Serra de Portugal. Xaile das mulheres índias e persas.
2 Filtraram. Rente.
3 Braço de mar. Carta de jogar. Sentidas Condolências.
4 Engano. Alternativa. Frto da ateira.
5 Hora canónica correspondente às quinze horas. Queimados.
6 Tálio (s.q). Hélio (s. q). Cobalto (s.q).
7 Aqui está. Rasparam.
8 Vossa Majestade. Freguesia do concelho de Arcos de Valdevez.
9 Rio de Portugal.
10 Predição. Igual.
11 Região da África ocidental Francesa, à beira do Senegal. Nome de mês.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 384

HORIZONTAIS:
1 A; VERDADE; É.
2 Dais; Atolam.
3 Oil; Suamos.
4 Roa; SM; Id.
5 Rasaria.
6 Cás.
7 Gramaria.
8 Orara; Ac.
9 Rabiscarias.
10 Ia; Orão.
11 Acamados; Sa.

VERTICAIS:
1 Adorar; ORFÃ.
2 Aio; Grã.
3 Vilar; Rábia.
4 És; Atariam.
5 SSS; Mas.
6 Dauma; Cod.
7 Ata; Ror; Aro.
8 Domai; Iaras.
9 Elo; Acácio.
10 Asi.
11 Em; Dosais.

Provérbio: A verdade é órfã.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9244

HORIZONTAIS:
1 Barros; Afá.
2 Leis; Além.
3 La; Imortal.
4 Ara; Aro.
5 Mana; Ema; Am.
6 Destroçara.
7 Laia; Arar.
8 Ep; Reis; Imá.
9 Recintos; Er;
10 Avião; Loa.
11 Sais; Masca.

VERTICAIS:
1 Alam; Feras.
2 Arad; Leva.
3 Ai; Anel; Cil.
4 Rei; Asarias.
5 Rimo; Tiano.
6 Oso; Era.
7 Ramo; Pola.
8 Atraca; Sós.
9 Alão; Ari; AC.
10 Fel; Arame.
11 Am; Amarara.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30 e 18.30
O MISTÉRIO DE AGHATA
Às 21.45 e 24
CAÇADA SELVAGEM

SALA B

Às 14.45, 17, 19 e 21.30
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
Às 23.45
007, OS DIAMANTES SÃO ETERNOS

ALVALADE 897480
Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O COMBOIO DOS TRAIDORES

Um filme de Zdranko Velimironic
Colorido

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 – Int. men. 13 a.

O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA

AVIS 547163
Av. Duque de Ávila, 45

Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O CONDE DRÁCULA DA BAVIERA

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O MAGO DE LUBLIN

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UM CRIME NO EXPRESSO DO ORIENTE
2.ª Semana

CASTIL 530194
Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA LOUCA HISTÓRIA DO MUNDO
O filme de Mel Brooks
5.ª Semana

CINE 222 579460
Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
(Não acons. menores 13 anos)
OS BURACOS ESTÃO NA MODA

Às 24 – Int. men. 18 a.
PARA QUE SERVEM OS AMIGOS

CINEBOLSO 573407
R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O PALÁCIO DO DEBOCHE

Às 24
GOLPE DE MESTRE

CINE BLOCO 556824
Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
REINCARNAÇÕES
3.ª Semana
Às 24
A COLINA DOS SARILHOS

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
E O HORIZONTE FICOU EM CHAMAS
Um filme de Earl Bellamy

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
Um furacão feito cinema!
O PROFISSIONAL
c/ Jean Paul Belmondo
Colorido

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.

HERÓIS DO CÉU

ESTÚDIO 555134
Alam. Afonso Henriques, 35

Às 21.30
FESTIVAL TOM E JERRY
Às 15.30 e 18 – Últimas
O PROFISSIONAL

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
Um filme sobre um país que começa a acabar, para dar lugar a um outro que acaba de começar.
BYE BYE BRASIL

IMPÉRIO 555134/5
Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
CAÇADA IMPLACÁVEL
c/ Charles Bronson e Lee Marvin
Um filme de Peter Hunt
2.ª e última semana

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A ESCOLHA DAS ARMAS
c/ Yves Montand, Gerard Depardieu e Catherine Deneuve

LUMIAR 79 52 96
Calçada de Carriche, 38

Às 21.30 – N. ac. men. 18 a.
OS INOCENTES DE MÃOS SUJAS
Sábado 27, à meia-noite
AS ALEGRES RAPARIGAS DO CAMPO

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Alvares Cabral, 37

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
O REGRESSO DO JUSTICEIRO DA NOITE

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha

Estreia às 21.30 – Int. men. 13 a.
UM AMOR INFINITO
Às 15.15 e 18.15 – Últimas
A CALÚNIA

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
ARTHUR, O ALEGRE CONQUISTADOR

Às 24
6.ª-FEIRA 13

ODEON 328283/4
R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O TANGO DO CIÚME

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.

BELOS E INSACIÁVEIS

BYE BYE BRASIL com BETTY FARIA, JOSÉ WILKER e FABIO JR. em exibição no ESTÚDIO 444 e QUARTETO

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14, 16.30, 19.00 e 21.30
– Int. men. 18 a.
DUAS MULHERES APAIXONADAS

SALA 2

Às 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Fantasporto/82
– N. ac. men. 13 a.
LOCKER

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 13 a.
A TERCEIRA GERAÇÃO

SALA 4

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO

ROMA 887778
Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS BURACOS ESTÃO NA MODA

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
SOMBRAS BRANCAS
c/ Anthony Quinn, Peter O'Toole e Yoko Tani

S. JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
CAÇADA SELVAGEM
c/ Tom Skerrit e Michelle Phillips
2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
14.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Estreia às 21.15 – Int. men. 13 a.
DE QUEM É A VIDA, AFINAL
Às 14, 16.15 e 18.45
OS CAVALEIROS DA LENDA

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
PARAÍSO AZUL
Às 15, 17, 19 e 21.30
– Últimas
FANTASIAS NOCTURNAS

7.ª ARTE 730715
Av. República, à Est. de Entre Campos
Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17 e 19.10

CAÇADA SELVAGEM
Estreia às 21.30 e 24
DE QUEM É A VIDA, AFINAL

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UMS E... OS OUTROS
70 actores de primeiro plano
19.ª Semana

TERMINAL 371573
Estação do Rossio

Sessões às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30

ARTUR, O ALEGRE CONQUISTADOR
c/ Dudley Moore e Liza Minnelli

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO
Um filme de Hal Needham
Colorido
8.ª Semana

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 14.15, 16.30 e 18.45
– Últimas
UMA LOUCA HISTÓRIA DO MUNDO
Estreia às 21.30
A CORAGEM DE UM HOMEM

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
PARAÍSO AZUL
Às 14.15, 16.30 e 19
– Últimas
MÃOZINHAS DE VELUDO

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «O Mago de Lublin», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «A Cabana das Gatinhas», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «Do Sexo ao Crime», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
MUNDIAL – «A Incrível Stevie», às 21.30 (13 anos)
2000 – «O Bandido de Olhos Azuis», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Os Olhos da Testemunha», às 21.30 (13 anos)
CITY CINE – «A Coragem de um Homem», às 21.30 (18 anos)
POLITEAMA – «O Terror do Far-West», às 21.30 (13 anos)
ROYAL – «O Clã das Amazonas», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Doce Refém», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA – Incrível – «Herói Precisa-se», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Frankenstein Júnior», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «O Mistério de Oberwald», às 21.30 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «Os Olhos da Testemunha», às 21.30 (18 anos)
SETÚBAL – Júpiter – «Viagens Alucinantes», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Da Vida das Marionetas», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «A Grande Jogada», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Bom Povo Português», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «O Pequeno Lord», às 17.00 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Sargento da Força 1», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Vai Trabalhar Malandro», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «O Grande Duelo», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «Emmanuelle Negra», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «O Pelotão Chanfrado», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Reencarnações», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Mulher em Férias Amante em Casa», às 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Um Fantasma na Minha Cama», às 21.30 (13 anos)

AZAMBUJA – Cine-Teatro – «Uma Razão para Viver», às 21.30 (13 anos)

Porto

LUMIÈRE-L – «O Pelotão Chanfrado», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA A – «Música pelo Caminho», às 21.30 (13 anos)
CARLOS ALBERTO – «Recordações», às 21.30 (13 anos)
ESTUDIO – «Trunfo na Manga», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Mulher Imaculada... Amante Apimentada», às 21.30 (18 anos)
JULIO DINIS – «Escravos», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «A Amante do Tenente Francês», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Sem Culpa Formada», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Sexo Fora da Lei», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «A Vida é Bela!?», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Apanhados num Mundo de Barretes», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «O Vingador da Noite», às 21.45 (18 anos)
ÁGUIA – «Tarzan o Homem Macaco», às 21.30 (13 anos)
CHARLOT – «A Fortaleza Secreta», às 21.30 (18 anos)
PEDRO CEM – «Uns e... os Outros», às 21.30 (13 anos)
FOCO – «Um Amor Infinito», às 21.30 (13 anos)
BEBÉ – «As Mãos Sobre a Cidade», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

PEREIRA SUCURSAL, R. Paraíso, 98-100 (T. 863224); **SANTO AMARO**, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 237070); **AVIS**, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **NOVA**, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **MORGADO LOURENÇO**, L. D. Estefânia, 4-5 (T. 554808); **ANDRADE RIBEIRO**, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); **GIÊNY**, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da Estrada da Luz; **FERNANDES BORGES**, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade Bolama (R. 311091); **HIGIÉNICA**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (T. 844361); **LUZMAR**, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703); **SÃO MAMEDE**, R. Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); **DIAS & SARAIVA**, R. Major Afonso Pala, 19 (T. 2114487); **AMARAL**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 925455); **CRUZ CORREIA**, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

PAIS, R. Abade-Faria, 22-A (T. 883965); **BRISÁLIA**, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **FÁTIMA**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **SIRIUS**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 44080); **BARRAL**, R. Augusta, 225 (T. 361534); **BOM SUCESSO**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **REBOCHO**, R. Tenente-Coronel Ribeiro Reis, 12 (T. 743871); **PINHEIRO**, R. Campo d'Ourique, 133 (T. 686640); **ALAMEDA**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **FONTOURA CARVALHO**, R. Santos-o-Velho, 12 (T. 662075); **CONCEIÇÃO**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **BRITO**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351), **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Prioras (T. 2519939).

Linha de Sintra

AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613). Permanente; **Girassol**, R. Elias Garcia, 17;C (T. 974161). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. D. Maria II, lote D (T. 9710231. Permanente; **QUELUZ: Pereira Dias**, Monte Abraão (T. 965566). Até às 22 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 2943693). Permanente; **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173 (T. 2914103). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194) Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (T. 2930058). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

CAMARATE: Nova (T. 2518726). Até às 19 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A-r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Correia, 40-B (T. 2680663). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435137). Permanente; **OEIRAS: Osinas**, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, lote 24-r/c (T. 2478737); **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Alair**, Av. Gago Coutinho, B. Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde Monte Real, B. Caixas (T. 282407). Permanente.

Outra banda

ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 270504). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Cerqueira Afonso**, L. 5 de Outubro, 18 (T. 270254). Permanente; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A. Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado. Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **SETÚBAL: Marques**, R. Arronches Junqueiro, 109; **Bonfim**, Av. Rodrigues Manito, 1-C.

SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **AMORA: Nobre Guerreiro**, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923); **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560). Até às 22 horas; **MONTIJO: Higiene**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204256); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas; **MOSCAVIDE: Banha**, Av. Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, R. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas.

●

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

FONTE DA MOURA, R. de Tânger, 1463; **SERPA PINTO**, R. de Serpa Pinto, 645; **ANTAS**, Av. Fernão de Magalhães, 1076; **SANIL**, R. do Paraíso, 214; **SARABANDO**, L. dos Lóios, 36.

DE DIA E TODA A NOITE

GARANTIA, R. Fernandes Tomás, 696; **POMBEIRO**, Campo Mártires da Pátria, 152; **GUERRA**, R. de Costa Cabral, 43; **INVICTA**, R. do Bonfim, 330; **ALVES DA SILVA**, Av. da Boavista, 1016.

●

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

DONATO, R. Ferreira Borges, 2-B (T. 22603).

teatros

Lisboa

ABC – «Chá e Porradas», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
TRINDADE – «Molly Bloom», às 21.30 (13 anos)

BAIRRO ALTO – «O Labirinto de Creta», às 21.00 (13 anos)
TEATRO DA GRAÇA – «O Rufia na Escada», às 22.00 (13 anos)
MONUMENTAL – «Virgem Até Certo Ponto», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Não Há Nada p'ra Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
D. MARIA II – «Gin Game», às 21.30 (13 anos)
A BARRACA – «Fernão Mentes?», às 21.45 (13 anos)
COMUNA – «A Viagem», às 21.45 (13 anos)

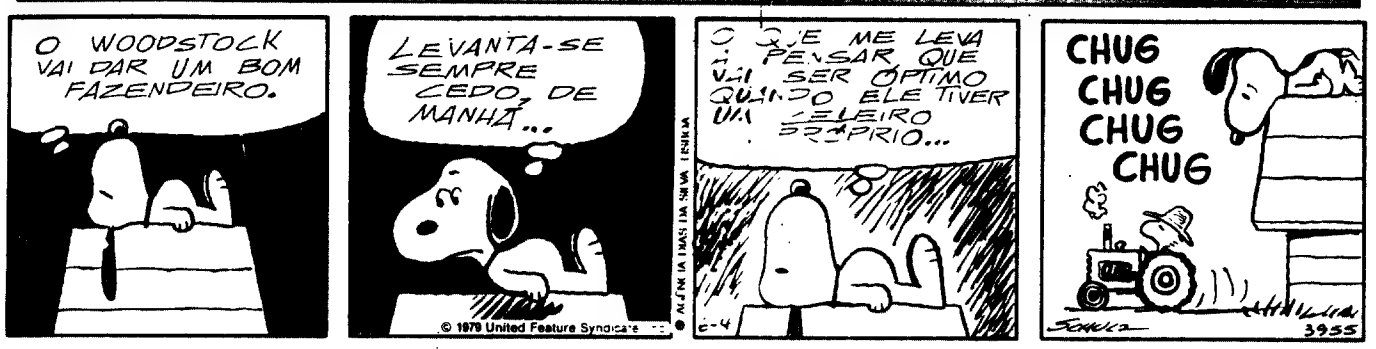
VARIEDADES – «Ó Zé Arreganha a Taxa», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

ADÓQUE – «Tá Entregue à Bicharada», às 21.30 (18 anos)

PORTE PAGO

DL

Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas:
Endereço telegráfico
Telex 12363 LISBOA
Delegação do Porto
Rua do Almada
Telefones:



MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

3.07	4,1 m	8.47	0,7 m
15.28	4,1 m	21.02	0,7 m
Dia 26			
3.43	4,2 m	9.23	0,6 m
16.03	4,2 m	21.40	0,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	4°
VILA REAL	6°
PORTO	9°
P. DOURADAS	–
COIMBRA	10°
C. CARVOEIRO	11°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	9°
ÉVORA	8°
BEJA	8°
SAGRES	12°
FARO	12°
P. DELGADA	15°
FUNCHAL	17°

últimas

Assalto à mão armada em oficina de ourives

Dois indivíduos que ontem à tarde assaltaram uma oficina de ourivesaria na Baixa lisboeta, amarraram com a mesma corda o ourives, a mulher e as cinco clientes que ali se encontravam.

Eram quatro e meia da tarde, quando alguém bateu à porta: era um homem ainda novo, bastante bem posto com mala de homem de negócios, só que ao entrar exibiu uma pistola e encobre o rosto com um lenço.

«Que brincadeira é esta?» pergunta o ourives Américo Tavares Ferreira, industrial daquele ramo com oficina na Rua da Madalena, 182, 4.° ao ver aquele indivíduo armado e outro que o seguia também com pistola empunhada. «Não é uma brincadeira é um assalto!», responde o assaltante que ameaça usar a coronha da arma.

O segundo apresentava-se embuçado com capuz próprio que só deixava ver os olhos: «muito azuis», diria a vítima. Na sala estavam cinco mulheres, a aguardar serem atendidas. Uma delas, senhora estrangeira ficou logo sem valioso colar de pérolas, pulseira de ouro e as restantes sem o dinheiro bem como uma ou outra peça de joalharia.

Do cofre entre fios, dinheiro e pérolas a granel, seriam levados cerca de mil contos de valores, diria esta manhã à repotagem o ourives embora não tenha ainda concluído o balanço.

Antes de se retirarem os dois assaltantes cortaram o fio do telefone e ameaçaram com represálias caso dessem o alarme nos minutos mais próximos. E lá se foram com perto de mil e quinhentos contos entre dinheiro e valores.

COSTUREIRO CIUMENTO envolveu-se em desordem com o objecto da sua paixão por o encontrar num quarto de pensão com uma mulher. Foi esta madrugada pela uma hora, Jean Bapetiste, de 28 anos, natural do Mali, descobriu que o seu amigo Roberto Mcherrins, liberiano de 31 anos, estava numa pensão da Calçada do Santana em Lisboa com uma jovem patrícia. Tanto bastou para querer arrumar as coisas à navalhada, de que o outro se defenderia com pedaços de vidros. Chamada a Polícia o ciumento costureito tentaria atingir o agente policial com a lâmina. Depois de tratados recolheram à cadeia

GEORGES FILLIOUD, ministro da Comunicação francês, apresentou terça-feira, a sua demissão ao presidente François Mitterrand que a recusou, anunciou ontem um comunicado do Eliseu.

Segundo o comunicado, Fillioud apresentou a sua demissão depois de não ter sido reeleito nas eleições cantonais do passado domingo. O comunicado acrescenta que o presidente da República «renovou a sua confiança» no ministro da Comunicação.

Jacinto Veloso já regressou a Maputo

Moçambique alerta para o perigo de confrontação na África Austral

Os perigos de uma confrontação generalizada na África Austral, provocada pela África do Sul, foram postos em destaque pelo ministro moçambicano da Segurança, Jacinto Veloso, nos contactos que ao longo de uma semana manteve, em Lisboa, com o Presidente da República, Primeiro-Ministro e chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Jacinto Veloso, que foi portador de uma mensagem pessoal do presidente Samora Machel para o presidente Ramalho Eanes e efectuou estes contactos na qualidade de enviado especial do chefe de Estado moçambicano, relatou aos seus interlocutores a situação na África Austral, com incidência no caso de Moçambique. Objectivo: sensibilizar Portugal e, através do nosso país, outros parceiros da NATO, para os acontecimentos que se desenrolam na região.

O ministro moçambicano frisou as acções sul-africanas tendentes a impedir a criação de um bloco económico englobando os países independentes da África Austral, as quais não se restringem ao boicote económico mas se estendem a acções de sabotagem militar patentes, no caso de Moçambique, no apoio dispensado às actividades de guerrilha da Resistência Nacional Moçambicana.

As acções desencadeadas contra alvos económicos de interesse para Portugal, como é o caso das linhas e postos de alta tensão de Cabora Bassa, foram particularmente destacadas pelo enviado especial de Samora Machel que deu conta à parte portuguesa das dificuldades que têm sido encontradas pelas forças de segurança moçambicanas e das medidas de protecção em curso.

Segundo declarou Jacinto Veloso, Moçambique não solicitou formalmente a Portugal qualquer intervenção diplomática junto de Pretória. «Moçambique pensa que deve informar outros países dos problemas que persistem na zona» – disse à sua chegada hoje a Maputo.

Da parte portuguesa afirma-se que foram transmitidas sérias preocupações por parte de Moçambique, ficando implícito que Maputo veria com muito agrado uma declaração de Portugal que fodse ao encontro da posição moçambicana, bem como um empenhamento português na sensibilização de outros países da NATO

A par destes objectivos Jacinto Veloso terá concretizado outros aspectos relacionados com a cooperação militar bilateral. Segundo fontes portuguesas, esta poderá conhecer um certo incremento estando já avançadas formas de a concretizar.

Oficialmente nada foi revelado sobre eventuais acordos. Fontes militares portuguesas não excluíram, contudo, a hipótese de Moçambique vir a recorrer à colaboração de oficiais portugueses no treino de unidades especiais. Destacaram ainda as preocupações moçambicanas quanto à protecção de alvos de natureza económica, excluindo porém categoricamente que daí pudesse resultar qualquer futura presença de militares portugueses em território de Moçambique.

O fornecimento de equipamento militar às forças armadas moçambicanas foi outro dos assuntos tratados, bem como o estabelecimento de um regime de consultas tendo em vista os problemas que Moçambique enfrenta nas fronteiras com a África do Sul e na região centro, zona de actuação da Resistência Nacional Moçambicana.

No que respeita concretamente à actividade da RNM, Jacinto Veloso sublinhou que atinge directamente os interesses económicos de Portugal em Moçambique, obedecendo a uma estratégia sul-africana que visa fazer com que toda aquela região seja considerada internacinalmente como **zona de alto risco,** impedindo assim a canalização de investimentos económicos estrangeiros.

Moçambique, juntamente com as restantes nações da África Austral, encontra-se, desde 1980, envolvido num vasto plano de desenvolvimento económico visando assegurar a independência da região relativamente à África do Sul. Este projecto, conhecido pela sigla SADCC, só é viável através do recurso ao crédito externo.

Desde o lançamento deste projecto, em 1980, as acções de guerrilha multiplicaram-se rapidamente no interior de Moçambique, visando primeiramente o corte das comunicações com o Zimbabwe e outros países da área e, seguidamente, os interesses portugueses naquele país.

Em Lisboa, onde a Resistência Nacional Moçambicana afirma ter a sua sede, tem vindo a ser desenvolvida uma intensa campanha de propaganda com o objectivo de apresentar a RNM como um movimento eminentemente moçambicano de oposição à Frelimo. Para além de outros dados já tornados públicos, e comprovativos da intervenção sul-africana, Jacinto Veloso terá agora dado conhecimento às autoridades portuguesas de novas provas do envolvimento de Pretória.

A este respeito, Jacinto Veloso fez questão em deixar claro que uma eventual proibição das actividades da RNM em Portugal não é considerado como questão prioritária uma vez que Moçambique entende tais acções de mera fachada.

Vasco Lourenço ao "DL"

CR analisou discurso de Balsemão

O Conselho da Revolução analisou ontem o discurso que Pinto Balsemão proferiu há uma semana no Instituto de Altos Estudos Militares. Mas não vai tornar públicas as conclusões a que chegou, segundo afirmou esta manhã ao «DL» o porta-voz daquele órgão de soberania, major Vasco Lourenço.

Interrogado sobre se essas conclusões seriam veiculadas às Forças Armadas, Vasco Lourenço apenas nos garantiu que os chefes dos ramos assistiram e participaram na discussão, pelo que poderão prestar os esclarecimentos que considerarem convenientes.

Outro tema analisado na reunião do Conselho da Revolução foi a situação vivida na Assembleia da República, devido à falta do Primeiro-Ministro na discussão da moção de censura apresentada pelo Partido Comunista.

Disse Vasco Lourenço ao «DL»: «O Conselho acompanhou esse assunto com preocupação, mas também com a esperança de que os dois órgãos de soberania – Assembleia e Governo – possam resolver o problema.»

É provável, disse-nos ainda, que o Conselho volte a abordar esta questão, que deixou o CR «preocupado com o funcionamento do sistema democrático».

A reunião terminou antes de a Assembleia da República suspender os seus trabalhos devido à saída dos representantes dos partidos da oposição.

Centro de Londres poderá ter portagem

As autoridades municipais da capital britânica anunciaram um vasto projecto destinado a descongestionar a circulação automóvel no centro de Londres, mediante a aplicação dum sistema de portagem a todos os veículos que entrem durante o dia na parte cental.

Segundo este projecto, todos os veículos particulares deveriam pagar diariamente cerca de uma libra (130 escudos) ou uma assinatura mensal de 20 libras (2600 escudos) para penetrarem numa zona limitada ao Sul pelo rio Tamisa e ao Norte pelo Hyde Park, Regents Park, estação ferroviária de Kings Cross, e a leste pela «City».

Segundo os partidários deste plano, que não teve ainda a aprovação oficial do município ou do Governo, o trânsito deverá ter, assim, uma redução de 40% durante o dia. À noite, o acesso ao centro de Londres seria gratuito. Os transportes comuns, os veículos utilitários, os táxis e os veículos de duas rodas não estariam sujeitos a esta portagem.

Este projecto, concebido em 1979, foi divulgado pelo município (Trabalhista) da grande Londres (Greater London Council) no momento em que as tarifas dos transportes comuns acabam de ser elevadas para o dobro, na sequência duma decisão da Câmara dos Lordes que anula a recente redução dessas tarifas.

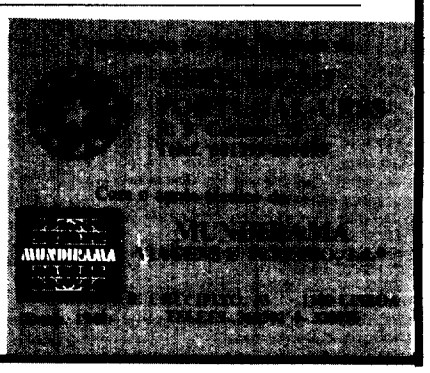
COMEMORAÇÕES DO 1.° MAIO NA URSS

20 Abril a 4 Maio
Moscovo-Minsk-Leninegrado-Tallin
Preço: 48 000$00

27 Abril a 4 Maio
Moscovo-Leninegrado
Preço: 42 000$00

27 Abril a 11 Maio
Moscovo-Leninegrado-Kiev-Volgograd
Preço: 49 750$00

TUDO INCLUÍDO



CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.° PRÉMIO – 57 867 – 36 000 CONTOS
2.° PRÉMIO – 37 215 – 6 000 CONTOS
3.° PRÉMIO – 27 404 – 3 000 CONTOS

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção nos balcões da CASA DA SORTE
LISBOA BRAGA PORTO AVEIRO COIMBRA SETUBAL FAR

É VERDADE!
DIA 1 DE ABRIL, 36 000 contos
Apenas por 2640$00 à venda na
CASA VIOLA, LOTARIAS, LD.ª
R. da Assunção, 67, Lisboa — Galerias Lafayette-Braga
(Habilite-se já aos 54 000 contos da PÁSCOA)

Diário de Lisboa
LER ESCREVER
N.º 54 ● 25 de Março de 1982
Suplemento literário

Quem é afinal Herculano?

por Fausto Lopo de Carvalho

HERCULANO é considerado como uma das figuras mais representativas do liberalismo e do romantismo portugueses. Sobre a sua ideologia, sobre a sua obra histórica e literária, debruçaram-se os mais eminentes críticos e ensaístas das nossas letras.

Herculano é uma figura nacional, é o perfil granítico do português íntegro – **de antes quebrar que torcer** – é o estoico para uns, é o lutador para outros. Herculano é o iniciador da historiografia científica em Portugal, é o acérrimo entusiasta da defesa do património nacional, é o crítico severo da acção obscura, cruel e implacável da Inquisição, é o destruidor dos mitos de uma religião desvirtuada. Herculano é o defensor das classes mais desprotegidas, é o doutrinário apologista da propriedade privada, da distribuição da riqueza através da liberdade de iniciativa; simultaneamente, é o violento adversário dos Barões capitalistas, do Fontismo e da sua política materialista de obras públicas. Herculano é livre cambista e, ao mesmo tempo, socialista, não na sua doutrina, que claramente repudia, mas na busca de soluções mais justas para satisfazer as necessidades e aspirações das classes desfavorecidas. Herculano ama o seu povo, mas recusa a tirania do número; é o defensor da liberdade do indivíduo em todas as circunstâncias, desde que não venha coarctar a liberdade do seu semelhante, mas não aceita que essa liberdade conduza a um regime verdadeiramente democrático. Herculano é monárquico, contudo não lhe repugna a república, quando esta saiba proteger a liberdade individual. Tanto lhe importa o **trono** cómo a **tripeça,** desde que seja respeitado o homem e os seus mais legítimos direitos. Herculano é, como romântico, um tradicionalista. Busca na tradição medieva a experiência e os ensinamentos que deverão inspirar os fundamentos da política nacional; disso discordando Oliveira Martins, no seu «Portugal Contemporâneo», onde pretende demonstrar que a verdadeira tradição dinamizadora da história pátria deverá ser procurada na época dos descobrimentos. Herculano é um municipalista; entende que só através do fortalecimento das autarquias, cuja acção e comportamento durante o período da formação da nacionalidade foram decisivos, se poderá afirmar o liberalismo; no entanto, considera que a maioria dos eleitos para as assembleias dos municípios não passam duns cretinos! Como incapazes são, também, os políticos, dessa Câmara que constitui um dos alicerces da monarquia representativa, assim como os **grandes** e os nobres que detêm hereditariamente os seus lugares e funções na Câmara dos Pares.

Herculano defende o progresso das sociedades através de um processo reformador, que evite convulsões e lutas destruidoras, mas combate com as armas na mão no cerco do Porto, participa activamente em conspirações e admite a revolução, desde que tenha por fim arrasar a tirania, seja ela da direita ou da esquerda. Repudia Proudhon e o socialismo romântico. Sendo ele um romântico, é positivista e pragmático nas suas preferências. Ama o seu povo, mas na administração das suas terras está atento à contabilidade e comenta, céptico, a falta de produtividade dos trabalhadores sem vigilância, e da pouca confiança que neles pode depositar.

É individualista ao mais alto grau; é racionalista na linha de um Mouzinho da Silveira, que considera o maior espírito reformador e o homem de Estado mais brilhante da sua geração, mas simultaneamente, é um romântico na linha de Palmela, defendendo certas tradições que o espírito da época tornavam utópicas e contraditórias.

E um lutador incansável que, em Vale dos Lobos, retirado da política e da sociedade, continua a exercer forte influência nas novas gerações, como acentua António Sérgio. A ele recorreu Antero, a ele submete, Oliveira Martins, as suas teses socialistas. A ele se dirigem vultos dominantes da geração de 70, pedindo-lhe a opinião sobre o encerramento das conferências do Casino. Considera ele essa decisão do Marquês de Ávila uma ilegalidade, reafirma o seu liberalismo, defende ardorosamente o direito de todo o indivíduo na expressão livre do seu pensamento. E, no entanto, Herculano, recusa a democracia, não acredita no socialismo, duvida de parlamentarismo, e da eficácia do regime constitucional que ajudou a construir e que se afastava, dia a dia, do purismo das suas concepções. Sobre todas estas instituições tece as críticas mais severas. E, no entanto, a sua obra perdura, quer na literatura, quer na História, quer no domínio do ensaísmo. Herculano é e continua a ser uma das grandes figuras da cultura portuguesa. E, no entanto, como conjugar as suas contradições românticas com a clareza e a cartesiana lógica do seu raciocínio? Como integrar o **quixotismo** do seu idealismo, com o pragmático da sua prática? A defesa da liberdade, com a recusa da democracia e da soberania popular? O respeito pelo homem, com o horror à populaça e às maiorias ignaras?

Quem é, afinal Herculano?

(Comunicação no II Congresso dos Escritores)

NAU DOS CORVOS

por Armando Silva Carvalho

A Nau dos Corvos, para mim, nada tem a ver com Lisboa ou com qualquer outra coisa que, de longe ou perto, se relacione com o visionário mundo das viagens marítimas. Para mim, é um restaurante do cabo Carvoeiro, com um enorme pedregulho ao fundo que avança pelo mar dentro e que lhe deu o nome. Nesse pedregulho disforme pairam corvos e outras aves marinhas e existia até há pouco tempo um pau espetado a comemorar o que nunca se soube.

Aos feriados e fins-de-semana, chegam rebanhos miúdos de gente de província, com filhos, cães e farnéis, sobem as escadas do terraço, olham um bocado, como obrigação, a Berlenga, se por acaso o tempo lhes dá visibilidade, miram, com suspeição, os pescadores de cana, especados lá em baixo na rocha e sobre os quais, às vezes cai como um lençol de rendas, essa espuma irreprimível e que excita a imaginação, mesmo depois dum almoço pastoso e avinhado.

O cabo Carvoeiro é urbano por cima e extremamente agreste por baixo. Uma amiga minha dizia-me, sempre que a levava até a meio da Varanda de Pilatos, e onde toda a gente gosta de deixar o nome de outras excrescências que o tempo torna inócuas, que aquilo era vertiginoso demais para o seu desequilíbrio interno. É ela uma pessoa dada a geometrias, a águas paradas e grandes emoções comburentes. A paisagem esfrangalhada e lunar da pedra sobreposta, os fossos onde bulham, com uma insistência esquizofrénica, a água verde suja e as gaivotas nos seus leques aéreos, incomodavam-na até ao vómito.

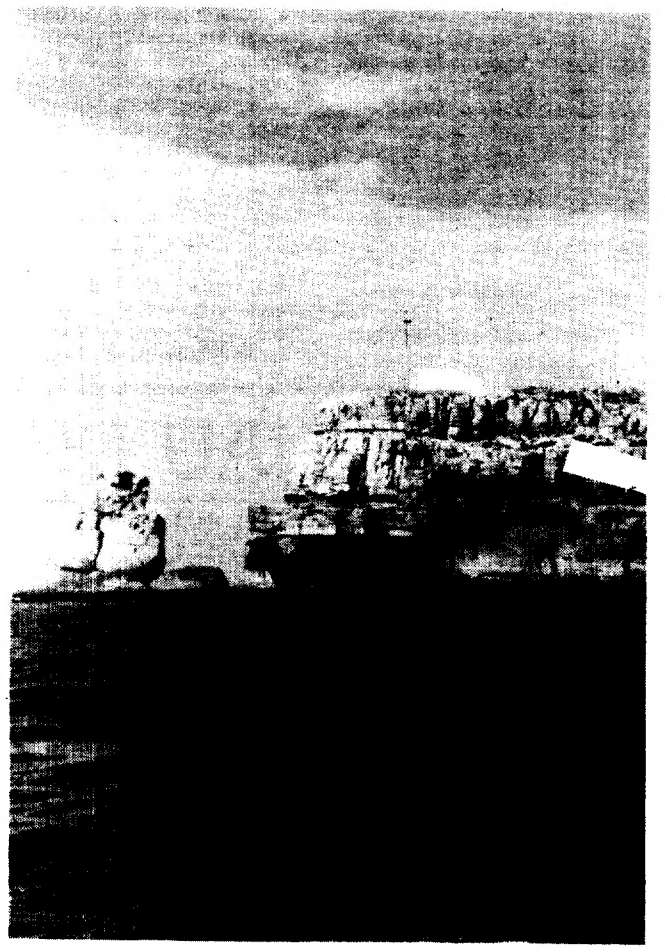
Não conheço em toda a costa portuguesa nada que se assemelhe a este lugar. E não falo de alturas, bonitos recantos e outras coisas onde a gente pode abancar, comer uma perna de coelho e beber uma litrada, reconhecido e reconciliado com a natureza e com quem a criou. Ali, só o restaurante, todo vidros à volta, e que aos domingos, invariavelmente, está tomado para lanches de casamento. É então que as noivas, afoitas e vedetas nesse dia, dão saltos e gritos de rocha para rocha, os véus levantam voo, as grinaldas fogem-lhes da cabeça, e tudo sob o olhar medíocre do noivo envergonhado ou da impaciência comercial dos fotógrafos.

Penso que só gente assim, desajeitada da norma, trazendo dentro de si um espanto que ainda não foi contido por males maiores, gente que não se sujeita à agressão porque espera ainda obter dela uma maior recompensa, nunca comunicada ao outro, por mais próximo que seja o seu hálito ou o simulacro duma experiência em comum, só gente assim, repito, pode avançar sem medo de cair numa armadilha de rochas anacrónicas, como são estas do cabo Carvoeiro. E são todas as que o coração impede de serem contabilizadas pelos tempos livres e áridos dos praticantes de «jogging».

Estrato sobre estrato, como geração sobre geração, desejo sobre desejo, a rocha ali toma formas apavorantes, como dívidas pagas ao temor de se estar vivo e só, e de se permitir o pesadelo. Engendramos monstros de pedra, como outros criam bácoros bonacheirões nos quintais vedados por cana seca, à volta do Santuário da Senhora dos Remédios, dama muito dada a milagres como atestam as anatomias em cera e os retratos de gente sua beneficiária.

É uma manhã brumosa esta e também de domingo. A Berlenga imagino-a, sem a ver, acostumado como estou ao seu dorso de baleia cinzenta, tendo a seu lado também o seu pedaço

Continua na pág. 2



Diário de Lisboa LER ESCREVER

II CONGRESSO DOS ESCRITORES PORTUGUESES

AS VOZES DO ENCON

Questões de literatura portugues

Prosseguimos hoje o registo de algumas vozes do II Congresso dos Escritores Portugueses, efectuado na Fundação Gulbenkian nos passados dias 3, 4 e 5 do corrente mês de Março. À parte inserimos a comunicação de Fausto Lopo de Carvalho, sobre a personalidade de Alexandre Herculano. Refira-se desde já que a APE, em tempo oportuno, publicará, em livro, todas as comunicações apresentadas no Congresso, bem como as intervenções havidas e os documentos aprovados, como, por exemplo, a Carta Reivindicativa do Escritor Português.

(...) «Que devasse e me detenha, por escassos momentos, na sua obra mais íntima – o 'Diário'. Para além da sua ironia melancólica, mas saborosa; para além dos momentos de arguta e fulgurante observação; para além da vastidão de uma sólida cultura; para além até da descoberta surpreendente de um paisagista sensível e original, descobre-se, subitamente, a luta estrénua pela conservação de uma personalidade que deseja íntegra e imune aos ataques coercivos do quotidiano. Vivemos em pleno mundo de consumo: consumo de objectos, consumo de sinais, consumo de relações. E esta sociedade de simulação teima em transformar-nos em agentes acéfalos da conjura que nos acena com umas moléculas de felicidade, mas de felicidade falsificada. Pretendem que vivamos em telas de Chirico, que aí nos movamos sem cabeça no seu mundo desolado. E conseguem-no. Por isso encaixamos as notícias de bombardeamentos cruéis sobre cidades indefesas, como se essas bombas espalhassem flores, flores álacres e vivas, e não flores de morte.

«Israel promoveu uma nova provocação contra os árabes. Durante a visita de Nasser a Moscovo, bombardearam em massa a cidade e Suez! T oda a gente parece achar isso normal – **quousque tandem?**»

«Assim, o 'homem errado', volvido homem normal pelo beneplácito da sociedade mercantil, cruza os braços no sossego tépido do seu conforto e efervesce epidermicamente adentro da alienação que mais e mais lhe empana o brilho e o significado da parangona. É como sugere o Mário: a nossa apólice de seguros paga-se com a robotização. Mas ele diz, precisamente: 'Homem errado! (...) Mas haverá homens certos? Sempre considerei ~~i~~ **robots** os que o aparentam.'»

VASCO BRANCO
(«A reconstituição da personalidade em Mário Sacramento»)

«De que forças desencadeia o pintor Júlio Pomar a sua estética neo-realista? Responde-nos a página 'Arte' que ele dirige em 1945 no jornal portuense 'A Tarde', embora claramente nem em todos os sentidos. Aí se referem, entre outros, os pintores Portinari, Rivera, Orozco e Siqueiros, indicando-se também outras forças de arte que sociopoliticamente se distendem entre a Rússia e a América, a ecoarem a II Guerra Mundial. Mas também de pintores europeus se alimenta a consciência estética pomariana, como de Fernand Léger, até pelo seu realismo **firme, exacto, viril,** em que a beleza é, já, a nova beleza da máquina. Mas ainda de expressões antinómicas, ou **negativas,** se alimenta Pomar, como as que decorrem dos **naturalismos,** dos **simbolismos,** dos **abstraccionismos,** dos **metaficisismos,** e, em tudo isto, dos **individualismos.** É contra um destes individualismos que, em princípio, Pomar nos remete um pensamento neo-realista. Aqui, perante uma sugestão epigráfica de Romain Roland para ver-se 'o mundo tal como ele é', o artista irrompe, não simplesmente para **o ver,** mas para acrescentar à **visão** uma penetrabilidade consciencial.

«E da mente, com efeito, que Pomar desenvolve a realidade, ou uma realidade potencial em movimentos ininterruptos para a arte, e da arte outra vez para a intuição, 'o grau de simpatia favorável à sua eclosão no entendimento' (Júlio Pomar, 'Nota sobre a arte útil'). E aqui, embora incompletamente, julgamos poder sugerir um primeiro esquema do que supomos ser a estética pomariana neste limiar neo-realista. Assim, a uma inicial realidade sucede outro estádio de realidade, ou seja, o da visão estética, realidade esta porque da visão e suas inerentes complexidades, tão secreta como ansiosa de libertação para a arte enfim. Mas a viagem não acaba aqui neste veículo objectivo, até porque lhe sucedem dialecticamente outras viagens-realidades, quer através da intuição, quer da visão, quer, de novo, a nível da própria arte – e sempre numa viagem-existência ininterruptamente progressiva entre a derradeira realidade e a contígua intuição e contígua visão contígua infinitude estética. (...)»

FERNANDO ALVARENGA
(«O neo-realismo de 1945 na estética de Júlio Pomar»)

«Qual é a posição do realizador: é o filme que se adapta ao romance? Ou é o romance que se adapta ao filme? No caso da primeira obra de um cineasta português, creio que o filme não se adapta ao romance. Em primeiro lugar, o filme na minha intenção exigirá uma **fluidez** que o romance não tem. Será muito perigoso, nas condições actuais da cinematografia portuguesa, um total insucesso de público para um primeiro filme de um jovem cineasta. Tal insucesso poderá acarretar longos anos de afastamento da realização de novas longas metragens de ficção. Que entendo eu por fluidez? Fazer um filme com princípio, meio e fim, e em que estes três andamentos estejam ligados pela acção. Essa acção terá momentos descritivos que constituirão pausas. A narrativa do filme 'Gaibéus' será constituída por colecção de acções, acções estas separadas por pausas descritivas. O encadear de acções e pausas dará a fluidez pretendida. Em segundo lugar, o romance não se adaptará ao filme. O romance já existe – e o filme ainda não. O filme nunca será o romance mais bem feito. A **aridez** do romance não terá correspondência do filme.

Neste aspecto, pelo menos no estado de projecto actual do filme, a minha relação de realizador face ao livro é inversa da de Manoel de Oliveira face a Camilo: à fluidez do 'Amor de Perdição' (livro) correspondeu uma certa aridez no 'Amor de Perdição' (filme). Não se trata de um juízo de valor meu, mas de uma opção estética enraizada da convicção que tenho da função social de um filme neste momento em Portugal. (...)»

MANUEL CARGALEIRO
(«'Gaibéus' e o Cinema»)

«A situação dos escritores portugueses atingiu níveis de complexidade que exigem um esforço decisivo para a passagem a novo estádio, onde as perspectivas e a capacidade de realização de cada um de nós encontram outras condições, proporcionadoras de uma real liberdade e possibilidade de acção, por exemplo, quanto à ficção, na recolha de dados, no conhecimento e estudo das questões e dos temas, no apoio financeiro e técnico à concretização do nosso trabalho.

«A complexidade agora atingida corresponde à evolução da situação da escrita entre nós. De uma fase principalmente marcada pelos movimentos do Neo-realismo e da Presença, na década de 1940/50, passou-se a outra, em que se repercutiram de modo diverso fenómenos exteriores de carácter literário e também o início da guerra colonial (1961), o grande salto da emigração para países da Europa Ocidental (a chamada 'democratização' da emigração), e, como consequência imediata da guerra colonial, a abertura de Portugal ao capitalismo monopolista, até como meio, aliás, para permitir a manutenção da guerra pelo regime fascista.

«Foram fenómenos que levaram o nosso país a passar por situações de grande dureza e violência, tanto no que respeita aos resultados da rias mestras ao serviço do leitor jovem. (...) O reconhecer a criança na sua plenitude leva João de Barros a ser o pedagogo empenhado numa profunda transformação da Escola, da Sociedade – e, com esta transformação, e não só decorrente dela mas com ela concorrente, o dever de entregar o livro à Criança. Ler com a criança – desideratum que a propaganda republicana já tivera desde início no seu programa – vai ser o grande empenhamento de João de Barros. (...) Como o farão os seus pares Jaime Cortesão, Aquilino Ribeiro e António Sérgio, entre outros, João de Barros irá fazer a adaptação de obras que considera fundamentais para a formação do carácter, para um levantamento de raízes patrióticas – patriotismo em comunhão com o mundo e nunca chauvinista. (...) Quando adapta «Os Lusíadas» (contados às crianças e lendo brados ao emigração e da guerra colonial, como aos efeitos, mais

NAU DOS CORVOS

Continuação da pág. 1

de bolo de noiva, a fortaleza. Mas nada disto é assim tão simples. A travessia nesta zona é a pior que o mar oferece em toda a costa. E no Verão, no barco dos turistas há cenas de desmaio quase diluvianas e, debaixo dos bancos de madeira, os indispensáveis baldes por causa dos enjoos ficam cheios.

Os visitantes ainda não começaram a chegar, na sua pressa, sempre insatisfeita, agarrados uns aos outros por invisíveis cordas de escalar montanhas e outros sacrifícios. Por mim passam os novos e higiénicos desportistas no seu trotar cadenciado, alguns com a mulher atrás, metida no carro e ao volante, galinha de zelo, a «pendura» confortada e possivelmente preenchida. Todos de azul, nos seus fatos de treino, começam a serpentear a costa e desprezam-me, no fundo, porque não corro e não me apresento fardado a rigor. Acenam entre si e avançam para a saúde, como eu avanço, lentamente com uma sombrinha de velha a proteger-me dos borrifos, para o pasmo das rochas, inchado de gorduras mentais que nenhum exercício físico pode desfazer, por mais pertinaz que eu já tivesse sido. É a celulite da alma, que o espaço fresco, a linha indecisa do horizonte marítimo sob um céu quase de chumbo, podem, se puderem, evaporar nos seus desígnios benfeitores.

Mas de tal maneira o hábito se faz ao monje que ao chegar ao cruzeiro em frente do Santuário, um homem cambaleante e sujo, mas enlevado no seu sonho de rochas inóspitas que o levam a caminhar de cabeça à banda, me saúda como só ele poderia fazer: «Com que então anda também a passear a doencinha!».

Sorrio e digo que sim, que me doi o reumatismo e pago-lhe com moeda fácil a sua farta conta de quatro, ao que me diz, tromboses, quase todas seguidas.

Porque a ronca do farol não pára de avisar-me que as rochas são ásperas e é preciso ter os pés bem assentes na terra, mesmo com o mar ali à beira. ●

Por dentro qua

por dentro quando o colorido se esbate
por dentro quando o vestígio é ténue
por dentro quando a litania ecoa
por dentro quando a luz se entremostra
por dentro quando o orgulho é vão
por dentro quando o sinédrio condecora
por dentro quando a imagem se robustece
por dentro quando a variedade se confluencia
por dentro quando o ócio hortelaniza
por dentro quando o limite nem tem navios nem comboios
por dentro quando a vaculdade se estiola
por dentro quando a acção erra os objectivos
por dentro quando o eclodir deslumbra fulgente
por dentro quando o espectro político desespera

por dentro qua
por dentro qua
por dentro quan
por dentro qua
rouxinal
por dentro qua
para morrer
por dentro qua
enflora
por dentro qua
em estrume e
por dentro qua
degladia e con
por dentro qua

NTRO - 3

esa

lentos e sub-reptícios, do crescendo da industrialização anárquica (como o acentuar da exploração da nossa força de trabalho), e do reforço de um sector, o terciário, desde então com suprema importância, negativa e positiva, entre nós (bancos, seguros, informática, publicidade, etc.).

«Esta evolução veio detonar alterações profundas nos vários tecidos da sociedade portuguesa...»

ANTÓNIO MODESTO NAVARRO («Um novo estádio do escritor português»)

(...) «João de Barros põe-nos seriamente o problema da adaptação de obras literá- povo), Joao de Barros (...) pensa na alegria de ajudar a criar (como afirmou) nas almas infantis o civismo de que tanto falamos e de que tanto carecemos...»

MATILDE ROSA ARAÚJO («João de Barros e a literatura infanto-juvenil»)

ando

ando a inquietude diagnostica
ando a man[illegible]paramenta
ando o Pitei[illegible] Santos esclarece
uando o rubor canta como um

ando a magia sai do vestíbulo

uando a odisseia faz cópola e

ando o novo patrioteiro se joga
sangue-água
ando o país-letal dos outros se
nfrange por dentro.
ando

20 a 28 de Fevereiro/1982

José Ferreira Monte

Caroline Fox
(Desenho de Samuel Laurence)

Caroline Fox ou os Diários Truncados

por Maria Ondina Braga

NO mesmo dia e ano que uma diarista inglesa, a rainha Vitória – 24 de Maio de 1819 – nasceu outra diarista inglesa: Caroline Fox. Esta viveu a vida inteira isolada na Cornualha, numa casa-de--campo a uma légua de distância do porto de Falmouth. Isolada mas de modo nenhum sozinha. Apesar da falta de comunicações por terra entre Falmouth e Londres – o caminho-de-ferro foi inaugurado apenas dez anos antes da morte de Caroline –, muitos eram os viajantes notáveis – escritores, artistas, cientistas, pensadores, políticos – que passavam pelo concorrido porto-de-mar em trânsito para o Continente, ou atraídos pela imponência da paisagem e as minas de estanho então florescentes. Tais viajantes, depois de recebidos na agência de navegação dos Foxes, hospedavam-se na casa destes, trazendo até ali o mundo imenso.

Quakers por convicção e herança, os Foxes praticavam escrupulosamente as virtudes do seu credo: o pacifismo, a filantropia, a sobriedade e o gosto pela cultura. Robert Were Fox, pai de Caroline, inventor de um importante deflector e da balança magnética, membro da **British Association** e da **Royal Society,** costumava levar as filhas às reuniões em que tomava parte em Bristol, em Plymouth, Dublin, Liverpool, Belfast: ao mesmo tempo estimulava-as a registarem tudo o que viam de interessante, as pessoas com quem contactavam, as experiências a que assistiam. E as crianças sentavam-se à mesa do pequeno almoço (a refeição mais importante da família, o pequeno almoço) com os pais e as visitas, para aprenderem a ser sociáveis. Daí a nossa escritora ter elaborado, durante trinta e cinco anos, um diário num total de doze volumes: **Memories of Old Friends:** penetrantes e fiéis retratos desses hóspedes ilustres, ainda hoje considerados um tesouro para estudiosos dos caracteres de Carlyle, Mill, Tennyson, Sterling, Thackery e outros.

Em **Memories of Old Friends,** obra actualmente conhecida por **Journals of Caroline Fox,** lemos, por exemplo, a respeito de Coleridge: «Homem um tanto rotundo, de ombros erguidos, encolhido num casaquinho preto, feições moldadas, por hábito, numa expressão prazenteira, de quem aprecia o fino humor». E Tennyson: «Usa barba e bigode, o que lamentamos por lhe esconder tanto a boca poderosa, firme, bem cinzelada». Thackery, que encontra em Londres, numa vasta assembleia constituída por figuras famosas como Dickens, Leslie, o geólogo Henry de la Beche, os exploradores do Polo Edward Belcher e James Ross, vê-o ela «muito mais velho do que esperava: rosto forte, olhar arguto e cintilante, sobrancelhas e cabelos grisalhos. Se bem que fale de maneira definitiva, algo seca, faz-nos compreender tudo tão claramente...».

E impressões de leituras, de exposições, de trabalhos científicos em voga, como a descoberta do planeta Neptuno e explorações em África. Também anotações sobre plantas, minerais, tempestades – frequentes e espectaculares as trovoadas na Cornualha. E considerações morais: «Muito que fazer, muito amor, muita piedade – ninguém morrerá de tédio», e políticas, respeitantes principalmente à abolição da escravatura e da pena capital. Tudo escrito em linguagem cuidada e moderna para a época. Tudo marcado de um juvenil anseio de saber e de paixão pela beleza e pela bondade.

Muito pouco, porém, esses diários dizem de quem os escreveu: suas ocupações, seus sonhos, suas lutas íntimas. Que os doze volumes deixados por Caroline nas mãos da irmã mais velha, Anna Maria, quando vieram a lume, onze anos depois da morte da autora, foram condensados em dois. O editor, juntamente com Anna Maria, encarregaram-se de expurgar o original do que nele havia de pessoal e indiscreto, ora cortando e modificando frases, ora queimando cadernos inteiros. **The Journals of Caroline Fox** chegam, pois, até nós, mutilados, desfigurados, mas mesmo assim ricos de conteúdo.

A personalidade de Caroline Fox faz-nos pensar em Jane Austen, falecida dois anos antes do nascimento daquela. Ambas modestamente dedicadas à família, às tarefas caseiras (Caroline ensinava ainda, voluntária, na escola para filhos de mineiros, e era jardineira exímia, como quase todos os **quakers),** e à carreira anónima das letras. Ambas observadoras atentas e dotadas narradoras.

Cada qual também com uma irmã zeloza da sua reputação: tanto Cassandra Austen – que destruiu todas as cartas de Jane – como Anna Maria Fox foram com efeito radicais, no intento de subtrair à curiosidade pública a vida privada das escritoras do seu sangue. ●

«Boca/Brûlure, Blessure» (Herberto Hélder)

por Luís de Miranda Rocha

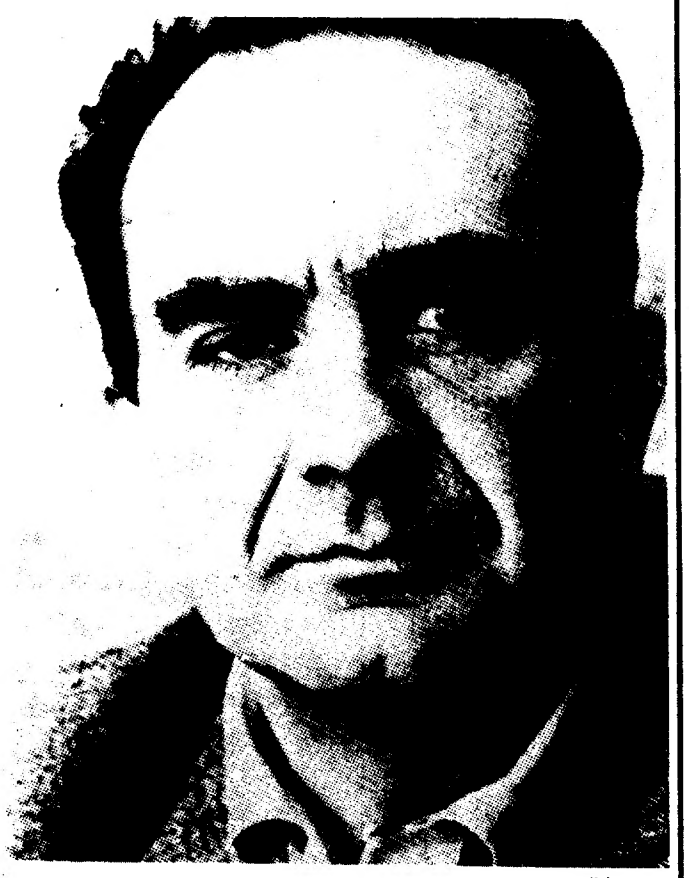
Boca.
Brûlure, blessure. Onde
desembocam, como se dizem nome, os canais muitos.
Pura consumpção em voz alta, ou num murmúrio,
entre sangue venoso, ou
traça de lume. Gangrena,
música,
uma bolha.
Arte medonha da paixão.
Um poro monstruoso que respira o mundo.
Nele se coroam.
o escuro, o fôlego, o ar ardido.
O ouro, o ouro.
Tudo sonoro por onde se coa o corpo.
Se escoa todo.

É um fragmento de «Flash». Não é de «Flash» que aqui se trata, mas pode-se dizer alguma coisa acerca da localização deste fragmento na sequência. Há um discurso, um desenvolvimento discursivo que insere este fragmento. Há um texto que o integra, a envolver a situação que este fragmento representa. Este fragmento pode ser destacado do texto a que pertence, do discurso que o insere? Pode. O poema (o seu texto, o discurso) não é um conjunto de peças rigorosamente articuladas, uma totalidade textual funcionando num enlace irreversível das suas partes num corpo uno e coeso rigidamente estruturado, hirto, por dentro, digamos, e por fora, digamos ainda, fechado num movimento envolvente, num enlace apertado e irreversível. O poema é uma sequência, é certo, ordenada (tem, pelo menos, uma progressão de sentido, um aumento crescente de sentidos, um alargamento gradual de direcções) mas também pausada, por vezes interrompida, ou descontínua. O fragmento localiza-se numa destas pausas, quer dizer, ocupa o lugar onde uma interrupção, melhor, uma descontinuidade se processa. Ele está inclusivamente separado, destacado, por um sinal gráfico indicativo. E é evidentemente uma inflexão sobre um tema, uma tópica: a boca e as suas específicas funções (orgânicas e metafóricas, corporais e poéticas, vitais e simbólicas).

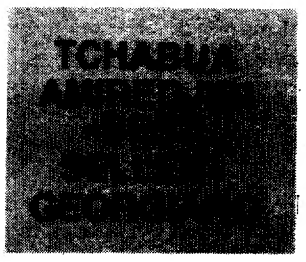
«Boca./Brûlure, blessure» – diz-se no poema, em francês. «Brûlure, blessure», traduza-se por «queimadura», «ferida», e pode-se distorcer «ferida» para «feridura», por exemplo, por exigências sonoras, e não só: também por exigência semântica. O sufixo «ura», salvo erro, vem do grego antigo, passa pelo latim, e implica movimento, actividade motora ou móvel mais ou menos sistemática. «Brûlure» também poderia traduzir-se por «ardidura», ou «ardedura». Diferiria de «queimadura», certamente, e pelo menos no ponto (de divergência) em que «queimar» é predominantemente transitivo. Todavia, muito do que arde, ou é potencialmente ardente, também queima. Potencialmente, ou virtualmente, aliás, muito do que (ou mesmo tudo o que) arde, queima.

A boca é: queimadura e ferida. Aproximamo-nos das metáforas através de noções mais ou menos correntes. «Boca» também se nos propõe aqui não muito desniveladamente em relação ao uso corrente que do vocábulo se faz. Aqui, no poema: «boca», só por si, é uma unidade semântica pouco redutível. Integrado no contexto, todavia, o lexema ganha proporções de semantema progressivamente alargadas e cada vez mais consistentes. É a enunciação e a enumeração que lhe alargam o âmbito e o estruturam. Enunciação, enumeração: de ocorrências metafóricas. Boca é o nome do lugar onde todo o processo metafórico decorre – ou por aí passa, ou aí se encontra inapelavelmente referido. Que este processo metafórico é intenso, intensíssimo, pode deixá-lo desde logo subentendido a «brûlure» e a «blessure». Porque é a boca «queimadura» e «ferida»? Porque são excessivas, demasiado ardentes, as actividades que nela se de-

Continua na pág. 4



Diário de Lisboa LER ESCREVER



«Data Tutachkhia» é o título de uma das mais famosas obras da literatura georgiana dos nossos dias. O romance, publicado em 1972, foi escrito por Tchabua Amiredjibi e depois adaptado para a televisão e sob essa forma vendido a 80 companhias de televisão e cinema de vários países.

Segundo a opinião do seu autor, o romance faz sobressair a luta entre dois princípios, «o vil e o elevado, o mesquinho e o espiritual, que se desenvolve não apenas nó seio da sociedade, mas também nas pessoas, que procuram descobrir a verdade intelectual através do bem».

O percurso dessa descoberta é feito pelo protagonista, cujo nome dá o título à obra. O seu carácter é o de uma pessoa em evolução, que acredita que tudo o que existe no mundo lhe diz respeito. Ao fazê-lo, Data conhece a alegria das vitórias e a amargura das decepções.

Daqui resulta que ele não é uma personagem unidimensional, mas alguém que vai mudando a sua concepção do mundo e as suas posições. Ele também sabe que o combate pelo Bem começa dentro de si. É esta busca de verdade moral e social, através dos caminhos da emancipação social e intelectual, que interessou sobretudo os leitores.

A literatura mundial tem apresentado um grande número de figuras que, de uma maneira ou outra, «agarram» os leitores. Data Tutachkhia já foi comparado com o célebre D. Quixote. Seguindo as suas lutas, o leitor descobre igualmente os seus próprios conflitos e inquitações.

Escritor inquieto

Tchabua Amiredjibi, o seu autor, também ele se reconhece um cidadão inquieto, que pôs muito de si no personagem que criou. Tchabia começou a escrever relativamente tarde, já perto dos quarenta anos.

Até essa altura, era – como ele próprio afirma – um leitor «profissional» que lia tudo o que podia e tentava analisar a arte de cada escritor. As numerosas profissões que exerceu levaram-no a percorrer muitos lugares e a contactar com grande diversidade de pessoas, donde ele recolheu mais tarde material bastante para os seus livros.

Para ele, as artes não são disciplinas autónomas e as diferentes culturas interpenetram-se. A vida é uma procura constante de comunicação com o mundo físico e intelectual, em que a moral desempenha o papel de um princípio regulador.

Padrões éticos

Tchabua é da opinião que «a capacidade de actuar de acordo com um padrão ético é o traço que caracteriza o comportamento de um indivíduo e de uma sociedade. A essência do humanismo reside na capacidade de praticar o bem. Em diferentes épocas, surgiram diferentes concepções éticas, diferentes concepções de humanismo. Mas o critério permanece inalterável: praticar o bem, assumindo a responsabilidade por tudo o que nos rodeia».

Sobre o conceito da beleza nas obras de arte, o escritor considera que isso é um erro, que não se pode encarar a beleza como se ela fosse a superfície das coisas. «Na verdadeira obra de arte – diz ele – para além da beleza da forma, da côr e do estilo, tem de haver uma beleza mais profunda, a do conteúdo.

A «obra de arte deve levar as pessoas a reflectir, procurar, descobrir. Por isso, nem todos os tipos de «belo» são perenes. Se o belo encerra um conceito restrito, que apenas interessa a determinadas pessoas em certa época histórica, deixará de ser assim considerado nos tempos vindouros. Mas o belo que traduz conceitos relevantes para os povos de todos os tempos, torna-se imortal. Uma obra de arte que não esteja ligada ao indivíduo e às suas contradições, ao povo e à humanidade, não atingirá a beleza».

Arreigado à tradição

É este aspecto que,segundo a sua opinião, tornou o livro tão popular. Para ele «Data» é o reflexo da história do povo e do Estado da Geórgia, da evolução da literatura georgiana.

Na Geórgia, a cultura tem um caracter polífono, que está presente nas várias expressões artísticas e que se traduz na multiplicidade de motivos, imagens e soluções práticas. Os artistas georgianos são, consciente ou inconscientemente fiéis a essa tradição, e Tchabua Amiredjibi não foge à regra.

«O livro – diz ele – tinha que ser necessariamente escrito na Geórgia, e naquela época. Se não fosse eu a abordar o tema. ele acabaria por surgir na pena de outro escritor georgiano». ●

CARLOS REIS

«Construção de leitura crítica»

Por lapso nosso, no n.º 52 de «DL ler/escrever», edição de 11 de Março de 1982, inserimos, no registo do II Congresso dos Escritores Portugueses, uma citação de Jorge de Sena como sendo da autoria de Carlos Reis na comunicação por este apresentada naquele encontro.

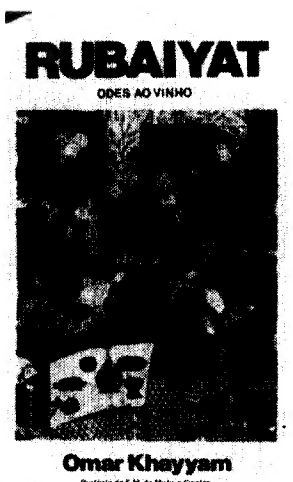
Do erro, pedimos desculpa a Carlos Reis e aos nossos leitores.

Em tempo oportuno, publicaremos em «DL ler/escrever» um resumo da comunicação de Carlos Reis, intitulada «Construção da leitura crítica».

AS LETRAS EM DIA ● AS LETRAS EM DIA

A PARTILHA DOS MITOS **é o título do novo livro de Nuno Júdice. Edições da Regra do Jogo (colecção In-Verso), desde há poucos dias nas livrarias. Júdice volta à poesia. Em fins do ano passado, lembra-se, a Contexto publicou-lhe um romance, o primeiro: «Plâncton». Mas o último de Júdice como poeta é de ainda não há um ano: «O Voo de Igitur num Copo de Dados» (E Etc).**

AUTORES AÇORIANOS – **A Escola Secundária Gabriel Pereira, de Évora, publicou o catálogo relativo à Exposição Bibliográfica de Autores Açorianos que ali esteve aberta ao público durante uma Semana da Cultura Açoriana. Dum relance pelo catálogo, é evidente que ressalta a numerosa quantidade de autores representados: mais de duas centenas (e praticamente todos naturais dos Açores, com excepções que se contam pelos dedos da mão). Mas há mais: o catálogo inclui uma relação de autores açorianos não representados na mostra através de qualquer espécie bibliográfica (e ausentes não se explica por que motivo – mas certamente por dificuldades da parte da organização). Quantos, neste caso? 259 (por extenso: duzentos e cinquenta e nove). Há conhecedores disto que sustentam a tese de que existe uma literatura açoriana – mais ou menos integrada na portuguesa, mas existe, com a sua especificidade.**



ODES AO VINHO – **Numa versão de Fernando Couto, e com prefácio de Melo e Castro, está nos escaparates «Rubaiyat» (Odes ao Vinho), de Omar Khayyam. A edição é da Moraes. Que esclarece: «A presente tradução das 'Rubaiyat' resulta de um longo e exaustivo trabalho de Fernando Couto, cuja tradução livre é feita a partir das versões francesas de Franz Toussaint, da espanhola de H. Icaza Sanchez, das brasileiras de Manuel Bandeira e Octávio Tarquínio de Sousa, tendo tido ainda em atenção as versões de Edward Fitzgerald, de J.B. Nicolas, de Jamil Almansur Haddad e de Diego Navarro.» Trata-se, por conseguinte, de uma tradução feita com todo o rigor. De interesse o prefácio de Melo e Castro.** ●

«Boca/Brûlure, Blessure» (Herberto Hélder)

Continuação da pág. 3

senvolvem. E este excesso demais que abre, faz a ferida, e não a deixa fechar, cicatrizar.

São fundamentalmente dois os movimentos metafóricos que aqui se descrevem. Num, trata-se da actividade do corpo que com a boca se relaciona, actividade que tem na boca um instante decisivo, um lugar de passagem crucial: é o «desembocar» de «os canais muitos», a respiração do mundo (que a boca, «poro monstruoso», processa), o coroamento, a coroação de «o escuro, o fôlego, o ar ardido, o coamento, o escoamento (o coar, o escoar), do «corpo», do «corpo todo». Algumas destas imagens são excessivamente impressivas, de graduação metafórica, intensíssima e elevada. Não tanto, porém, como noutros casos: «Pura consumpção em voz alta», «gangrena,/música, uma bolha, «arte medonha da paixão», e, supremamente, «o ouro, o ouro». Aqui estamos, porém, numa zona semântica mais desnivelada e é de outro movimento metafórico que se trata, da boca como lugar de privilégio, como instância corporal dotada de grande autonomia, pelo carácter simbólico do seu trabalho, pela natureza deste trabalho, pelo carácter «de ponta» desta actividade. Autonomia não funcional, mas produtiva. Não funcional, porque os trabalhos de que aí se trata são desencadeados e processados fora do âmbito bucal, por mais decisivo que seja o impulso ou o desenvolvimento que venham a sofrer neste âmbito. Autonomia produtiva, certamente, pelo teor de desvio e transformação que no âmbito da boca se processa sobre esses movimentos. A metáfora do ouro é evidentemente superlativa, extrafuncional e hierarquicamente acima de qualquer outra e das questões em que qualquer outro se encontre envolvido. «Canais», «sangue», «poro», fôlego, «ar», «tubo» (isoladamente ou integradamente, associadamente a outras) são nomeações de elementos orgânicos e funcionais, mas também (e desde logo enquanto nomeações) metáforas. Fala-se aqui de metáforas numa acepção devastadora de distinções onde caibam subtilezas como imagens, por exemplo. Toda a imagem é metáfora, mas nem tão facilmente qualquer metáfora é imagem. Toda a linguagem é matafórica, aliás – e num sentido que pode ir do mais restritamente pontual ao mais generalizado e amplo. E a noção disto está aqui patente na expressão recursiva «como se diz em nome», logo no primeiro balanceamento discursivo: «onde-/desembocam, como se diz em nome, canais muitos».

O recurso analógico à táctica comum e corrente do nome é uma concessão inevitável da estratégia poética, da vocação metafórica, ao banal, ao vulgar, ao comum? Pode admitir-se como tal. De facto, a ocorrência de «canais» é a um nível de imaginação e de substituição (ou compensação) relativamente baixo: Uma proposta fica pendente, é a de «muitos», quantitativo indefinido logo associado a «canais» e que implicará uma indefinição, uma não delimitação ou delimitação não rigorosa de proporções, de dimensões quantitativas, um alargamento indefinido do âmbito referencial (aliás, e nominalmente, referenciado).

A «pura consumpção em voz alta», ou num murmúrio» – trata-se, pelo menos numa acepção imediata, duma alusão, altamente metaforizada, ao processo de produção e consumo de palavras, que na boca se situa. A alusão não distingue produção de consumo, nem seria caso disso. O caso é de «consumpção em voz alta» e a alternativa, «num murmúrio», é uma questão gradual sem proporções qualitativas muito fortes. «Consumpção» estará aqui numa acepção circular, sobretudo reversiva: metáfora (in extremis), de autofagia, autodevoração. A boca consome-se no fogo que a incendeia. Consome-se «entre sangue venoso, ou/traça de lume», tanto faz. «Gangrena,/música,/uma bolha», prolonga a cadeia metafórica a que a boca e seus processos se associam. «Gangrena,/música,/uma bolha». Aparentemente, não há aqui alguma ordenação, qualquer hierarquia. E as relações de cada metáfora podem estabelecer-se elementarmente. «Gangrena» tem a ver com «brûlure, blessure»: «gangrena» é a crise permanente (crescente, agravando-se) da queimadura, e da consequente ferida, que não sarou. «Música» é no âmbito sonoro que se processa, tal como a fala – manifestação, declaração da voz. Quanto a «bolha», um reporte referencial propõe-nos imagem como inflação ou protuberância (de ar ou aquosa), por exemplo, à superfície da pele, em qualquer parte do corpo.

«Arte medonha da paixão» aparece abruptamente neste passo, nesta passagem. A relação mais próxima que a metáfora mantém na sequência é com «pura consumpção». É ainda da boca que se trata, mas há aqui uma elipse larga e curva, um âmbito abaulado. É o âmbito da boca e dos trabalhos e actividades que nela se situam ou través dela passam para o espaço do mundo delimitado pelo ar. O abaulamento não se faz sobre um vazio. No âmbito interno que dentro dele se forma cabem inúmeros sinais de devastação que cresce. Devastação, dizemos – «consumpção», como vimos, e também, como veremos, respiração, coroação, coroamento, escoamento, escoação. «Arte medonha da paixão»: uma só metáfora e três enigmas, três mistérios: porquê «arte»?; porquê «medonha»?; porquê «paixão»? – Reduzamo-los a dois: trata-se da «arte da paixão» e do seu carácter «medonho». «Paixão» parece ocorrer aqui numa acepção extremamente ampla: de sofrimento, sofrimento flagelador, flagelação, flagelação sofrida, sofrimento flagelado – e para não povoarmos de mais desingnações o espaço semântico que «paixão» possa criar aqui à sua volta, que aqui se possa criar à volta de «paixão». A «arte da paixão» será a arte do sofrimento. A acepção é vastíssima. O sofrimenoto é total, e essencial, se pensarmos na «pura consumpção», na pureza ou puridade como a autodevoração (pelo sofrimento) se processa. É para o ilimite desta totalidade – desta vastidão ou amplidão de tudo, desta larga amplitude de tantos sinais – que a designação qualificativa «medonha» aponta.

Na metáfora «um poro monstruoso que respira o mundo», «monstruoso» encadeia-se na mesma sequência onde se situam as demais designações tanto substantivas como adjectivas. A metáfora é metáfora de boca e mais totalizante do que as precedentes. É aqui que pela primeira vez se estabelece expressamente uma relação com o mundo, relação metaforizada pela nomeação dum agente activo e da acção que se lhe associa, «poro» e «respiração», respectivamente. «O mundo», definidamente designado, é o objecto directo desta acção. Concentra-se neste passo uma forte energia semântica e precipitam-se decisivamente mecanismos, dinamismos semânticos. A designação de «monstruoso» não tem nada de perturbador. Trata-se da relação do corpo com o mundo, e, nesta relação, a noção do corpo é prioritária, quase absoluta. O mundo será, no máximo, uma extensão do corpo, extensão relativa – campo, por mais vasto, de projecção do corpo, das suas irradiações, dos seus movimentos. O decisivo deste passo está na boca metaforizada e tem a ver com o maior intercâmbio entre o corpo e o mundo, que é na boca que se faz. Mas o decisivo entrevê-se melhor a seguir, onde se legenda um movimento inverso daquele que projecta, através da boca, da voz e da fala que nela se precipita no espaço exterior do corpo (o ar, e pode-se dizer que espaço interior do mundo), o corpo no mundo: o movimento das referências, dos signos e dos sinais que à boca afluem e nela se concentram.

«Um poro monstruoso que respira o mundo», a boca – e a indicação objectual e referencial não poderia ser mais vasta: é o mundo todo de que aqui se trata. Nos limites desta vastidão imensa refere-se ainda «o escuro, o fôlego, o ar ardido», que na boca, «esse poro monstruoso», «se coroam». A coroação é sempre apoteótica. E qualquer das designações – escuro, fôlego, ar ardido – é fundamental, e essencial, vital. Escuro, é tonalidade ou coloração concreta do âmbito onde a vida se processa; fôlego, é animação de ar vivo que se respira, que a boca respira (e a designação é predominantemente quantitativa, aponta para volume, por exemplo, volume de ar e seu domínio orgânico); ar ardido, é o ar respirado, queimado pela respiração, pelo uso respiratório que a boca, o corpo, faz dele. Mas a apoteóse, o apogeu, é quando o ouro («o ouro, o ouro») se revela. Ouro – suprema matéria.

O rematar final reinstaura a metáfora da boca: «tubo sonoro», e bate outra vez no ponto em que a boca se relaciona íntima e indissolvelmente com o corpo a que pertenço, afinal o corpo que é. ●